

**A CONSTRUÇÃO DA  
MEMÓRIA DA EPIDEMIA DE  
AIDS E SEUS  
DESDOBRAMENTOS. QUAL O  
LUGAR DOS MUSEUS NESSA  
HISTÓRIA?**

**Alex Godoy Padilha de Souza**

ALEX GODOY PADILHA DE SOUZA

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA EPIDEMIA DE AIDS E SEUS  
DESDOBRAMENTOS. QUAL O LUGAR DOS MUSEUS NESSA  
HISTÓRIA?

Monografia apresentada como pré-  
requisito para a aprovação na  
disciplina Trabalho de Conclusão  
de Curso, do Curso de Museologia  
do Centro de Filosofia e Ciências  
Humanas

Orientadora: Profa. Thainá C. C. F.  
Lopes

FLORIANÓPOLIS  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Alex Godoy Padilha de

A construção da memória da epidemia de AIDS e seus  
desdobramentos. : Qual o lugar dos museus nessa história? /  
Alex Godoy Padilha de Souza ; orientadora, Thainá Castro  
Costa Figueiredo Lopes, 2020.

138 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia,  
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. HIV. 3. AIDS. 4. Memórias. 5. Estigma.  
I. Lopes, Thainá Castro Costa Figueiredo. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Museologia. III. Título.

ALEX GODOY PADILHA DE SOUZA

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA EPIDEMIA DE AIDS E SEUS  
DESDOBRAMENTOS. QUAL O LUGAR DOS MUSEUS NESSA  
HISTÓRIA?

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção  
do Título de Bacharel em Museologia e aprovado em sua forma final  
pelo Curso de Museologia.

Florianópolis, 06 de Março de 2020.

---

Profa. Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Thainá C. C. F. Lopes  
Orientadora  
UFSC

---

Prof. Jean Tiago Baptista, Dr.  
Avaliador  
UFG (Videoconferência)

---

Profa. Leticia B. Nedel, Dra.  
Avaliadora  
UFSC

---

Franco Reinaldo  
Avaliador  
Museu da Diversidade Sexual

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela vida, pelo apoio a todo o momento, pelo amor incondicional e por sempre se colocarem a disposição para me compreender. Aos amigos espalhados pelo mundo e que me ajudaram em tantos momentos a entender que amizade e irmandade são sinônimas. Aos meus professores, que ao longo da graduação me ajudaram a construir o pensamento crítico que hoje possuo e me fizeram entender sobre os privilégios e as desigualdades da sociedade. A equipe do Museu da Diversidade Sexual, por serem tão acolhedores e mostrarem um trabalho exemplar a ser seguido, e a todas as gays, lésbicas, travestis, transexuais, pessoas soropositivas e tantas outras que se enquadram neste grande arco-íris.

Obrigado a todxs por (r)existirem sempre!

*“... Americanos ricos já não passeiam por Havana  
Veados americanos trazem o vírus da AIDS  
Para o Rio no carnaval  
Veados organizados de São Francisco conseguem  
Controlar a propagação do mal  
Só um genocida potencial  
- de batina, de gravata ou de avental -  
Pode fingir que não vê que os veados  
- tendo sido o grupo-vítima preferencial -  
Estão na situação de liderar o movimento  
Para deter a disseminação do HIV.”*

*Americanos  
Caetano Veloso*

## RESUMO

A AIDS marcou a década de 1980 como a maior epidemia dos tempos modernos e através dela, revelou diversos pontos de tensão sociais, políticos, religiosos e até econômicos. Por ter sua transmissibilidade através do sexo e do sangue, o HIV desenvolveu sua história através do moralismo e dos simbolismos atrelados às suas vias de transmissão, que geraram o estigma e o preconceito encontrados até hoje quando o tema é abordado.

Desta maneira, a pesquisa busca analisar os fatores que contribuíram para a construção da memória da epidemia, como esta influencia hoje a forma como encaramos o vírus e como os museus, espaços de memória, podem através de suas ações contribuir com a desconstrução do estigma e do preconceito atrelados a doença.

**Palavras Chave:** HIV, AIDS, estigma, preconceito, museologia, museu, memórias.

## ABSTRACT

AIDS marked the 1980s as the greatest epidemic of modern times and through it revealed several points of social, political, religious and even economic tension. Because of its transmissibility through sex and blood, HIV developed its history through moralism and symbolism linked to its transmission routes, which generated the stigma and prejudice found until today when the topic is addressed.

In this way, the research seeks to analyze the factors that contributed to the construction of the epidemic's memory, how it influences today the way we face the virus and how museums, memory spaces, can, through their actions contribute to the deconstruction of stigma and prejudice linked to the disease.

**Keywords:** HIV, AIDS, stigma, prejudice, museology, museum, memories.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIA - Associação Brasileira da Indústria de Alimentos  
AIDS - Síndrome da imunodeficiência adquirida / Acquired Immunodeficiency Syndrome  
AZT - Azidotimidina  
CDC - Centros de Controle e Prevenção de Doenças / Centers for Disease Control and Prevention  
FDA - Food and Drug Administration  
GAPA - Grupo de Apoio a Prevenção da AIDS  
GGB - Grupo Gay da Bahia  
GMHC - Gay Men's Health Crisis  
GMP - Gay Men's Press  
GRID - Imunodeficiência relacionada aos gays / Gay-related immune deficiency  
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana / Human Immunodeficiency Virus  
IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus  
ICOM - Conselho Internacional de Museus / International Council of Museums  
IMN - Inspetoria de Monumentos Nacionais  
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais  
MAM - Museu de Arte Moderna  
MASP - Museu de Artes de São Paulo  
MDS - Museu da Diversidade Sexual  
MINOM - Movimento Internacional para uma Nova Museologia  
MOMA - Museu de Arte Moderna de Nova Iorque  
OIM - Office International des Musées  
OMS - Organização Mundial de Saúde  
ONG - Organização não-governamental  
ONU - Organização das Nações Unidas  
SISEM - SP - Sistema Estadual de Museus de São Paulo  
SIV - Vírus da Imunodeficiência Símia / Simian Immunodeficiency Virus  
SMU - Schwules Museum  
UNAIDS - United Nations Program on HIV/AIDS  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Motivos de se evitar o tratamento. ....	48
Gráfico 2: Tipos de estigma e discriminação.....	49
Gráfico 3: Dificuldades de revelar o status sorológico. ....	50
Gráfico 4: Distribuição percentual dos casos de AIDS em homens de 13 ou mais anos. ....	51
Gráfico 5: Distribuição percentual dos casos de AIDS segundo raça/cor da pele.....	52
Gráfico 6: Taxa de detecção de AIDS em homens.....	53
Gráfico 7: Taxa de detecção de AIDS em mulheres.....	55

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Manchete da Folha de São Paulo, 1o de março, 1987 .....	37
Imagem 2 - Capa da revista Veja de 26 de abril de 1989.....	46
Imagem 3 - Bandeira no Museu do Futebol 2019.....	78
Imagem 4 -Imagem de divulgação da exposição “Histórias da sexualidade” realizada em 2017/2018.....	79
Imagem 5 - Capa do catálogo publicado em 2013 pelo British Museum... 80	
Imagens 6 e 7 - “The Warren Cup” à esquerda e à direita, “Ladies of Llangolen”.....	81
Imagem 8 - imagem de divulgação da IV Seminário de Política de Acervos, sob o tema Memórias e Patrimônio LGBT. ....	82
Imagem 9 - Imagem de divulgação do Dia Internacional de Museus de 2020.....	84
Imagem 10 - Fotografia de Christopher Boatwright por Marty Sohl. ...	88
Imagem 11 - Imagem de indígena “two spirit”.....	89
Imagem 12 - catálogo da exposição. ....	91
Imagem 13 e 14 - À esquerda: Larry Kramer, retrato de George Towne, Óleo a bordo. À direita: African Pietà (2013) de Clecio Lira, Fotografia digital em acrílico.....	92
Imagem 15 - Horizonte da ilha de Manhattan no Night Without light. 94	
Imagem 16 - Documento e notícia sobre o the (red) ribbon.....	95
Imagem 17 – Logo do World AIDS Museum.....	97
Imagem 18 - Cartaz produzido por Darcy Penteadado para a primeira campanha do GAPA/SP em 1985. ....	101
Imagem 19 - Planta expográfica, vista frontal da exposição Darcy Penteadado, o observador do humano.....	102
Imagens 20 e 21 - À esquerda, “Cristo é despojado das vestes” da série “Proposta para uma nova Via Crucis” de 1966. À direita, projeto de apresentação da obra na exposição.....	103
Imagens 22 e 23 - Fotos de visitantes em meio às obras na abertura da exposição.....	104
Imagens 23 e 24 - Fotos das obras no plano expográfico da sala magenta. ....	104
Imagem 25- Foto do início da exposição onde se vê uma imagem de Darcy ao lado do texto curatorial e a entrada da sala magenta.....	106
Imagem 26 - Cartaz de divulgação da semana “Caio mon amour” realizada pela secretaria de cultura do estado de São Paulo.....	108
Imagem 27 - Planta expográfica da parte externa e interna da exposição.....	109

Imagem 28 - Planta expográfica da parte 02 externa e imagem dos poemas destacáveis. ....	110
Imagem 29- Plotagem das paredes externas 1 e 4 da exposição .....	111
Imagem 30 - Plotagem da linha do tempo de Caio Fernando Abreu. Em destaque trecho que aborda a temática do HIV. ....	111
Imagem 31 - Expografia da parte interna da exposição .....	112
Imagens 32 e 33 - Fotos do espaço expográfico .....	112
Imagem 34- Lançamento do livros “Libido e seus ensaios sobre um vírus - HIV” .....	114
Imagem 35 - Cartaz da exposição .....	115
Imagem 36- Paredes externas da exposição.....	116
Imagens 37 e 38 - Módulo “Resistência dos Vaga-lumes” e “vagalumes se refletem nas telas” .....	117
Imagem39- Planta expositiva da exposição. As paredes relacionadas à tematica do HIV são as evidenciadas no esquema por B e C.....	117
Imagem40 - Imagem do módulo expositivo relativo a epidemia de AIDS. ....	118
Imagem41- Personagens criados pela cartunista Laerte para a exposição .....	119
Imagem 42- Posts de divulgação das ações da relacionadas ao dia 01 de Dezembro, O Dia Mundial de Luta Contra a AIDS.....	123

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	21
CAPÍTULO 1 - Sobre o vírus e suas relações.....	27
1.1 - Elementos construtores do imaginário da AIDS.....	27
1.2 - Memórias de uma epidemia.....	39
1.3 Desdobramentos na atualidade.....	47
CAPÍTULO 2 - Sobre a museologia e suas ações.....	57
2.1 - Museologia em transformação.....	57
2.2 museologia LGBT e seus entraves.....	70
2.3 Memórias do HIV/AIDS e os museus.....	85
CAPÍTULO 3 - Reflexões sobre uma Museologia PositHIVa.....	99
3.1 Estudo de caso: HIV no MDS.....	99
3.1.1 Darcy Penteado, o observador do humano.....	100
3.1.2 Caio Mon Amour: amor e sexualidade na obra de Caio Fernando Abreu.....	107
3.1.3 Devassos no paraíso: O Brasil mostra sua cara.....	114
3.2 - Reflexões sobre exposições positHIVas .....	119
3.3 - O Museu da Diversidade como exemplo de Museologia LGBT.	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131

## INTRODUÇÃO

*A doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa. Todos que nascem têm dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom, mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos desse outro lugar.*

*Susan Sontag*

Um dos casos considerados mais antigos de AIDS confirmado por exames sanguíneos foi o da pesquisadora e médica dinamarquesa Margrethe P. Rask (HOOPER, 1999) que em 1964 passou meses atendendo pacientes em um hospital no Zaire (atual República Democrática do Congo). A médica, que na época tinha apenas 34 anos, retornou ao seu país de origem para concluir sua formação e oito anos mais tarde retornou ao Zaire, onde exerceu sua função em um hospital na cidade de Abumombazabi e posteriormente no hospital da Cruz Vermelha em Kinshasa.

Em algum momento entre estes dois trabalhos, a saúde da médica começa a deteriorar irreversivelmente obrigando-a a regressar para a Dinamarca uma última vez, onde foi cuidada por sua namorada até a morte precoce, em 1977. Anos mais tarde, quando o vírus HIV já havia sido descoberto, amostras de seu sangue foram testadas e confirmou-se que Rask foi um dos primeiros casos confirmados de morte por AIDS fora do continente africano. (DUARTE E ROHDEN, 2019)

Os primeiros registros dessa nova doença datam dos anos de 1977 e 1978 nos EUA, Haiti e África Central, chegando ao Brasil em 1982. Classificada como uma nova síndrome em 1981, a misteriosa doença recebe o nome de “Doença dos 5H”, representando os homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e *hookers* (denominação em inglês para as profissionais do sexo). Neste período fica reconhecido o fator de possível transmissão por contato sexual, uso de drogas ou exposição a sangue e derivados.

A década de 1980 representa o período de agravamento da disseminação da AIDS. Muitos estudos foram iniciados na tentativa de

identificar o agente etiológico da doença, que passou a se manifestar em heterossexuais e crianças, mas ainda em sua maioria, homens homossexuais<sup>1</sup>.

No ano de 1983, o vírus transmissor da imunodeficiência humana é efetivamente diagnosticado, marcando uma nova fase de estudos da epidemia que três anos depois, resulta na primeira droga antiviral, a azidotimidina ou AZT, aprovada pelo órgão norte-americano de controle sobre produtos farmacêuticos - Food and Drug Administration (FDA).

A década de 1990 e início dos anos 2000 são marcados pelos avanços nas pesquisas relacionadas ao HIV/AIDS, que se desdobram entre a busca por formas de se evitar o contágio e disseminação do vírus e a procura da erradicação deste em pacientes já infectados. Essas duas frentes de atuação resultaram em conquistas importantes como a criação de diferentes métodos contraceptivos ao HIV assim como o desenvolvimento dos medicamentos de maior eficácia e com menos efeitos colaterais, que proporcionam o aumento da qualidade de vida e da longevidade à comunidade soropositiva, ampliando o leque de opções no tratamento e controle da doença.

A dedicação às pesquisas relacionadas ao vírus por mais de 30 anos garantem que hoje, pessoas vivendo com HIV tenham uma vida normal, saudável e não transmitam o vírus, mudando completamente o panorama relacionado à doença e projetando um prognóstico positivo em relação a uma possível cura.

Diante deste novo cenário, como a sociedade está enxergando o HIV e as pessoas que com ele vivem? Como estão sendo estabelecidas as relações entre pessoas sorodiferentes neste contexto onde uma epidemia que fez milhares de vítimas, agora faz parte do passado? Como a memória desta epidemia se desdobra na atualidade e como os museus estão atuando em relação a esta memória?

Minha relação com a museologia se inicia após um período em Diamantina- MG<sup>2</sup>, onde pude ter um contato mais íntimo com o

---

<sup>1</sup> Neste período, a AIDS era divulgada na mídia como peste ou câncer gay, reforçando o estigma de que a doença era característica desta comunidade.

<sup>2</sup> Diamantina foi cenário importante do período extrativista de minério e diamantes no século XVIII. Lar de personalidades importantes da história brasileira como Chica da Silva e João Fernandes e também Juscelino Kubitschek, sendo tombada pelo Iphan em 1938 e, em 1999, a cidade recebe o título de Patrimônio Mundial, pela UNESCO devido à sua relevância histórica, artística e cultural.

universo dos museus e das artes. O convívio próximo com historiadores, artistas locais e profissionais de museu, somados ao contexto de extrema importância onde estava inserido, me despertou o interesse sobre questões relacionadas à memória e à sua preservação.

Assim, dou início à minha trajetória dentro do curso na Universidade Federal de Santa Catarina em 2015 onde logo de início percebo a amplitude e potencialidade do campo dos museus. Passar por disciplinas como “Memória e museu” e “Pensamento contemporâneo em Museologia” me permitiram entender sobre a construção da memória individual, como ela se dá em relação à memória coletiva no que diz respeito à construção de diferentes identidades e qual o papel dos museus neste processo.

Todo este conhecimento ganhou um novo sentido quando em 2016 recebi meu diagnóstico de HIV+. O processo de descobrimento e aceitação do que é ser soropositivo me fez refletir sobre memória, como indivíduo, como sociedade e sobre o que significa ser HIV+. Todas essas questões passaram naturalmente a rondar meus pensamentos e que agora como pessoa soropositiva e futuro museólogo, servem de motivação para o trabalho desenvolvido.

A presente pesquisa tem como base os referenciais teóricos da museologia social, cujo surgimento floresce, segundo Frederic Mayor, “tanto do interesse do público pela cultura como resultado do alargamento dos tempos de lazer, como a crescente tomada de consciência cultural como reação às ameaças inerentes à aceleração das transformações sociais.”

A tomada de consciência citada pelo Diretor Geral da UNESCO, na abertura da XV Conferência Geral do ICOM gerou desde a segunda metade do século XX, um processo de evolução dentro da museologia onde “a instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objetos para fins taxonômicos, têm cada vez mais - e alguns disso se inquietam - dando lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social.”

Neste sentido, o surgimento de novas tipologias de museus a exemplo, os museus comunitários, ecomuseus, museus itinerantes, de território ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna, tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica trazendo a luz às memórias invisibilizadas dentro do contexto no qual nascem os museus da era moderna e evidenciando novos recortes da história que por muito tempo



permaneceram ocultos pelo discurso hegemônico vigorado em instituições tradicionais.

A possibilidade de reanalisar os fatos, de reorganizar as ideias, faz da museologia e dos museus, hoje, um campo fértil para pensar estes espaços não mais nos moldes do século XIX, mas como locais do tempo presente, engajados com temas e questões da atualidade, onde as memórias possam ser ressignificadas e reinterpretadas.

Os museus, enquanto agentes representacionais validam identidades e práticas sociais e desta maneira atuam como uma bússola dentro do contexto onde estão inseridos. É importante reconhecer o potencial social e político destas instituições, uma vez que as mesmas são responsáveis por salvaguardar, pesquisar e comunicar a memória dos diferentes povos através de seus acervos e também entender que o modo como os museus atuam hoje, determina o recorte e a perspectiva na qual uma história é contada, moldando assim o discurso e a forma como estas memórias serão incluídas dentro da memória coletiva (HALBWACHS,1990).

É neste cenário de novas possibilidades que minha pesquisa se desenvolve com o objetivo de analisar a construção da memória da epidemia de AIDS dos anos 1980, de modo a entender como ela reflete a maneira como as pessoas se relacionarem com o HIV, identificando os fatores que o associa à comunidade LGBT<sup>3</sup> e como essas narrativas de memória se tornaram indissociáveis uma à outra.

A pesquisa busca também evidenciar como os museus na atualidade (tanto espaços específicos a preservação das memórias da comunidade LGBT quanto outras tipologias de museus) podem trabalhar essas memórias em seus espaços, abordando a temática da sexualidade e conseqüentemente, do HIV/AIDS de modo a colaborar com o combate e controle da epidemia, do estigma e do preconceito, realizando para ao final, um diagnóstico de três exposições do Museu da Diversidade Sexual de São Paulo relacionadas a essa temática.

A instituição foi escolhida em razão do reconhecimento e de suas ações, sendo referencial no que diz respeito à preservação e difusão da memória da comunidade LGBT, ao lado de instituições como o Schwules Museum de Berlim, o GLBT History Museum de São Francisco e o Leslie-Lohman Museum of Gay and Lesbian Art de Nova Iorque.

---

<sup>3</sup> A utilização da sigla LGBT ao longo do trabalho foi adotada pelo fato desta ser a terminologia utilizada em debates e documentos legais produzidos no Brasil.

Inaugurado dentro da estação do Metrô República em 25 de Maio de 2012 através do Decreto Estadual 58.075, o Museu é vinculado à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e tem como missão: *“Preservar o patrimônio sócio, político e cultural da comunidade LGBT do Brasil por meio da pesquisa, salvaguarda e comunicação de referências materiais e imateriais, com vistas à valorização e visibilidade da diversidade sexual, contribuindo para a educação e promoção da cidadania plena e de uma cultura em direitos humanos.”*

O Museu da Diversidade Sexual torna-se o principal aparelho de preservação do patrimônio cultural da comunidade LGBT brasileira, trabalhando a favor da valorização da diversidade na construção sociocultural do país através da preservação e divulgação de documentos e acervos referentes à memória e história política, econômica, social e cultural da comunidade LGBT do país.

É importante ressaltar que o Brasil se encontra atualmente entre os países que mais matam LGBTs no mundo. Segundo relatório do Grupo Gay da Bahia<sup>4</sup> de 2018 sobre mortes violentas de LGBT+ no Brasil, 420 LGBT morreram barbaramente assassinados ou se suicidaram vítimas da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais.

Este trabalho vem contribuir com a ampliação dos estudos referentes à memória da comunidade LGBT dentro do campo da museologia, em um momento onde as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade estão no centro de discussões políticas, sociais e acadêmicas no Brasil e no mundo. O desenvolvimento desta pesquisa também só se torna possível devido ao acesso ao ensino público de qualidade, que me possibilitou não só o aprendizado do pensamento crítico sobre as diferentes realidades do mundo, mas que também contribui para que hoje, como profissional museólogo, seja possível gerar impacto sob essas realidades de maneira positiva<sup>5</sup>.

No plano metodológico, foram realizados levantamento, leitura e análise de documentos ligados ao campo da museologia tais como artigos, teses, legislação nacional, entidades nacionais e supranacionais,

---

<sup>4</sup> O Grupo Gay da Bahia é uma das principais organizações da sociedade civil de ativismo LGBT do Brasil e são responsáveis pela elaboração deste relatório anual que quantifica os dados referentes aos níveis de mortalidade e LGBTfobia no país.

<sup>5</sup> Utilizo este termo em referência não somente às atitudes positivas perante a produção do conhecimento mas também para ressignificar a conotação negativa do “ser positivo”.

repositórios eletrônicos. No que diz respeito ao estudo de caso realizado no terceiro capítulo, a análise deu-se através de levantamento do material produzido pelo Museu da Diversidade Sexual para concepção das três exposições em questão dentre eles, projetos expográficos, projetos gráficos, as plantas expositivas, textos curatoriais e outros fragmentos de textos incorporados nas exposições, além de imagens, fotografias e notícias referentes a elas.

O primeiro capítulo foi dividido em três partes. A primeira busca evidenciar os elementos constitutivos da memória da epidemia de AIDS nos anos 1980, de modo a destacar aspectos políticos, religiosos e sociais que contribuíram para a formação do estigma e o preconceito sobre a comunidade LGBT em relação ao vírus. A segunda parte traz o conceito de memória, seu processo de construção e como esta dinâmica se desenvolve com o HIV/AIDS sendo a terceira e última parte do capítulo referente aos desdobramentos da epidemia de HIV/AIDS na atualidade.

O segundo capítulo foi dividido em três partes. A primeira aborda a questão da museologia e seu desenvolvimento ao longo do tempo, a segunda busca traçar paralelos entre a nova museologia e a manutenção das diversidades culturais imateriais, relacionando-a com a temática da sexualidade e das memórias LGBTs e a terceira e última parte busca fazer uma aproximação dos museus com o HIV/AIDS trazendo a partir de alguns exemplos as possibilidades de abordagem do tema dentro desses espaços.

O último capítulo apresenta uma análise de três exposições do Museu da Diversidade Sexual de São Paulo, que dialogam com a temática do HIV; São elas: Darcy Penteado, o Observador do Humano (2016), CAIO mon amour (2017) e Devassos no paraíso (2019) finalizando com algumas reflexões sobre a potencialidade dos museus em promover a diminuição do estigma e do preconceito a partir da abordagem do tema.

## CAPÍTULO 1 - Sobre o vírus e suas relações

### 1.1 - Elementos construtores do imaginário da AIDS

*A AIDS traz junto de si toda uma constelação de problemas que são carregadas de emoção, carregadas de preconceito, carregadas de criminalização, que é todo o problema da homossexualidade, da sexualidade, que é tudo aquilo que está relacionado às relações das pessoas, da virtude, do pecado, da vida, da morte, e tudo isso está de alguma maneira condensado numa coisa que tem quatro letras e que as pessoas começam a ter uma espécie de pânico em relação a isso.*

*Herbert de Souza, Betinho  
fundador da Associação Brasileira  
Interdisciplinar de AIDS - ABIA*

Muito se questiona sobre a origem da maior epidemia dos tempos modernos. A AIDS tem sua epidemiologia que remete ao vírus da imunodeficiência símia, SIV, existente no organismo de diferentes espécies de macacos como os mangabeis, chimpanzês, o macaco asiático e o macaco verde, encontrados no continente africano (GRMEK, 1995).

Devido aos vários conflitos intertribais, pobreza e fome, tribos espalhadas pelo norte da África caçavam esses animais e nas ações eram mordidos ou arranhados. Segundo Grmek (1995) O parentesco entre os HIVs e os SIVs sugere a hipótese de uma infecção interespecífica recente, com adaptação das cepas símias ao homem, todavia, esta teoria embora possível, ainda não é comprovada devido à grande distância genética entre as cepas dos dois vírus. Outros questionamentos surgem na tentativa de se traçar uma historicidade do vírus: Como ele se manteve latente por tanto tempo, eclodindo em uma epidemia somente no início dos anos 80? A resposta, segundo autor, se dá a partir de uma combinação de fatores biológicos e sociais que nos permitem entender que o *boom* da AIDS é resultado de um processo longo e que veio, nos anos 70, ultrapassar um limiar crítico.

Nos últimos 12 anos, muito progresso foi feito para desvendar a complexa cadeia de eventos que levou à pior pandemia dos tempos modernos. A fonte do grupo M do HIV-1 ('M' principal) é o chimpanzé *Pan troglodytes troglodytes* da África central, que habita o sul dos Camarões, Gabão, Guiné Equatorial, Congo – Brazzaville, sudoeste da República Centro-Africana, o enclave de Cabinda em Angola e uma pequena parte da República Democrática do Congo ao norte do rio Congo. O verdadeiro 'Paciente Zero', aquele que iniciou a pandemia, deve ter vivido em algum lugar dentro deste território. As evidências de seqüenciamento sugerem que isso pode ter ocorrido no sudeste dos Camarões ou nas áreas adjacentes da República Centro-Africana e do Congo – Brazzaville (PÉPIN, 2013).

O vírus do HIV teria permanecido ativo na África até o final dos anos 60, contudo, o cenário começa a mudar com o início das guerras de independência, quando o fluxo de pessoas entre as regiões, urbanização e também pelo avanço de um novo estilo de vida pós industrial contribuíram para que o vírus se espalhasse para outras regiões do mundo.

Começando em Camarões e na África Equatorial Francesa durante a Primeira Guerra Mundial, autoridades coloniais de saúde implementaram programas ambiciosos com o objetivo de controlar doenças tropicais selecionadas. Duas vezes por ano, equipes móveis examinavam toda a população das aldeias da região, cuja participação era compulsória. Neste contexto a existência de vírus estava apenas começando a ser levantada e ninguém previu que estes poderiam ser transmitidos pelo sangue através de injeções contaminadas e que naquele momento, agulhas e seringas foram usadas repetidamente com esterilização inadequada, quando eram esterilizadas (PÉPIN, 2013).

Quando o vírus chegou à capital do Congo Belga, o número de pessoas infectadas aumentou muito lentamente durante a primeira metade do século, seguido de uma amplificação exponencial a partir do início dos anos 50.

A prostituição praticada na época por mulheres livres não poderia explicar esse aumento acentuado no número de pessoas infectadas pelo HIV, mas e a transmissão parenteral? Em Léopoldville, as doenças tropicais eram incomuns, pois a população africana era examinada e tratada regularmente para proteger os belgas. Mas a clínica local de doenças sexualmente transmissíveis (DST) pode ter representado uma tempestade perfeita: tratou mulheres livres que tinham que aparecer mensalmente para estar em conformidade com a lei, e os migrantes também eram obrigados a serem rastreados. Um número impressionante de injeções foi administrado nesta pequena instalação, principalmente para o tratamento de sífilis presumida (PÉPIN, 2013).

A amplificação exponencial do vírus do HIV ocorreu no início da década de 1950 principalmente por transmissão parenteral, seguida na década de 1960 por ampliação via heterossexual, que se tornou possível quando a prostituição na região mudou abruptamente, à medida que as revoltas provocadas pela descolonização malfeita do Congo levavam à grandes migrações para Léopoldville. A exportação do vírus para outros países africanos e para o Haiti acontece no decorrer da década de 1970, provavelmente através de um dos 4.500 assistentes técnicos haitianos que trabalharam no Congo durante esse período turbulento. Do Haiti, o vírus foi rapidamente reexportado para os EUA, presumivelmente pelo turismo sexual de gays americanos nos anos 70 (PÉPIN, 2013).

No ano de 1978 foram registrados apenas 4 casos da doença misteriosa que em 4 anos, ultrapassou a contagem de 700 pessoas diagnosticadas. De cada 10 pessoas que contraíram a doença, 9 eram homens e 70% eram homossexuais, fato que fez com que a AIDS no início de sua epidemia, fosse chamada de “peste gay”.

Sobre isso, Pollak escreve:

[...]A AIDS evoca as grandes epidemias descritas em *Le temps de la peste*, por William McNeill, segundo quem as epidemias acompanhariam cronologicamente as mudanças profundas e rápidas das relações sociais e dos modos de vida.

Toda vez que populações afastadas entram em contato umas com as outras, toda vez que se modificam fundamentalmente as trocas entre os homens, os agentes infecciosos aumentariam de virulência contra indivíduos e grupos que mais desenvolveram ou sofreram essas transformações e cujas capacidades de defesa se encontram reduzidas. Esse vínculo cronológico entre modificações sociais e a ocorrência das epidemias leva evidentemente a pensar, no caso da AIDS, na liberação sexual, da qual os homossexuais foram simultaneamente os beneficiários e os agentes mais ativos (POLLAK, 1990, p 11).

Michel Pollak escreveu em 1990 o livro “Os homossexuais e a AIDS: Sociologia de uma epidemia” fazendo uma análise, a partir dos resultados de pesquisas realizadas com leitores da revista francesa *Gai Pied Hebdo* nos verões de 1985, 1986 e 1987, da comunidade gay parisiense frente à epidemia de AIDS que se alastrava rapidamente, evidenciando assim uma série de fatores que contribuíram para a associação da doença a este grupo e mostrando como no desenrolar da epidemia da década de 80, a AIDS se tornou um poderoso revelador de tensões sociais, políticas e também religiosas.

Devemos assim como o autor, analisar estes e outros fatores existentes que se tornam elementos constitutivos desta narrativa para entendermos como se deu a construção das memórias do HIV/AIDS e como se dão seus desdobramentos na atualidade, afetando hoje a forma como encaramos o vírus.

É inegável dizer que a década de 80 foi marcada pela morte de milhares de pessoas pela AIDS e que grande parte delas eram homossexuais, mas é de extrema importância compreender o papel de agentes políticos, médicos, sociais e também da mídia na construção do imagético de “peste gay” atrelado aos primeiros anos da epidemia na tentativa em contramão de desconstrução desta ideia, uma vez que um vírus não tem capacidade de determinar o contágio a partir da orientação sexual do indivíduo.

Em 1981 a doença ganha sua identificação médica, mas somente em 1983 o vírus do HIV é de fato isolado, dando início a novas possibilidades de pesquisa e prevenção. Neste período de três anos, a medicina foi obrigada a lidar com uma epidemia de altíssima letalidade, sem saber de maneira efetiva, suas causas, seus agentes transmissores e a forma de tratá-la.

Na história da AIDS, segundo Jeolás (2007), o discurso médico deixou-se influenciar profundamente pela ideia de que a homossexualidade é doença, pecado ou aberração; de que o sexo anal, sobretudo homossexual, acarreta perigo, e pela concepção de que a promiscuidade é inaceitável.

Inicialmente denominada GRID - “gay-related immune deficiency” ou imunodeficiência relacionada aos gays, a medicina desliza e associa pela observação comportamental dos pacientes diagnosticados, o surto da doença unicamente a este grupo, até que ficasse claro que somente parte dos contaminados eram homossexuais. A relação entre o “moralmente reprovável e o higienicamente desaconselhável”, encontrado dentro da narrativa médica do início da epidemia, para Moraes e Carrara (1985b), se estabelece a partir de conceitos presos a um mesmo imaginário social: a sodomia, prática impura que remete ao pecado e o sexo anal, associado à perversão uma vez que

[...] coloca em contato regiões do corpo carregadas de significação e valores opostos em nossa cultura: de um lado, o falus, o princípio gerador da vida, de força masculina, fecundante; de outro o ânus, que se liga àquilo que deve ser eliminado, que em nós mesmos representa o que está morto e é cercado de ritos de separação e evitação. [...] Uma via invertida que dá origem a uma doença invertida, já que a AIDS se usa das defesas do organismo para atacar (MORAES E CARRARA, 1985B).

A associação médica entre AIDS e homossexualidade, ainda que momentânea, ajuda a consolidar uma imagem equivocada sobre a doença mesmo após a confirmação de que a transmissão da doença se dava através do sangue ou do esperma. Em 1984 surge a partir de estudos do Centro para Controle e Prevenção de Doenças norteamericano (CDC) o termo “paciente Zero” da AIDS, dado ao comissário de bordo da companhia aérea Air Canada, Gaëtan Dugas. Caracterizado por um comportamento promíscuo, o comissário, homossexual, foi responsabilizado por infectar intencionalmente, ou ao menos de maneira imprudente, centenas de pessoas com o vírus HIV (AND THE BAND PLAYED ON, 1993). Dugas morre neste mesmo ano, mas somente em 2007 sua sentença de disseminador da AIDS é descartada após a publicação de um artigo da Academia Nacional de Ciências Norte



Americanas que confirma o trajeto do vírus HIV da África para o Haiti e em seguida, para os EUA ao longo da década de 60. (WOROBEY, M., et al., 2016)

A partir da observação dos casos diagnosticados e do perfil dos pacientes, foram estabelecidos em seguida os chamados “grupos de risco”, caracterizados por hemofílicos (doença hereditária que impossibilita a formação de coágulos sanguíneos responsáveis por conter sangramentos e hemorragias), heroinômanos (usuários de heroína e outras drogas injetáveis), haitianos, profissionais do sexo e homossexuais, consolidando assim a ideia de quem faz parte dos grupos de risco teria AIDS e quem não faz parte, estaria livre da doença. Jeolás (1997 p.54), afirma que o afastamento da doença para longe de si próprio, enquanto sujeito, remetendo o mal para um grupo do qual esse sujeito não faz parte, foi atitude recorrente.

Ricardo Tapajós, médico infectologista e participante do documentário “Carta para além dos Muros” de 2019 afirma que o binarismo criado pela terminologia dos grupos de risco, fez da AIDS a doença do outro, o que gerou além de uma epidemia biológica, também uma epidemia moral, onde de um lado encontrava-se a parcela da população “a salvo” e do outro, agonizando em paranóia coletiva, os que se enquadram nestes grupos. Cria-se também neste contexto moralizante, a diferenciação dentre os portadores da doença, os considerados vítimas da AIDS (crianças, hemofílicos, pessoas que receberam transfusões de sangue contaminado) e os merecedores da AIDS (os homossexuais, usuários de drogas injetáveis, profissionais do sexo, imigrantes africanos).

O caráter contagioso da doença e sua progressão rápida criaram um sentimento de urgência acompanhado desde o início à sede de “furos” jornalísticos sobre o assunto. Noticiada sempre com sensacionalismo nesta primeira década, o jornalismo da AIDS combinava as incertezas científicas com previsões de pânico coletivo e doses altas de moralismo; daí as defasagens existentes entre os avanços das pesquisas, sua colocação em forma jornalística e seus ajustes pela população.

A difusão através da mídia, fundamental, possibilitou que a notícia da existência da AIDS circulasse entre todos os grupos sociais, evidenciando, ao mesmo tempo o papel da comunicação na produção do real.

Isso propiciou a construção social da AIDS pela dinâmica interação de diferentes discursos, provenientes de várias instâncias: da ciência, da religião da política de saúde do Estado, dos militares, dos doentes e de pessoas afetadas pela doença, da imprensa e de outros meios de comunicação. [...]As significativas associações que se criaram em torno da AIDS e os contornos de suas imagens foram emergindo com fortes associações simbólicas e, em grande parte, alimentadas pelos meios de comunicação, dada a contínua interação existente entre eles e o imaginário social (JEOLÁS, 2007 p.51).

Sobre a mídia, Michael Pollak (1990, p. 11) descreve que mesmo nos comentários menos moralistas, a AIDS parece marcar o fim da época de liberdade e o fim de certo modo de viver a homossexualidade e sobre esta, alguns fatores comportamentais precisam ser analisados, dentre estes, a gestão de uma identidade indizível:

Se a liberação dos costumes abriu um “mercado sexual” livre de coerções “não sexuais” às sexualidades marginalizadas e, em primeiro lugar, à homossexualidade masculina, a proibição constante da homossexualidade reforçou e acelerou a separação da sexualidade e da afetividade. Daí a busca de relações anônimas e múltiplas, já que a homossexualidade, como toda prática clandestina, obriga a uma organização que minimize os riscos e, ao mesmo tempo, otimize a eficácia. O homossexual é, portanto, condenado a uma gestão complexa de sua vida, muitas vezes dupla, às vezes desmultiplicada (POLLAK, 1990, p 25).

A definição de fronteiras específicas entre “vida privada” e “vida pública” traduzida pela delimitação de espaços e momentos particulares protegidos do olhar heterossexual influenciaram diretamente a dinâmica sexual que se estabelece dentro do grupo, criando pontos de contato e redes de transmissão do vírus em locais como saunas, cruising bars, praças ou outras situações onde gays de diferentes idades e realidades sociais se permitiam encontrar para vivenciar a homossexualidade ao

seu extremo criando um cenário onde o risco de contágio e transmissão se tornava iminente devido ao fluxo.

O número de vítimas do sexo masculino, sobretudo, homossexuais acaba de certa maneira, por secundarizar o fato do vírus ser sexualmente transmissível. O final dos anos 70 carrega consigo as marcas da liberação sexual, da autonomia dos corpos e da liberdade da qual a comunidade gay foi, desde este período, sua maior representação e por isso a transmissão pelo contato sexual acaba por ser entendida e muitas vezes anunciada como transmissão pelo sexo homossexual, o que contribuiu com a legitimação da doença como “peste” ou “câncer gay” e o distanciamento da heterossexualidade em relação ao risco.

É importante, contudo, analisarmos dentro deste contexto, os diferentes níveis de aceitação da homossexualidade e da construção de si perante a sexualidade que perpassa desde uma identidade assumida, percorre os indivíduos “discretos e fora do meio” chegando até a uma homossexualidade enrustida e disfarçada dentro de roteiros heterossexuais. Desta forma podemos compreender talvez as relações de contágio entre diferentes sexualidades, que se estabelecem a partir de contatos homoafetivos fora do casamento.

As nuances de como a homossexualidade é vivida influenciaram também nas reações à epidemia, resultando desde uma assimilação mais imediata das questões relacionadas à AIDS até uma dissociação e distanciamento dos mais “discretos” de modo a se proteger não só do risco iminente de contaminação, mas também do preconceito relacionado à doença e sua associação com os homossexuais.

Com a epidemia, surge também a ideia da “peste” proveniente da amálgama cultural “sexo-doença-punição” originada dos dogmas da igreja e desta vez bastante impulsionada pelas mídias de massa (POLLAK, 1990). O fato dos homossexuais estarem no centro do alvo da doença reforçou o estereótipo de que a homossexualidade é pecado e por essa razão, passível de punição divina.

Não somente neste sentido influenciou a igreja em relação à epidemia, mas também com relação aos métodos preventivos de transmissão do HIV, uma vez que o Vaticano condena o uso de preservativo entre os católicos. Para o catolicismo, a melhor maneira de se combater a AIDS é através da fidelidade no casamento ou a abstinência sexual. O relato do Doutor Drauzio Varella<sup>6</sup> no

---

<sup>6</sup> Antônio Drauzio Varella é médico oncologista e pesquisador formado pela Universidade de São Paulo (USP). No início dos anos 70, iniciou a carreira na área de moléstias infecciosas do Hospital do Servidor Público de São

documentário “Carta para além dos muros” (2019), afirma que o papel da igreja dentro da epidemia chega a ser criminoso, pois negar os métodos de prevenção de uma doença sexualmente transmissível, potencialmente fatal e naquela época, universalmente fatal, defendendo a ideia de que o sexo só deve ser feito depois do casamento e nunca com outra pessoa após ele, seria apostar em um comportamento humano quase irreal.

Se no campo médico, o estigma se estabelece nos primeiros anos de pesquisa, no campo político essa relação se estende por mais de uma década. O silêncio e o descaso do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan perante a epidemia que se alastra no país, se tornou sua marca em seu primeiro mandato (de 1981 a 1985). Questionado por profissionais da imprensa e requisitado por pesquisadores do campo da saúde, Reagan se mostrou indiferente em relação ao número crescente de mortes de homossexuais, usuários de drogas e imigrantes haitianos durante os três primeiros anos de sua gestão.

A reação do presidente em relação à epidemia representava a opinião majoritária da população republicana do país, que consideravam a nova doença fatal, um destino justo aos que padeciam dela. Seu silêncio é quebrado somente em 1985, quando Reagan menciona a palavra AIDS pela primeira vez e de maneira bastante pejorativa, afirmando que os pais deveriam se responsabilizar pelo contato que seus filhos poderiam ter com a doença (BAUME, 2018).

Nem mesmo a morte do ator e amigo, Rock Hudson neste mesmo ano, fez com que Reagan reagisse. Hudson foi a primeira celebridade a morrer de AIDS, dando um rosto à epidemia e trazendo o assunto para as manchetes dos principais jornais. Somente em 1987, na 3ª Conferência internacional sobre AIDS, em Washington, o presidente Ronald Reagan manifesta algum posicionamento do governo em relação à epidemia, que já contabilizava mais de 20 mil mortes no país. (TOPPING, 2015)

Caracterizada pelo militarismo e pelo foco no embate contra o Iraque na Guerra do Golfo, a gestão de George H. W. Bush (1989 - 1993) também passa batida pela questão da AIDS. Somente com Bill

---

Paulo. Durante 20 anos, dirigiu também o serviço de imunologia do Hospital do Câncer (São Paulo) e, de 1990 a 1992, o serviço de câncer do Hospital do Ipiranga. Também ficou conhecido pela sua atuação nos estudos relacionados a AIDS e sarcoma de Kaposi desde o início da epidemia e em 1989, iniciou um trabalho no presídio do Carandiru investigando a existência do vírus HIV dentro da comunidade carcerária.

Clinton a epidemia recebe atenção, sendo vista como um “inimigo de Estado”. A tomada de consciência do presidente fez com que o governo norte americano concedesse amplos fundos para a pesquisa e a prevenção do vírus do HIV nos Estados Unidos, porém, a negligência deliberada durante mais de uma década causou um saldo de mortes enorme, além de permitir o avanço da epidemia (POZ MAGAZINE STAFF, 2004)

No Brasil, os primeiros casos da doença surgem em 1982 em um cenário político de inquietude devido à ditadura militar. Os discursos sobre a AIDS aparecem na grande mídia no período da redemocratização e criando paradoxalmente uma narrativa que evidencia os casos recém-descobertos, mantendo o foco nas pessoas LGBT e invisibilizando casos de contaminação entre heterossexuais, o que contribuiu em grande parte para se legitimar uma série de violações e violências contra travestis e LGBTs na década de 1980 (BARATA, 2006).

O manejo do pânico moral tem, portanto, finalidades políticas muito precisas (Reishoffer, & Bicalho, 2009). Diante do contexto de produção do discurso de ódio, o acirramento de lógicas punitivistas direcionadas a grupos específicos aponta para processos de criminalização fundamentados em relações de acusação sociais complexas. Enquanto a manipulação do pânico moral dirige o ódio a algumas minorias, abre-se espaço para a culpabilização arbitrária de algumas pessoas que são responsabilizadas pelo acirramento das tensões sociais (CAVALCANTI, 2018, p.184).

O relatório Comissão da Verdade de São Paulo<sup>7</sup> descreve que a ditadura reforçou o poder da polícia instituindo uma notória permissividade para a prática de graves violações dos direitos humanos de pessoas LGBT, num contexto onde a ideologia que justificava o

---

<sup>7</sup> A Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” foi a primeira a apurar as violações de direitos humanos praticadas durante a ditadura brasileira contra a população de lésbicas, gays, transexuais e transgêneros (LGBT) e também compreender as formas de resistência do movimento LGBT em desenvolvimento, contra a repressão ditatorial do período.



Nessa direção a Operação Tarântula pode ser vista como um exemplo nítido de como processos de incriminação podem operar pela norma (e não somente pela lei), contaminando o processo penal com percepções coletivas pautadas na dinâmica de abjeção. A verdade e o ódio se entranham na Operação Tarântula, fazendo com que impere o caráter inquisitorial do modelo penal, na medida em que para serem enquadradas no artigo de crime de contágio venéreo, não importa aos operadores da lei sequer saber previamente se há contágio doloso ou mesmo se há alguma travesti contaminada. Não caberia ali uma dinâmica acusatória com direitos a defesa e argumentações como elementos centrais. A verdade seria construída pelos próprios agentes de incriminação, visando como único caminho responder hipóteses já há muito formuladas (CAVALCANTI, 2018, p. 184).

O protagonismo da comunidade médica e da sociedade civil em relação ao surto de AIDS que se alastrou por São Paulo e Rio de Janeiro formaram a força de combate à doença diante ao descaso e da violência neste período de transição entre o fim da ditadura e o início da nova república. A medida mais relevante tomada pelo governo acontece em 1996 que sob pressão de ONGs compostas por pacientes, amigos e familiares de pessoas portadoras do HIV, médicos e sociedade civil, demandaram auxílio e responsabilização do estado no tratamento da doença. José Sarney, nessa época presidente do senado, apresenta em 13 de julho, o projeto de Lei 158/96 propondo a distribuição gratuita de medicamentos aos portadores do vírus HIV e aos doentes de AIDS. O projeto foi convertido na Lei 9.313 de 1996 e hoje garante o acesso de milhares de brasileiros e ficou conhecida como “Lei Sarney”, colocando o Brasil na vanguarda do combate e prevenção da doença desde então.

A partir da análise das esferas que participam da construção social da AIDS percebemos que as articulações de múltiplas dimensões acarretam conflitos pessoais, éticos, políticos e sociais, tornando-a, de acordo com Jeolás (2007), um fato social total, uma vez que a doença extrapola os limites do corpo e da biomédica, reestruturando a maneira como se desenvolvem as relações em sociedade.

As tensões existentes entre conhecimento e sentido se tornam cada vez mais evidentes conforme as pesquisas sobre o vírus avançam,

tornando o mal biológico indissociado de suas configurações simbólicas que repousam na ideia de impureza, na mistura do que deveria permanecer separado: mescla de fluidos (sangue, esperma, saliva), de raças e povos (africanos, haitianos, norte-americanos, europeus) e de orientações sexuais (hetero, bi e homossexuais) (JEOLÁS 2007 p.67).

## 1.2 - Memórias de uma epidemia

*As doenças, como sabemos há muito, são fenômenos da experiência humana e vêm recheadas de significados, símbolos, metáforas e valores. A infecção pelo HIV, em pleno furor pós-moderno, virou uma grande epidemia de discursos, daquele tipo de discurso que ao ser discursado quer construir uma verdade, geralmente míope. Assim, a doença foi construída por discursos dominantes, de governo, de igreja, de cientistas, de políticos, como uma doença do outro, nunca de nós mesmos.*

*Ricardo Tapajós*

*Médico infectologista e professor na  
Faculdade de Medicina da USP*

Somos seres dotados de memória, e o que isso significa? Sabemos que a memória é algo referente à mente e que é ela o mecanismo responsável por nos conectar ao passado, através das lembranças, de experiências vividas, dos cheiros, dos sons, das sensações, das emoções.

Falar de memória é diferente de falar de história, uma vez que memória é algo interno aos indivíduos, é energia viva, pulsante e sempre passível a novas interpretações. A memória, segundo Pierre Nora (1993) está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, permanece exposta às intempéries do tempo e quase como um impulso, nos dita a forma como reagimos a ele, trazendo à tona as lembranças de experiências passadas e moldando assim nossa existência, já a história atua de modo a cristalizar os acontecimentos passados, tecendo de forma universal uma narrativa pertencente, conforme Halbwachs (1990) escreve, a todos e a ninguém.

O desejo de memória é ancestral; se faz presente desde a arte rupestre em grutas e paredes e acompanha o homem em toda sua



evolução. A história por sua vez tem uma criação, um desenvolvimento e na medida em que cresce a necessidade de uma historiografia de todos, apagam-se memórias em um movimento descrito por Pierre Nora (1993) como a deslegitimação do passado vivido, a reconstituição de um passado sem lacuna e sem falha.

É essencial entendermos que a construção dessas narrativas históricas se estabelecem a partir de fragmentos, recortes de memórias que permitem que o todo seja assimilado pela massa. Halbwachs usa o termo “negociação” para explicar essa conciliação entre memórias individuais e coletivas, uma vez que elas se beneficiam de modo a estabelecer pontos de contato suficientes em uma base comum (HALBWACHS, 1990).

Essa relação entre as memórias individuais e as memórias dos outros se entrelaçam para estabelecer o que entendemos como história. Um gigante que se perde para além do horizonte do passado, que nos influencia no presente e nos projeta para o futuro.

Diferente do que se estabelece no patamar das memórias coletivas, o que é mantido em segredo, no campo individual das lembranças não permanece inerte, mas é transmitido sempre de maneira sutil, de forma íntima, no ambiente familiar, nas conversas afetivas e nas relações de amizade, mantendo-as vivas e perpetuando suas existências.

A forma como a história se constrói, a partir de recortes, também incorpora em sua estrutura o silêncio. Esse silêncio é o trapo que sobra dos recortes feitos no grande tecido das memórias e que permanece guardado, esperando o momento quando a história se rasga e necessita de remendo. Michel Pollak (1989) escreve que o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais e assim sendo, tal discurso serve também como gatilho que traz à tona, principalmente em momentos de crise, o que estabelece o autor como memórias subterrâneas.

São essas as lembranças que não querem ser lembradas, são memórias traumáticas, sentimentos negados, são os fatos controversos, os arrependimentos, os preconceitos, são as dores. Muitas vezes o silenciamento começa dentro de quem as viveu, afinal, lembrar algo que se prefere esquecer tem um peso muito grande e desta maneira são construídas as relações que se estabelecem entre as memórias e a história; a partir de evidenciações e apagamentos. Uma trama bem articulada entre o que é dito e o que é silenciado.

A dinâmica do silêncio sobre o passado surge da angústia de se encontrar um ouvinte, alguém disposto a ouvir sem pré-julgamentos. Há

também o medo de não ser compreendido e da incompreensão, a exclusão. Existe também o esforço em se fazer ouvir, a necessidade de externalizar o sofrimento e o trabalho psicológico do indivíduo para controlar a dor. Sobre isso, Pollack (1989, p.13) escreve:

Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história.

Todas essas questões que permeiam o filtro das memórias separam o que é dito do que permanece às sombras do esquecimento, criando assim uma rede de memórias coletivas subterrâneas. Mas embora este processo se estabeleça a partir do fenômeno da dominação, este não remete necessariamente à relação entre Estado dominador e sociedade civil, mas mais fortemente entre grupos minoritários ou dominados e sociedade englobante, como cita Pollak (1989, p.3).

Sabendo do processo de construção das memórias e também da dominância estabelecida pela história, surge a necessidade de análise e estudo das memórias traumáticas, pois o reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva evidencia a necessidade e relevância do estudo da memória dos excluídos uma vez que esta análise amplia os horizontes do que é tido como verdade e permite que a história receba novas perspectivas, olhares mais honestos sobre uma narrativa oficial.

É neste emaranhado de emoções e sentimentos que se construiu a imagem do vírus do HIV e da epidemia de AIDS, em uma narrativa repleta de moralismos e preconceitos que se desdobra em uma epidemia de significados. Isso porque a AIDS carrega consigo tudo aquilo que é condenado, pondo em pauta assuntos que de maneira geral ficam escondidos. Falar de HIV/AIDS é falar sobre sexualidade, sobre desejos, sobre prazeres e como satisfazemos esses prazeres. Falar sobre HIV/AIDS é falar sobre pudor e libido, controle e perversão, virtude e pecado, sobre a vida e a morte, através de múltiplas perspectivas que de maneira geral estigmatizam, segregam e martirizam ainda hoje seus portadores.

Na tentativa de entender o risco de algo desconhecido, buscou-se um “porque” que afeta tanto a quem está doente, quanto aqueles que assistem de fora. Uma doença é, segundo Augé (1991), paradoxalmente a mais individual e a mais social das coisas, uma vez que os esquemas

de pensamento que permitem reconhecê-la e tratá-la são sociais, e pensar a própria doença já significa fazer referência aos outros.

As representações sociais situam-se na interface entre o indivíduo e o coletivo, e conformam-se num processo construtivo simbólico e criativo, em que conteúdos mais estáveis articulam-se com outros mais dinâmicos; existem permanências e mudanças - que implicam diversidades - em seu processo de elaboração. Na verdade, algumas representações mostram-se muito estáveis, fazendo-se presentes na história da cultura ocidental, mesmo quando articuladas a outras configurações mentais. É o caso de alguns significados atribuídos à noção de contágio ao longo das várias epidemias, dos significados de falta, culpa ou responsabilidade patentes em certas doenças e dos significados de pecado, doença ou anormalidade relacionados a algumas manifestações da sexualidade (JEOLÁS, 2007, p.42).

Os significados descritos por Jeolás (2007) se incorporam na construção social da AIDS e influenciam a forma como nos relacionamos com a doença na atualidade, uma vez que o impacto causado pela epidemia da década de 1980, de certa maneira prevalece em relação aos avanços médicos relacionados ao controle do vírus, estabelecendo uma memória atrelada à morte, às perdas e principalmente, a uma doença sem cura e sem tratamento.

Sendo assim, o fantasma da AIDS continua assombrando a quem toca no assunto e de maneira tão intensa quanto nos anos 80, uma vez que suas representações sociais se associam a ideia da morte civil estabelecida por Daniel (1989) no que diz respeito à suspensão da cidadania das pessoas vivendo com HIV/AIDS, e a ideia de “atestado de morte” atrelada ao diagnóstico.

A conotação negativa que surge da associação do HIV/AIDS com práticas tidas como impuras, pecadoras e criminosas cria um sentimento de vergonha e culpa que distancia as pessoas de informações de qualidade sobre a doença e o seu tratamento, dificultando assim o controle de uma epidemia que atualmente é tratável.

Construíram-se *caricaturas de doentes em potencial*, com os quais quase ninguém queria ou podia se identificar, muito prejudiciais na prática, pois o medo da discriminação conduzia as pessoas, inversamente a se afastarem de informações seguras e/ou à rejeição de buscar um acompanhamento especializado, quer no caso de serem soropositivas, quer no caso de pensarem na possibilidade de o serem (JEOLÁS, 2007, p.64).

Sobre a morte, a perda e a descrença de se viver com a doença, devemos valorizar o discurso dos sobreviventes do período da epidemia, sejam elas pessoas que vivem (HIV+) ou que convivem (HIV-) com HIV/AIDS, pois destas narrativas podemos extrair relatos que carregam em si a memória vivida e o testemunho de tempos duros do auge da epidemia. Para Valle (2018), o trabalho emocional presente no discurso dos sobreviventes, carregam em si as ausências e desaparecimentos que são recuperados por um exercício de memória do que foi vivido ou do que se deixou de viver, dos medos, das dificuldades, além da associação destes fatos ao que foi recomposto em termos de trajetória de vida. A articulação do passado com o presente através da memória é o testemunho que traz a tona o significado de sobrevivência.

Dessas narrativas nasce o ativismo do HIV/AIDS que se estabelece já nos primeiros anos da epidemia através da união de pessoas que adquiriram o vírus e outras tantas que as cercavam (familiares, amigos, médicos, etc) dando voz e poder a sociedade civil dentro do processo moralizador e estigmatizante que caracteriza a história da AIDS. Segundo Daniel & Parker (1991):

Por um lado, um significativo trabalho começou a ser levado adiante por grupos já existentes anteriormente, como a Associação dos Hemofílicos, e pequenos grupos homossexuais, como o Atobá e o GGB, que responderam aos riscos percebidos entre suas diferentes clientelas, envolvendo-se em ações políticas em torno das questões apresentadas pela AIDS, bem como na disseminação de materiais educativos.

Por outro lado, um grande número de novos grupos e organizações formaram-se especificamente em resposta à AIDS desde meados de 1985, quando um variado grupo de pessoas - de profissionais de saúde e até ativistas políticos e membros de organizações homossexuais - reuniram-se em São Paulo para formar o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS), uma organização de voluntários destinada a fornecer ajuda básica e serviços de aconselhamento para pessoas com AIDS, bem como para educar e informar o público em geral".

A formação do GAPA, e de outros importantes grupos como a ABIA<sup>9</sup> (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS) e o Grupo Pela Vidua/RJ<sup>10</sup> reorganizaram, segundo Silva (1998), o ritmo do trabalho, da pesquisa e do ativismo dentro de um cenário onde o desenvolvimento do conhecimento e das descobertas médicas era tido como norteador das relações entre os diferentes atores sociais envolvidos. Caracterizado pelo esforço coletivo na busca pela cura e por melhores condições de vida às pessoas convivendo com o vírus, as ONG/AIDS se tornaram peças fundamentais no avanço das pesquisas e na luta pela cidadania, frutos do engajamento social de médicos e pesquisadores e da pressão destes grupos formados por pacientes e pessoas que convivem com o HIV.

Além das ONGS/AIDS, outro tipo de grupo também surgem no decorrer da epidemia; as casas de apoio e acolhimento. Essas casas eram espaços onde pessoas abandonadas por suas famílias ou expulsas de casa em decorrência do diagnóstico do HIV recebiam abrigo e aconselhamento. Dentre estas, uma casa que se destacou foi a Casa de Apoio Brenda Lee, criada pela travesti e ativista Brenda Lee para o acolhimento de outras travestis em estado de vulnerabilidade.

---

<sup>9</sup> Fundada em 1987 pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e outros ativistas, a ABIA é uma organização não-governamental que concentra suas atuações em três eixos principais: 1) Prevenção, Tratamento e Assistência; 2) Direitos e sexualidade e 3) Medicamentos e sustentabilidade.

<sup>10</sup> O Grupo Pela Vidua foi criado em 1989 no Rio de Janeiro, pelo escritor Herbert Daniel com o objetivo de incluir na dinâmica de políticas públicas, as pessoas que vivem com HIV/AIDS e seus familiares, tornando-as vozes ativas perante as suas demandas. Este grupo atualmente possui atuação em Niterói, São Paulo, Goiânia, Espírito Santo e Paraná.

Para Silva (1998), na esfera política, estas ONGs criam matrizes de solidariedade que surgem apesar do Estado, além do Estado e com o Estado através da luta em favor de direitos e da cidadania das pessoas que vivem e convivem com o HIV/AIDS e de uma perspectiva social, atuam como “tradutores” da linguagem médica no que diz respeito à informação e ao cuidado de si, pois é através delas que os avanços nas pesquisas e as novidades referentes ao tratamento são decodificadas aos seus participantes e difundidas pelo grupo.

Outro aspecto importante das ONGs são os personagens que se destacam como liderança na militância do HIV/AIDS. Inseridas neste contexto de luta por direitos e pela cidadania, essas pessoas acabam se tornando representantes da defesa dos direitos humanos.

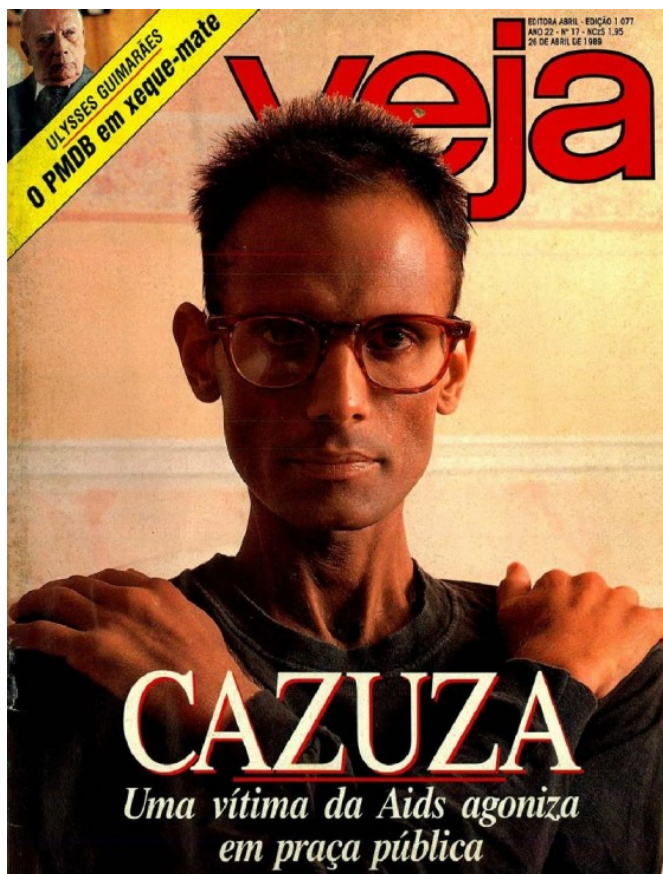
As lideranças na maioria das vezes não têm um histórico de participação política anterior. São formadas por pessoas atingidas direta ou indiretamente, inicialmente homens gays, e mesmo que haja alguns ex-militantes do movimento homossexual a temática gay não é uma "bandeira" das ONGs/Aids. O discurso é de que a Aids é um problema de todos e de que são necessárias respostas imediatas. A trajetória individual entre a descoberta da soropositividade, o adoecimento e a morte também é rápida, seja pelos limites da medicina da época, seja pelo silêncio das pessoas que incorporam a culpa pela sua soropositividade, muitas vezes associada à sua orientação sexual” (SILVA, 1998, p.133).

É inevitável que haja uma aproximação entre a vida pública e a vida privada das pessoas que atuam neste e para estes grupos, uma vez que o engajamento está fortemente atrelado às narrativas individuais e da exposição de si, atribuindo valor sentimental ao trabalho que se relaciona diretamente a pessoas que são afetadas pela epidemia, independente da sorologia dos ativistas, a luta em defesa destas pessoas é um princípio que organiza o coletivo.

A este exemplo podemos não podemos deixar de citar Agenor de Miranda Araújo Neto, ou simplesmente Cazuzá; o ídolo do Rock brasileiro, a cara da juventude boêmia e rebelde que no final da década de oitenta, se transforma na cara da AIDS. Cazuzá fez da sua fama o palco para apresentar a doença ao Brasil, trazendo às claras e propondo (leia-se forçando) o debate (quase que “goela a baixo”, para muitos) em

um período onde o discurso sobre o HIV era altamente carregado de estigma e o preconceito.

Imagem 2 - Capa da revista Veja de 26 de abril de 1989.



Fonte: rede mundial de computadores, 2020

O trabalho realizado pelas ONG/AIDS e por tantos agentes ao longo da epidemia passa a ter desdobramentos que vão além do campo social e dos direitos de pessoas portadoras do vírus HIV, quando suas atuações começam também a ser responsáveis pela preservação e difusão das memórias do grupo, função que se assemelha àquelas dadas aos museus.

A criação destes coletivos se estabelece não somente pela necessidade de ajuda, pela ânsia do desenvolvimento das pesquisas referentes ao tratamento e a uma possível cura, mas também pela criação de um senso de coletividade que se dá pelo desejo de se fazer presente, de ser notado dentro da sociedade, de existir.

Para os que foram levados pela fúria da AIDS, fica o desejo de memória soterrado pelo medo que devastou uma geração, mas que permanece adormecido como sementes embaixo da terra e prontas para germinar nas lembranças dos que se foram e quem encontram nos museus um solo fértil para germinarem.

Não devemos esquecer que junto da doença, do estigma, do medo e da morte estarão sempre a beleza dos quadros, o sentimento dos poemas, a alegria das performances, a energia das músicas, a intensidade dos debates, as ideias, os planos os sonhos, a liberdade conquistada por homens e mulheres que exerceram seu direito de AMAR.

### **1.3 Desdobramentos na atualidade**

A partir de dados retirados do Índice de Estigma em Relação às pessoas vivendo com HIV<sup>11</sup> pode-se analisar como a construção social da doença afeta a maneira como se lida com ela na atualidade. Dos 1.784 participantes do questionário, 41,1% responderam que evitaram ou demoraram a realizar o teste de HIV, pois não estavam preparados para lidar com o fato de que poderiam ser soropositivos. 31,3% dos participantes se declararam preocupados com que outras pessoas descobrissem sua sorologia. Estes dados revelam como o medo em relação a uma doença, hoje tratável, e como o estigma são barreiras ao tratamento e o controle da epidemia.

---

<sup>11</sup> O questionário é uma ferramenta para mensurar o estigma e à discriminação relacionados ao HIV, a partir da perspectiva das pessoas vivendo com HIV. Formado por 80 perguntas, este trabalho foi realizado pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e faz parte do Plano Conjunto sobre HIV e AIDS das Nações Unidas 2018-2019.



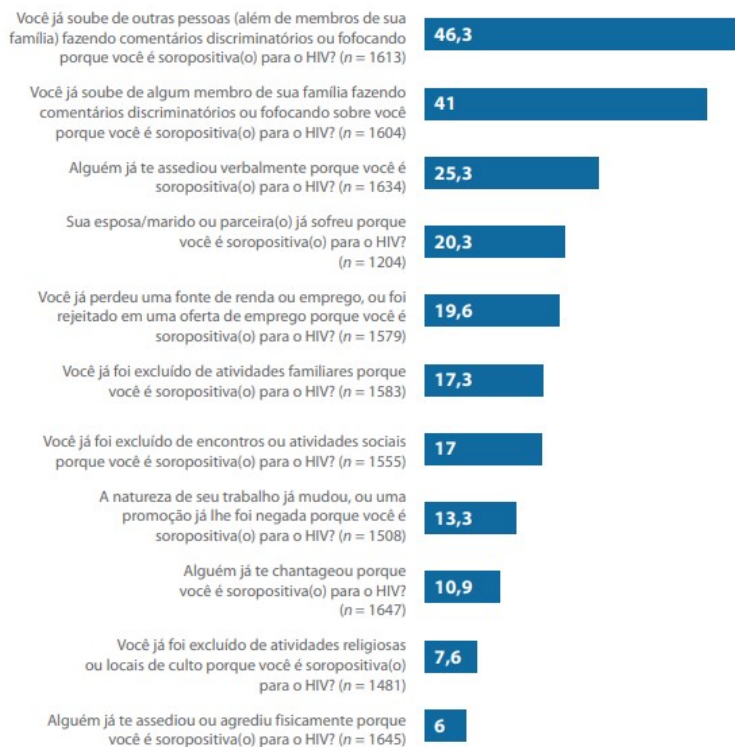
**Gráfico 1:** Motivos de se evitar o tratamento.

Proporção de participantes que afirmaram que os motivos a seguir os fizeram evitar, demorar ou impediram-lhes de receber cuidados ou tratamento relativos ao HIV (%)

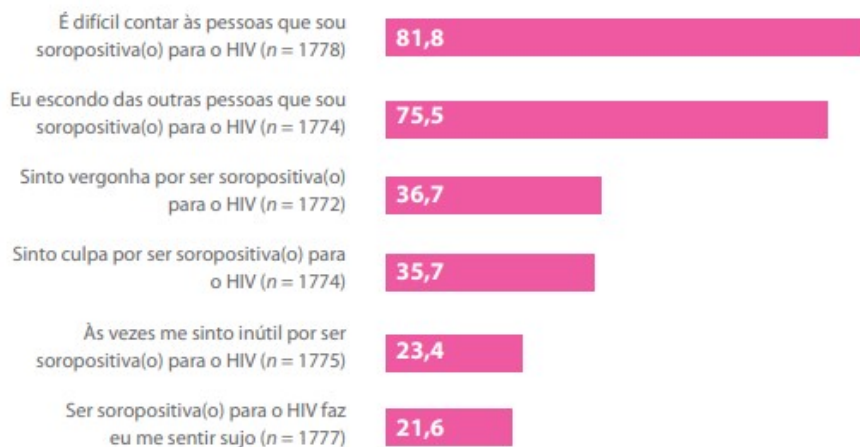


Fonte: UNAIDS, 2019b

O segundo gráfico, mostra como a discriminação se faz presente nas vidas de pessoas que convivem com o HIV. De diferentes maneiras que vão desde comentários e fofocas até agressões físicas, grande parte dos participantes já passaram por alguma situação discriminatória, sendo agressões verbais e fofocas relacionadas à sua sorologia- 46,3%, a mais comum.

**Gráfico 2:** Tipos de estigma e discriminação.**Proporção de participantes que já sofreram diferentes formas de estigma e discriminação (%)****Fonte:** UNAIDS, 2019b

Uma última análise nos mostra como a doença afeta individualmente as pessoas que vivem com HIV. Dos 1.784 participantes, 81,8% acham difícil revelar sua sorologia e muitos vivem escondendo este aspecto de suas vidas. O gráfico também revela que pelo menos 35% dos entrevistados sentem vergonha, culpa, ou se sentem sujos por ter HIV.

**Gráfico 3:** Dificuldades de revelar o status sorológico.

**Fonte:** UNAIDS, 2019b

Estes dados nos ajudam a perceber como a doença ainda carrega muito do que se foi construído na década de 1980. A associação pejorativa da contaminação com algo impuro, vergonhoso e pecador, a sentença de morte, o preconceito; todos estes elementos ainda hoje cercam o imaginário do HIV/AIDS.

O afastamento e isolamento decorrentes do medo se refletem nos números de novas infecções do vírus HIV e mortes relacionadas à AIDS no Brasil e no mundo. Segundo estatísticas divulgadas pela UNAIDS<sup>12</sup>, cerca de 1,7 milhões de pessoas contraíram o vírus e 770 mil morreram por complicações da AIDS em 2018 no mundo. Das 37,9 milhões de pessoas que vivem com HIV, 62% (23,3 milhões) tiveram acesso ao tratamento; Cerca de 8,1 milhões de pessoas não sabiam que estavam vivendo com HIV.

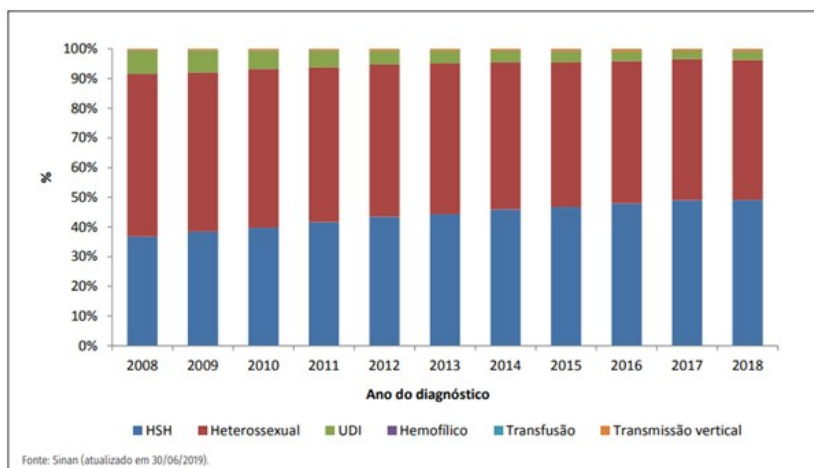
No Brasil, segundo Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS 2019 do Ministério da Saúde, em 2018, foram diagnosticados 43.941 novos casos de HIV e 10.980 óbitos em decorrência da AIDS, com uma taxa de mortalidade padronizada de 4,4/100.000 habitantes.

<sup>12</sup> Programa das Nações Unidas estabelecido em 1996 com o intuito de criar soluções no combate à AIDS e promover a difusão de informações relacionadas à doença.

A partir das informações contidas neste documento, podemos analisar o desenvolvimento da epidemia de AIDS no país e também estabelecer algumas relações dos desdobramentos da doença com relação a sua construção social.

O aumento constante do número de novas infecções pode em parte ser explicado a partir da construção social da doença, que afasta as pessoas de informações atualizadas e de qualidade sobre o vírus e seu tratamento e que ainda hoje é vista por muitos, como a doença do outro. O gráfico revela como atualmente o número de infecções heterossexuais se aproxima do número de infecção de homens que fazem sexo com homens (HSH), desmistificando o conceito de “grupos de risco” associado ao passado, mas que predomina ainda na atualidade, fazendo com que a associação do HIV com a comunidade LGBT distancie muitos heterossexuais em situação de risco, do diagnóstico e tratamento da doença.

**Gráfico 4:** Distribuição percentual dos casos de AIDS em homens de 13 ou mais anos.



Distribuição percentual dos casos de aids em homens de 13 anos ou mais segundo categoria de exposição, por ano de diagnóstico.

Fonte: BRASIL, 2019

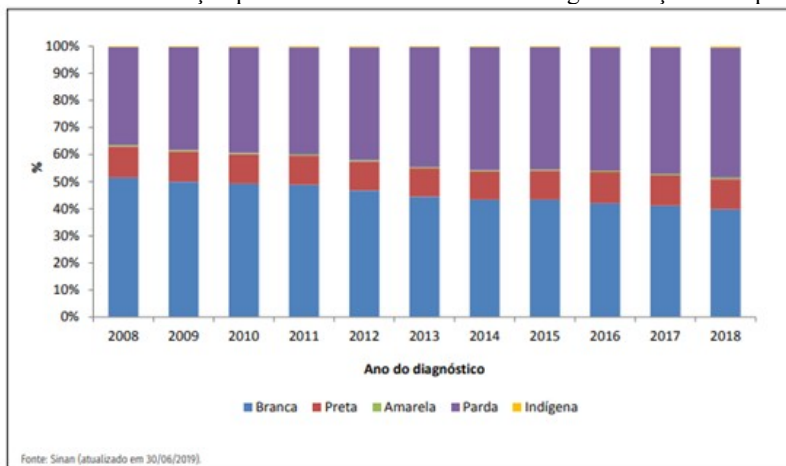
Atualmente o termo “grupo de risco” não é mais utilizado, pois se remete ao período onde o combate a AIDS se relacionava muito mais a estigmatização do que a conscientização, que se dá na atualidade pela análise das *populações-chave*.

O Ministério da Saúde define *populações-chave* como: “Os segmentos populacionais mais vulneráveis ao HIV/AIDS e que apresentam prevalência superior à média nacional, que é de 0,4%. Essas populações são: gays e outros hsh; pessoas trans; pessoas que usam álcool e outras drogas; pessoas privadas de liberdade e trabalhadoras (es) sexuais.”.

Por mais que essa nova conceituação se assemelhe aos grupos de risco, a definição das populações-chave perpassa também a análise de raça, nível social, regionalidade e outros fatores de vulnerabilidade de contribuem no estabelecimento de ações de prevenção e combate a doença.

Analisando o gráfico do boletim que nos mostra os dados referentes à raça/cor da pele nota-se um crescimento no número de casos de AIDS entre pessoas negras ou pardas, assim como o número de infecção pelo vírus. Para essas pessoas, o risco de infecção da doença soma-se a diversos outros riscos iminentes a estes grupos como a violência, o racismo, a dificuldade do acesso à educação e a saúde e sobre eles Pedrosa & Dias (1997) sustentam a ideia de que a exclusão e a vulnerabilidade sociais são potencializadores da infecção pelo HIV e afirmam que a prevenção e assistência para estes grupos são mecanismos estratégicos de controle da epidemia e de manutenção da cidadania, corroborando com a nova definição de populações chave para o desenvolvimento de ações específicas de prevenção e controle.

**Gráfico 5:** Distribuição percentual dos casos de AIDS segundo raça/cor da pele.

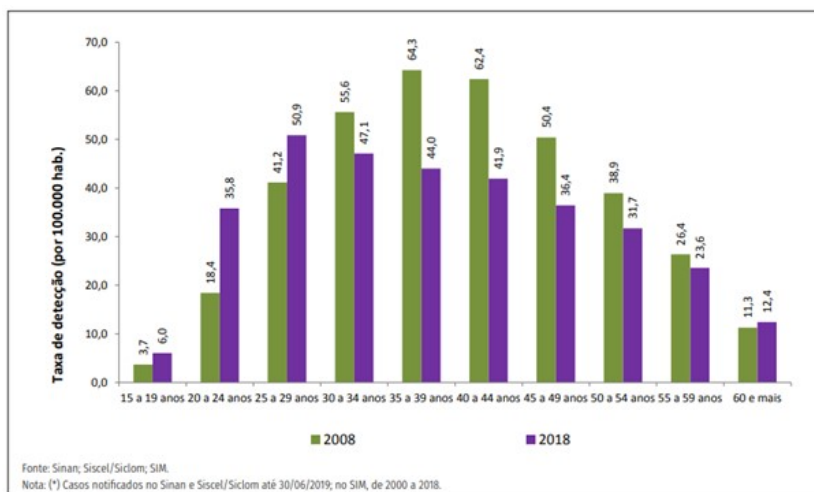


Distribuição percentual dos casos de aids segundo raça/cor da pele, por ano de diagnóstico. Brasil, 2008 a 2018

Fonte: BRASIL, 2019

Outra análise importante que deve ser feita, é referente ao número de novos diagnósticos em relação à faixa etária. O gráfico abaixo compara estes números entre os anos de 2008 e 2018 e a partir desta comparação conclui-se que neste período houve um aumento significativo no número de infecções entre jovens do sexo masculino entre 15 e 29 anos, assim como em homens com mais de 60 anos.

**Gráfico 6:** Taxa de detecção de AIDS em homens



Taxa de detecção de aids (por 100.000 habitantes) em homens, segundo faixa etária e sexo, Brasil. 2008 e 2018\*

Fonte: BRASIL, 2019

A juventude é analisada por Jeolás (2007) com um período repleto de inquietudes relacionadas à puberdade, as mudanças do corpo e a transição para a fase adulta da vida que incorpora também o início das atividades sexuais. As tensões características deste momento, somadas às novas dinâmicas características da vida moderna, como o ingresso no mercado de trabalho, pressão para o ingresso em uma universidade, desestabilizam quem está prestes a iniciar a vida sexual.

O que entra em jogo na dinâmica da iniciação do sexo (paixão, confiança em si e no outro, performance, tesão, etc) faz deste momento, algo irracional ou passional, onde a responsabilidade consigo e com o outro muitas vezes fique em segundo plano. Independente da fase da vida, o momento do sexo é caracterizado pela emoção, pela paixão e

pela irracionalidade, tornando muitas vezes o ato de se proteger um fator de quebra racional dentro de um momento de fervor.

A este cenário, soma-se a questão da desinformação relacionada ao HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e também a falta de referenciais em relação à própria epidemia que nos faz refletir sobre a educação sexual dos jovens na atualidade.

As gerações posteriores aos anos 2000 não vivenciaram a epidemia dos anos 80 e pouco tem acesso as memórias relacionadas e ela. A desinformação e a falta de referências (ídolos como Cazusa, Renato Russo, Freddy Mercury, Magic Johnson) e vivências (perda de amigos e familiares) ligadas ao HIV/AIDS, soma-se a esta nova conjuntura onde a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a incluir o HIV/AIDS na categoria das "condições crônicas", sendo considerada um doença tratável e clinicamente "manejável" (ALENCAR et al. 2008).

O decreto da Lei nº 9.313, de 13 de novembro de 1996, que dispõe sobre a distribuição gratuita de medicamentos as pessoas que vivem com HIV/AIDS, dá início a uma nova fase na história do vírus; o avanço das pesquisas relacionadas à doença e seu tratamento possibilitaram aos seus portadores um prognóstico de vida semelhante a pessoas que não infectadas pelo HIV. A medicação hoje utilizada vem sendo aprimorada ano após ano, reduzindo os efeitos colaterais de quem a utiliza<sup>13</sup>, aumentando sua eficácia e reduzindo o vírus a um nível indetectável em exames laboratoriais, o que impossibilita sua transmissão a outras pessoas (UNAIDS, 2019)<sup>14</sup>.

Paralelamente, a ausência de uma política sobre educação sexual nas escolas, baseada nos mesmos moralismos que fizeram do HIV/AIDS um monstro a ser temido, colocam as gerações do novo milênio em uma posição de desamparo e vulnerabilidade quando a pauta é sexualidade, mas também de imprudência quando se trata de saúde e segurança sexual.

Sobre o aumento no número de casos em homens acima de 60 anos, o advento do Viagra nos anos 2000, recolocou dentro da dinâmica

---

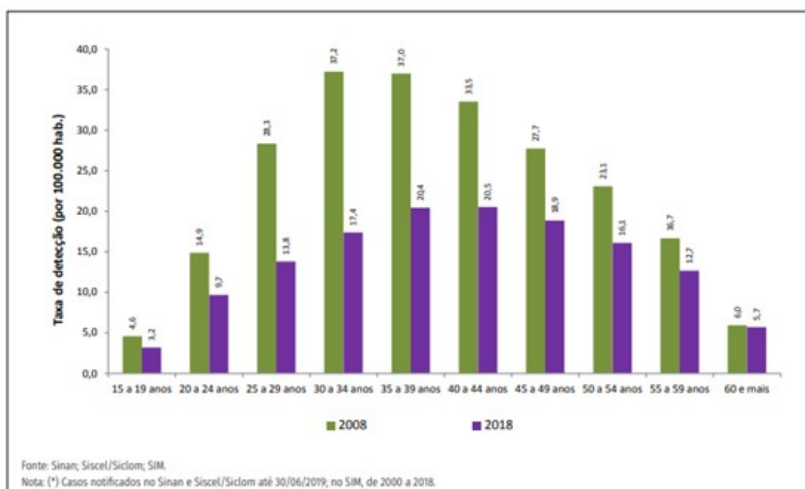
<sup>13</sup> Náuseas, tonturas, sonhos vívidos, lipodistrofia, depressão, indisposição, entre outros.

<sup>14</sup> A UNAIDS anunciou em 3 de maio de 2019 os resultados do estudo PARTNER2 que comprovam que o HIV não é transmitido quando uma pessoa vivendo com o vírus está em terapia antirretroviral efetiva e estabelecendo o que hoje é conhecido como I=I, indetectável é igual a intransmissível.

do sexo, indivíduos que já se consideravam impotentes ou sem performance, prolongando assim a vida sexual de homens desta faixa etária. Para além disso, existe também a dificuldade de assimilação das práticas preventivas entre os mais velhos pois o uso da camisinha entre pessoas dessa idade, muitas vezes é encarado como desnecessário, uma vez que se consideram em um período de infertilidade e a possibilidade de gravidez já não é tida como uma ameaça para o prazer das relações sexuais.

A partir desta análise justifica-se o número de diagnósticos entre da mesma faixa etária. A dinâmica de contaminação para as mulheres, muito se relaciona com o universo da religião e do casamento, pois implicam na devoção ao matrimônio, a submissão ao marido, a confiança e a “garantia” da segurança e estabilidade atrelada ao casamento, o que acabam por colocar a mulher em uma situação de vulnerabilidade.

**Gráfico 7:** Taxa de detecção de AIDS em mulheres



Taxa de detecção de aids (por 100.000 habitantes) em mulheres, segundo faixa etária e sexo, Brasil, 2008 e 2018\*

Fonte: BRASIL, 2019

Vemos através da análise das estatísticas do HIV/AIDS, o hiato entre a realidade em relação ao imaginário do senso comum atrelado a doença. Estes dados evidenciam a ideia estabelecida por Herbert



Daniel<sup>15</sup> de que todos estamos "vivendo" com HIV e AIDS. Esta ideia, para Silva (1998) primeiramente protege muitas pessoas que, mesmo após anos de epidemia, ainda não se sentem confortáveis em "sair do armário" em relação a sua sorologia, incita a responsabilidade de todos, pois vivemos em um momento histórico na qual a epidemia da AIDS é uma realidade comum a todos e no âmbito político, exige do Estado uma prioridade para a questão.

A ideia do "viver" com HIV estabelecida por Daniel (1989) se dá pelo processo de desvitimização dos portadores do vírus dentro das relações sociais, numa tentativa de desmistificar a doença e diminuir o estigma, contornando assim o processo de morte civil decorrente do isolamento e da falta de cidadania que muitos se deparam, promovendo uma nova abordagem perante essa questão, o que contribui para que pessoas que não vivem com o vírus também quebrem suas barreiras de preconceito e tenham acesso a informações e cuidados sobre o HIV/AIDS de modo a se protegerem e se aproximarem sem medo, sem insegurança e sem estigma.

---

<sup>15</sup> Herbert Daniel foi um escritor e revolucionário lutou contra a ditadura brasileira a favor da redemocratização do país. Exilado na Europa de 1974 a 1992, Daniel retorna ao Brasil com HIV e acaba por se tornar um dos grandes personagens no ativismo da AIDS no país.

## CAPÍTULO 2 - Sobre a museologia e suas ações

### 2.1 - Museologia em transformação

*O inferno são os outros, negros, indígenas, silvícolas, adoradores de deuses pagãos, primitivos, incivilizados, bárbaros, animalescos, desalmados, em suma, desumanos. Em uma perspectiva de mundo onde se compreende a contínua batalha da luz versus a escuridão, para esse modelo de pensamento só há um caminho, o extermínio. Devemos considerar que o extermínio, aqui entendido, opera de diferentes maneiras desde os genocídios, os epistemicídios, até as mais variadas formas de subalternização que incidem de forma violenta transformando “os ditos outros” em não possibilidades creíveis.*

*(Santos, 2008 como citado em Rufino, 2015, p. 3).*

A palavra “museu” tem sua origem na Grécia antiga, sendo Mouseion o termo utilizado para designar o templo das nove musas, filhas de Zeus, Deus dos deuses com Mnemosine, a Deusa da memória. Estes templos eram reservados à contemplação e aos estudos científicos onde a mente repousava e o pensamento criativo poderia se dedicar às artes e às ciências. A concepção de reunir o conhecimento vem da antiguidade e por muito tempo associou-se à palavra “museu”, tendo a exemplo o *mouseion* de Alexandria que compilava em uma grande instituição todo o conhecimento da época, possuindo estátuas e obras de arte, instrumentos, pedras, minérios e outros objetos, além de biblioteca, observatório, jardim botânico entre outros (SUANO, 1986).

O colecionismo se desenvolve nas sociedades gregas, romanas e egípcias do vislumbre dos objetos curiosos e místicos, artefatos únicos e troféus de guerras. Na idade média, a igreja católica concentra o maior tesouro da época, facilitando acordos e alianças entre reis e a instituição. Com o renascimento, surge um novo conceito de beleza e de arte, que

remete às origens greco romanas da sociedade e ressignifica os tesouros de príncipes que continham objetos deste período.

De templo das musas aos gabinetes de curiosidades, o período das grandes navegações dos séculos XVI e XVII representa o avanço científico atrelado ao descobrimento de um novo continente repleto de novidades, ampliando a coleção com objetos trazidos das expedições além mar. A produção artística deste período também criou uma nova categoria dentro das coleções (belas artes) que com o tempo passaram por um processo de categorização e hierarquização de suas peças, tornando-as cada vez mais especializadas e com maior capital científico (SUANO, 1986).

A partir do século XVIII, a população começa a ter acesso às coleções privadas com a criação de fundos públicos e de aquisições por parte do Estado. A fundação do primeiro museu acontece quando Elias Ashmole e John Tradescian (1617-1692) doam suas coleções para a Universidade de Oxford, tornam acessíveis em 1683 com a criação do *Ashmolean Museum* (SUANO, 1986). O Museu Britânico foi o primeiro museu nacional a cobrir os principais campos do conhecimento humano da época, fundado em 1753, abriu suas portas a visitantes de todo o mundo a partir de 1759 (MUSEU BRITÂNICO, s.d.).

A fragmentação dos saberes estabeleceu uma especialização temática aplicada como tipologia para o museu ao mesmo tempo que proporcionou contribuições provenientes das relações interdisciplinares dos diferentes ramos do conhecimento que, aliados ao campo da museologia e atuando nos museus por meio de abordagens dadas às coleções, pouco a pouco tornaram partícipes com sua interpretação, conforme se verifica as tradicionais divisões que ainda persistem na nomenclatura: museu histórico, museu artístico, museu de ciências, e seus desdobramentos nas áreas, a exemplo, Museu Histórico Nacional; Museu de Arte Moderna; Museu de Astronomia, etc (LIMA, 2012).

O gosto romântico pelo passado alimentou os movimentos nacionalistas europeus do século final do século XVIII e início do século XIX e neste processo muitas tentativas de disponibilizar grandes coleções e acervos ao público verificam-se por toda a Europa: o Ermitage em São Petesburgo (1764), Belvedere de Viena (1783) , o Museo del Prado, em Madri (1819).

Do espírito de democratização resultante do processo deflagrado pela Revolução Francesa de 1789, o Louvre foi inaugurado em 1793 como a primeira galeria pública nacional. O museu abre suas portas com a proposta de oferecer um modelo de acervo público e de acesso aos tesouros culturais, até então bem mais restritos.

A necessidade de se criar uma identidade nacional fez dos museus grandes aliados no processo de formação do cidadão, tornando-os ferramenta importante na construção das nacionalidades, uma vez que legitimam a partir de referenciais históricos, e por meio do patrimônio como herança coletiva da nação, os estados nacionais emergentes.

O museu prestava-se muito bem às necessidades da burguesia de se estabelecer como classe dirigente. No ano de 1791, as assembléias revolucionárias propuseram, e a Convenção Nacional aprovou em 1792, a criação de quatro museus, de objetivo explicitamente político e a serviço da ordem. Foram eles: (1) O Museu do Louvre, aberto em 1793 [...] com o fim de educar a nação francesa nos valores clássicos da Grécia e de Roma e naquilo que representava sua herança contemporânea; [...] (2) o Museu dos Monumentos, destinado a reconstruir o grande passado da França revolucionária e que privilegiou os frutos do neoclassicismo em detrimento do patrimônio herdado do período medieval. [...] (3) o Museu de História Natural e (4) o Museu de Artes e Ofícios, ambos voltados ao desenvolvimento do pensamento científico em função de suas realidades específicas (SUANO, 1986, P. 28).

Os museus tornam-se o palco para exibição das conquistas, descobertas e mudanças de uma sociedade européia em transformação. Com os avanços da revolução industrial, acontece no ano de 1851, em Londres, a primeira exposição universal cujo intuito é o de promover e divulgar as novidades produzidas pela industrialização. Os pavilhões utilizados eram planejados e construídos especificamente para a ocasião e utilizavam técnicas construtivas que evidenciavam os avanços da tecnologia da época.

Uma comissão chefiada pelo príncipe Albert estabeleceu o Hyde Park como o local da primeira exposição universal, lançando um concurso para o edifício que abrigaria o evento. O projeto de Joseph Paxton, conhecido como Palácio de Cristal, foi selecionado e tornou-se uma obra arquitetônica da época<sup>16</sup> (BUREAU INTERNATIONAL DES

---

<sup>16</sup> De dimensões monumentais, o edifício possuía 563 metros de comprimento, 124 metros de largura e altura principal de 20 metros.

EXPOSITIONS, s.d.), assim como a torre Eiffel, produzida para a exposição universal de Paris, em 1889.

As exposições universais buscavam ser o retrato em miniatura de um mundo dominado pelos avanços nos campos da ciência, das artes, da arquitetura, dos costumes e da tecnologia. A construção da imagem da superioridade do presente ocidental permitia uma nova avaliação do passado e dos "outros", todavia, geraram também o sentimento de desagregação social, uma vez que o "familiar" e "tradicional" dava lugar ao novo e moderno, propiciando uma sensação de decadência moral, de degeneração do espírito, que fez parte do universo modernista do final do século XIX (CPDOC<sup>17</sup>, 2017).

Nota-se como os museus desde o século XVI exerceram uma função legitimadora a partir do olhar lançado pelo homem branco europeu ao mundo ao seu redor, construindo assim a imagem do homem selvagem e à vida no "novo mundo", a noção de beleza e de arte, da vida moderna e industrializada. Narrativas construídas de uma perspectiva específica confirmavam o poder das nações européias e sua supremacia racial e cultural que ecoam até a atualidade.

Neste sentido, percebemos o poder inerente a instituição museal, dada a responsabilidade de chancelar a história através de seus acervos e exposições e cujo processo se estabelece de modo a confirmar a realidade vivida fora desses espaços. O que é visto e o que também não é, são tidos como verdade por quem aprecia uma exposição e assim, os museus se tornam ferramentas de controle muito eficazes dentro da dinâmica social que influenciaram diretamente a forma como enxergamos a história e como a interpretamos.

A virada do século traz consigo uma reflexão mais aprofundada sobre as noções de patrimônio e sua preservação para as gerações futuras. Ainda durante a Primeira Guerra Mundial, surge a ideia que dá origem a Liga das Nações, organização internacional criada em abril de 1919 destinada a promover a paz e à resolução dos conflitos internacionais por meio da mediação e do arbitramento (CPDOC, 2017). Desta organização cria-se o Escritório Internacional de Museus (Office International des Musées – OIM), que propunha uma aproximação entre os museus do mundo a partir de intercâmbios e conferências. Deste período destaca-se a Carta de Atenas, documento resultante da

---

Algum tempo depois da exposição, foi transferido para o Sydenham Park até ser incendiado em 1936.

<sup>17</sup> Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – FGV.

conferência realizada em 1931 que discutiu vários temas relacionados à conservação e restauro do Patrimônio Cultural.

O Escritório encerra suas atividades devido a Segunda Guerra Mundial, em 1939 assim como a Liga das Nações em 1946, que transfere suas responsabilidades para a Organização das Nações Unidas (ONU), entidade criada após o término da Guerra, em 1945 com objetivo de promover a cooperação internacional (LIMA, 2012).

Neste mesmo ano, cria-se também a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) instituição especializada que tem por objetivo: “Contribuir para a manutenção da paz e da segurança ao estreitar, pela educação, pela ciência e pela cultura, a colaboração entre as Nações, a fim de assegurar o respeito universal pela justiça, pela lei, pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais.” (UNESCO, 1980)

No que diz respeito aos museus, a UNESCO compartilha suas atribuições desde 1946, quando cria-se o Conselho Internacional dos Museus (ICOM), considerado herdeiro do Escritório Internacional de Museus (LIMA, 2012), a instituição tem por objetivo promover ações referentes ao campo da museologia e de outras disciplinas relacionadas à gestão e ao cotidiano dos museus.

Em seu Estatuto, aprovado na 18ª Assembleia Geral realizada na cidade de Stavanger, Noruega em 7 de Julho de 1995 estabelecem-se como objetivos do ICOM:

- a) encorajar e apoiar a criação, o desenvolvimento e a gestão profissional dos museus de todas as categorias;
- b) dar melhor a conhecer e a compreender a natureza, as funções e o papel dos museus ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento;
- c) organizar a cooperação e a entajuda entre os museus e os membros da profissão museológica nos diferentes países;
- d) representar, defender e promover os interesses de todos os profissionais de museu sem excepção;
- e) fazer progredir e difundir o conhecimento no âmbito da museologia e outras disciplinas relacionadas com a gestão e as actividades do museu.

Para atingir esses objetivos, o ICOM pode empreender qualquer ação considerada legítima, adequada e necessária para que possa exercer as suas funções (Estatutos do ICOM, 1995).

No Brasil, O primeiro órgão voltado para a preservação do patrimônio foi a Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN) criada pelo Decreto nº 24.735 de 14 de julho de 1934, com a finalidade de coibir o mercado ilegal de antiguidades, impedir que objetos relacionados à história nacional fossem saqueados e também proteger edificações monumentais das reformas urbanas, a pretexto de modernização das cidades.

O IMN dá lugar ao chamado de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) alterado em 1970 para Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), uma autarquia federativa vinculada ao Ministério do Turismo que tem por objetivo proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras (IPHAN, 2014).

Em 09 de janeiro de 1948, funda-se o ICOM-BR. Em seu estatuto aprovado em assembleia geral de 26 de abril de 2009 definiu-se como objetivo a conservação, a preservação e a difusão do patrimônio cultural e natural, presente e futuro, material e imaterial, para a sociedade, atribuindo suas atividades às necessidades e desafios dos profissionais de museus e são orientadas em torno da cooperação e intercâmbio profissional, difusão de conhecimentos e aumento da participação do público em museus, formação de pessoal, prática e promoção de ética profissional, atualização de padrões profissionais, preservação do patrimônio cultural, mundial e combate ao tráfico de bens culturais (ICOM-BR, 2009).

A criação de diferentes organizações voltadas à preservação do patrimônio em âmbito nacional e internacional na primeira metade do século XX reflete a preocupação em se restabelecer o diálogo entre as nações perdido após duas guerras mundiais e o olhar atento lançados sobre a herança das nações e dos povos, o que promoveu um aprofundamento sobre questões relacionadas ao patrimônio cultural, ampliando e amplificando suas definições.

Neste contexto, nota-se como a cultura (assim como a educação e a ciência) se transforma em mecanismo de manutenção da paz e do respeito universal uma vez que “os sentimentos que dão origem à

contemplação e ao conhecimento das obras do passado podem facilitar grandemente a compreensão mútua entre os povos e que, para isso, é preciso beneficiá-los com uma cooperação internacional e favorecer por todos os meios a execução da missão social que lhes cabe” (UNESCO, 1956).

Escrita de 1964 no Segundo Congresso de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, A carta de Veneza já incorpora aspectos deste novo pensamento relacionado ao patrimônio cultural, ainda neste contexto fortemente associado aos monumentos e que neste documento são definidos não só pelas criações arquitetônicas, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico (VENEZA, 1964). Nota-se aqui uma ampliação do que é tido por monumento, incorporando nesta definição diferentes paisagens detentoras de memória, o que depois foi descrito por Pierre Nora (1993) como “lugares de memória”.

Estas reflexões emergem no campo da museologia em um período onde o mundo passa por grandes mudanças e diferentes movimentos sociais florescem de modo a renovar a forma como a sociedade ocidental se estabelece. Mulheres, LGBTs, Negros; a juventude da década de 1960 se torna arquiteta e porta-voz de uma nova realidade, quebrando paradigmas e mostrando como a vida deveria ser vivida, lutando por respeito, por dignidade, por direitos antes privilégios de uma minoria. Neste contexto, os museus e seus profissionais se deparam com o desafio de estabelecer um novo *modus operandi*, que se difere da forma vigente até então.

O ano de 1972 legitima através de dois importantes documentos, os aprofundamentos relacionados ao patrimônio tanto de uma perspectiva latino americana, com a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, como da perspectiva mundial, com a Convenção do Patrimônio Mundial realizada pela UNESCO, neste mesmo ano em Paris.

Realizada em 30 de maio de 1972, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile promoveu um debate contextualizado sobre o papel dos museus na América Latina, no que diz respeito a sua função social e seu caráter global dentro da sociedade.

Considerando as transformações sociais, econômicas e culturais, assim como os desequilíbrios e crises que afetavam o mundo e desigualmente, a América Latina, a mesa afirma:



O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (ICOM,1972).

A carta segue, esclarecendo que esta nova concepção de museu não implica na supressão dos museus atuais, mas considera que ela permitirá aos museus se desenvolverem da maneira mais racional e lógica, a fim de melhor servir à sociedade, mesmo que de maneira progressiva (ICOM,1972).

Outros elementos são destacados no desenvolvimento do documento, como a necessidade de abertura dos museus às disciplinas que não estão incluídas no seu âmbito de competência tradicional, a fim de conscientizá-lo do desenvolvimento antropológico, sócio-econômico e tecnológico e também modernizar as técnicas museográficas tradicionais com o objetivo de estabelecer uma melhor comunicação entre o objeto e o visitante.

Ao final, o documento descreve à UNESCO algumas recomendações de aproximação, sendo a primeira um resumo das discussões da mesa-redonda que define e propõe um novo conceito de ação dos museus: “o museu integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural.” e sugere também que utilize os meios de difusão que se encontram à sua disposição para incentivar esta nova tendência (ICOM, 1972).

Cerca de seis meses após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ocorre em Paris a 17ª Conferência geral da organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Nesta reunião, define-se como patrimônio cultural:

- Os monumentos: obras arquitetônicas, de escultura ou pintura monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, grutas e conjuntos de elementos, que têm valor universal excepcional do ponto de vista histórico, artístico ou científico;
- Os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas, que, devido à sua arquitetura, à sua unidade, ou à sua integração na paisagem, possuem um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, artístico ou científico;
- Os sítios: obras humanas ou obras conjuntas do homem e da natureza, assim como as zonas incluindo os locais arqueológicos que têm um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO, 1972).

Nota-se que a utilização dos termos “histórico, artístico ou científico” na descrição estipulada pela UNESCO em 1972 ainda distancia o homem e suas manifestações culturais da definição de patrimônio, que continua a ser lapidado e integra, na conferência de Nairobi em 1976, o termo “sócio-cultural” na identificação dos monumentos, conjuntos e sítios considerados patrimônios culturais.

As resoluções estabelecidas pela Mesa-Redonda de Santiago do Chile ecoaram por mais de uma década e em 12 de Outubro de 1984, serviram de base para um novo documento, conhecido como Declaração de Quebec. Neste encontro, o I Atelier Internacional de Ecomuseus/Nova Museologia buscou identificar uma metodologia de atuação desta nova museologia, pautada na integralidade, interdisciplinaridade e na utilização dos métodos contemporâneos de comunicação e gestão, de modo a valorizar não somente a preservação material de civilizações passadas, mas principalmente o desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo em que as associa aos projetos de futuro (Atelier Internacional de Ecomuseus/Nova Museologia, 1984).

Dentre as resolutivas deste documento, a primeira é de que a comunidade museal internacional reconheça este movimento, adotando e aceitando todas as formas de museologia ativa na tipologia dos museus (ecomuseus, museus de territórios, museus comunitários, etc), o que fez deste, um dos documentos mais importantes da museologia

contemporânea, pelo fato de legitimar o Movimento da Nova Museologia (PRIMO, 1999).

Uma semana depois, no dia 18 de outubro de 1984, cunha-se a Declaração de Oaxtepec, outro importante documento relacionado à ecomuseologia e que estabelece alguns conceitos embaixadores desta proposta, dentre eles a tríade do território-patrimônio-comunidade como unidade indissolúvel, o conceito de território musealizável, composto por aspectos sociais, culturais e naturais e o conceito de preservação *in situ*, considerando o espaço territorial como escopo museológico de uma realidade completa (PRIMO, 1999).

A declaração de Oaxtepec evidencia a dicotomia estabelecida entre velha e nova museologia. Sedimenta-se neste contexto, a ideia de patrimônio cultural, estabelecido agora através de uma visão integrada da realidade. Essas transformações indicam que a museologia não pode mais se manter isolada e deve se manter a par das descobertas e avanços científicos, dos problemas sociais, econômicos e políticos (PRIMO, 1999).

Neste cenário de discussões e ressignificações acerca do patrimônio onde agora o homem passa a ser contextualizado em seu meio, o Brasil estabelece a Constituição Federal de 1988, cujos artigos 215 e 216, reconhecem a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e define:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Em 1992, um novo encontro promove um aprofundamento da reverenciada Mesa-Redonda de Santiago de 1972. Conhecida como Declaração de Caracas, o documento é a evolução do conceito de museu integral para o conceito de museu integrado (PRIMO, 1999) e descreve a mudança no que diz respeito ao papel comunicacional dos museus, encarando-os como um canal de comunicação e de reflexões, reforçando a ideia do espaço como agente de transformação social.

O fim do século XX caracteriza-se pela transformação do conceito de museus, da museologia e das definições de patrimônio. Conservar objetos deixa de ser o único objetivo uma vez que a herança cultural transcende o materialismo, passando a ser compreendida de maneira ampla e imaterial e que contribui para a construção do pensamento crítico e da reflexão do tempo presente em sua complexidade sócio-política-econômica-cultural (PRIMO,1999).

Hugues de Varine (1979) afirma que o fenômeno dos museus é algo puramente colonialista, uma vez que os países europeus impuseram à suas colônias, dentre tantos outros hábitos e costumes, a forma como as sociedades não européias deveriam enxergar e entender o patrimônio e a cultura. Desta análise surgem segundo Chagas e Gouveia (2014) desafios sobre uma nova forma de se relacionar tais fenômenos, fazendo-se necessária a criação de uma nova ética, uma nova política museológica, novos saberes e fazeres museais. De maneira geral, uma nova museologia se fazia necessária, de modo a descolonizar as instituições.

A ampliação e ressignificação das noções de patrimônio influenciaram diretamente o que se entende por “objeto museológico”, abrindo espaço para novas práticas museológicas consideradas contemporâneas. As mudanças ocorridas no mundo levaram os profissionais da museologia a buscar uma maior aproximação com a dinâmica da vida, tornando a museologia uma disciplina aplicada que busca teorizar sobre o fato museal, entendido como a relação profunda estabelecida entre o homem e o objeto, em um cenário institucionalizado e que nas últimas décadas do século XX passa por uma ampliação conceitual: o homem, passa a ser compreendido como toda a comunidade; o objeto, dá lugar ao patrimonial e o cenário, visto como o espaço institucionalizado do museu, se amplia a todo o território (PRIMO,1999).

A multiplicidade de denominações decorrentes deste processo demonstra a potencialidade e força do movimento na área das Ciências do Patrimônio e da Museologia, o que foi descrito por Moutinho (1993) como o esforço de adequação das estruturas museológicas aos

condicionalismos da sociedade contemporânea e denominado Museologia Social.

Esta evolução é evidentemente, tanto, qualitativa como quantitativa. A instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objectos para fins taxonômicos, têm cada vez mais - e alguns disso se inquietam - dado lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social. A revolução museológica do nosso tempo - que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus 'sans murs', ecomuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna - tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica" ( MAYOR apud MOUTINHO, 1993, p.7).

A essência da museologia social se manifesta através dos novos vínculos e compromissos assumidos com a ética de se promover o desenvolvimento sustentável das esferas nas quais se relaciona. Os novos rumos dados ao campo da ciência museológica e do patrimônio criam uma fissura que separa uma museologia conservadora de uma museologia livre e inclusiva, a favor de todos (os povos, as raças, os gêneros, o meio ambiente), comprometida com a dignidade e melhoria da qualidade de vida e visando a redução de injustiças, desigualdades sociais e preconceitos (CHAGAS E GOUVEIA, 2014).

Podemos também notar os reflexos destas discussões nas alterações da definição de Museu dada pelo ICOM ao longo do século. Atualmente adota-se a definição estabelecida pelos Estatutos aprovados na 22ª Assembléia Geral em Viena, no dia 24 de agosto de 2007, sendo "O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite." (ICOM, 2007).

Contudo, a 25ª Conferência Geral do ICOM, realizada entre 1 e 7 de Setembro de 2019, em Quioto no Japão, trouxe para votação uma nova proposta de definição, a qual não foi aprovada e adiada por um ano. A proposta diz:

Os Museus são espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos, orientados para o diálogo crítico sobre os passados e os futuros. Reconhecendo e lidando com os conflitos e desafios do presente, detém, em nome da sociedade, a custódia de artefatos e espécimes, por ela preservam memórias diversas para as gerações futuras, garantindo a igualdade de direitos e de acesso ao patrimônio a todas as pessoas.

Os museus não têm fins lucrativos. São participativos e transparentes; trabalham em parceria ativa com e para comunidades diversas na recolha, conservação, investigação, interpretação, exposição e aprofundamento dos vários entendimentos do mundo, com o objetivo de contribuir para a dignidade humana e para a justiça social, a igualdade global e o bem-estar planetário (ICOM, 2019).

A nova definição carrega em si os traços de quase 50 anos de discussões a cerca de uma nova museologia assim como suas novas tipologias. A inclusão dos termos “democratizantes, inclusivos e polifônicos” assim como o “diálogo crítico sobre os passados e os futuros” denota o caráter social agregado aos museus neste novo pensamento lançado à luz da Mesa-Redonda de Santiago, assumindo também suas pluralidades.

No segundo parágrafo do texto, define-se que os museus “trabalham em parceria ativa com e para comunidades diversas”, conceitos advindos do museu integral proposto em 1972 e reforçados na Declaração de Oaxtepec de 1984.

Utiliza-se neste segundo parágrafo o termo “vários entendimentos do mundo”, reforçando novamente o compromisso desta nova instituição com e a favor da diversidade cultural, finalizando com “o objetivo de contribuir para a dignidade humana e para a justiça social, a igualdade global e o bem-estar planetário” legitimando o museu como agente de transformação social, aspectos levantados também em Santiago e que se consolidam na Declaração de Caracas em 1992.

Claramente esta nova definição de museus busca sintetizar todas as discussões realizadas no decorrer da segunda metade do século XX de modo a projetar os museus de maneira efetiva para um novo cenário

no futuro, soando em sua totalidade mais como uma nova “visão”<sup>18</sup> para os museus, do que propriamente uma definição em si. De qualquer maneira, o adiamento da aprovação desta nova definição não se dá pela ousadia da projeção dos museus para o futuro, propondo-lhes como visão o desafio de uma museologia atualizada para as próximas décadas, mas talvez por incongruências na utilização de termos como “garantindo a igualdade de direitos e de acesso ao patrimônio a todas as pessoas” e “contribuir para [...] o bem-estar planetário”, objetivações que dizem mais respeito a ONU/UNESCO do que propriamente ao ICOM ou aos museus.

## 2.2 museologia LGBT e seus entraves

*Nos museus, transicionamos patrimônio, reencontramos suas identidades em espaços contemporâneos e travestimos os objetos com novos sentidos, sentidos contemporâneos.*

*O Museu é, de fato, um espaço travesti.*

*Jean Baptista e Tony Boita  
Criadores da Rede LGBT de museologia*

Em 17 de outubro de 2003, aconteceu em Paris a Convenção Para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO, com o objetivo de deliberar sobre a importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade cultural. O documento gerado a partir desta conferência traz algumas definições relacionadas ao tema de modo a propor ações de salvaguarda efetivas ao patrimônio cultural considerado imaterial. Desta maneira:

1. Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais

---

<sup>18</sup> Adota-se aqui o termo “visão” de uma perspectiva administrativa, em referência ao planejamento conceitual do Plano Museológico que se dá pela definição da missão, da visão e dos valores do museu e pela análise do ambiente em que está inserido, subsidiada pelo diagnóstico de seus recursos e de seus públicos (IBRAM, 2016).

que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana

2. O “patrimônio cultural imaterial”, conforme definido no parágrafo 1 acima, se manifesta em particular nos seguintes campos: a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais (UNESCO, 2003).

Entende-se neste contexto, a complexidade no que diz respeito à salvaguarda deste patrimônio, justamente por sua imaterialidade e para isso pontua-se “a profunda interdependência que existe entre o patrimônio cultural imaterial e o patrimônio material cultural” (UNESCO, 2003), reconhecendo também que o processo de globalização da mesma forma que o fenômeno da intolerância, geram graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para sua salvaguarda (UNESCO, 2003).

O documento segue e associa o importante papel na produção, salvaguarda, manutenção e recriação do patrimônio cultural imaterial às comunidades, em especial as indígenas, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, o que contribui para enriquecer a diversidade cultural e a criatividade humana (UNESCO, 2003), em outras palavras, a imaterialidade do patrimônio cultural se desenvolve a partir da existência (materialidade) dos sujeitos aos quais estão relacionadas e sendo assim, torna-se fundamental a preservação da existência destes sujeitos para que seja viabilizada a salvaguarda dos diferentes patrimônios culturais materiais da humanidade.

Para além da problemática da salvaguarda, a convenção de 2003 reitera a importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de



diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável referenciando para tal, diversos documentos anteriores à data, dentro os quais, a Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, de 2001 (UNESCO, 2003).

A Declaração adotada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura em sua 31ª sessão no dia 2 de Novembro de 2001 inicia-se:

Empenhada na plena realização dos direitos humanos e liberdades fundamentais proclamados na Declaração Universal dos Direitos do Homem e em outros instrumentos jurídicos universalmente reconhecidos, como os dois Pactos Internacionais de 1966 relativos, respectivamente, aos direitos civis e políticos e aos direitos económicos, sociais e culturais,

Recordando que o Preâmbulo da Constituição da UNESCO afirma que “a difusão da cultura e a educação da humanidade para a justiça, a liberdade e a paz são indispensáveis à dignidade humana e constituem um dever sagrado que todas as nações devem cumprir com espírito de assistência mútua”,[...]

Reafirmando que a cultura deve ser vista como um conjunto de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais diferenciadoras de uma sociedade ou de um grupo social, e que compreende, para além da arte e da literatura, os estilos de vida, as formas de viver em conjunto, os sistemas de valores, as tradições e as convicções,

Constatando que a cultura está no centro dos debates contemporâneos sobre a identidade, a coesão social e o desenvolvimento de uma economia baseada no conhecimento,

Afirmando que o respeito pela diversidade das culturas, a tolerância, o diálogo e a cooperação, num clima de confiança e compreensão recíproca, são algumas das principais garantias da paz e da segurança internacionais[...] (ONU, 2001).

O tom dado no início do documento evoca pela referenciação de documentos importantes como a Declaração Universal dos Direitos do Homem e a própria constituição da UNESCO, a importância do conteúdo que segue no que diz respeito à preservação e o fomento da diversidade cultural para a humanidade.

Dentre os doze artigos que integram a Declaração, destacam-se os quatro primeiros, que discorrem acerca da diversidade cultural em diferentes perspectivas basilares:

Artigo 1.º - Diversidade cultural: um património comum da Humanidade: A cultura assume diversas formas ao longo do tempo e do espaço. Esta diversidade está inscrita no carácter único e na pluralidade das identidades dos grupos e das sociedades que formam a Humanidade. Enquanto fonte de intercâmbios, inovação e criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para a Humanidade como a biodiversidade o é para a natureza. Neste sentido, constitui o património comum da Humanidade e deve ser reconhecida e afirmada em benefício das gerações presentes e futuras.

Artigo 2.º - Da diversidade cultural ao pluralismo cultural: Nas nossas sociedades cada vez mais diversas, é fundamental garantir uma interacção harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais plurais, variadas e dinâmicas, bem como a sua vontade de viver em conjunto. Políticas visando a inclusão e participação de todos os cidadãos são garantias de coesão social, de vitalidade da sociedade civil e de paz. Assim definido, o pluralismo cultural dá expressão política à realidade da diversidade cultural.

Sendo indissociável de um ambiente democrático, o pluralismo cultural favorece os intercâmbios culturais e o florescimento das capacidades criativas que suportam a vida pública. Artigo 3.º - Diversidade cultural como um factor de desenvolvimento: A diversidade cultural alarga o leque de opções à disposição de todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não apenas em termos de crescimento económico, mas também como meio para alcançar uma existência intelectual, emocional, moral e espiritual mais satisfatória.

Artigo 4.º - Os direitos humanos como garantias da diversidade cultural: A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, indissociável do respeito pelos direitos humanos. Implica um compromisso para com os direitos humanos e liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas pertencentes a minorias e dos povos indígenas. Ninguém pode invocar a diversidade cultural para justificar a violação dos direitos humanos garantidos pelo direito internacional, nem para restringir o seu âmbito.

Em consonância às discussões acerca do património cultural imaterial e da diversidade cultural que abrem as portas para o pensamento do novo milénio, cria-se em 2003 no Brasil, mesmo ano da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO, a Política Nacional de Museus (PNM) cujo objetivo é

Promover a valorização, a preservação e a fruição do património cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2003)

E em 2009, também afirmando estas novas ideais, cria-se o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) que traz tanto em sua missão

como em seus valores o fomento e o respeito à diversidade (IBRAM, 2018).

Desta maneira, o museu se firma como uma instituição que trabalha fundamentalmente a partir e com o diferente (ALMEIDA, 2010), o que viabiliza a reflexão em torno do tema da diversidade cultural e do processo de constituição e afirmação de identidades. Este processo se dá pela construção das mais plurais narrativas existentes dentro e fora dos espaços de museu, estabelecidas pelas relações de poder que evidenciam a inclusão e a exclusão, as lembranças e esquecimentos, a harmonia e tensão, os consensos e conflitos existentes na sociedade.

Torna-se fundamental a estes espaços, o trabalho relativo à diversidade cultural e a exacerbação da riqueza dessa diversidade, de modo a quebrar com a visão única de cultura vinculada a estruturas hegemônicas de poder cujo objetivo é o de promover uma “harmonia social” paradoxal a ideia de museu concebida para a atualidade.

Porém, não devemos ser ingênuos e acreditar que, somente mostrando as diversas culturas, podemos contribuir para o processo de tomada de consciência de nossas identidades e, portanto, de nossas diferenças. É necessário notar que diversidade cultural e diferença cultural são categorias distintas. Ou seja, não basta apenas mostrar a diversidade nos museus, seja ela representada por coleções arqueológicas, etnográficas, históricas ou artísticas. É necessário problematizar a questão e trabalhar no sentido de que é possível que as diversas culturas possam interagir e conviver, condição fundamental se quisermos construir um mundo realmente comprometido com a paz e a justiça social, bases fundamentais da verdadeira democracia (ALMEIDA, 2010. p 224).

Do mesmo modo, é necessário compreender que a preservação e fomento da diversidade cultural e dos diferentes patrimônios imateriais se desenvolvem como um exercício de cidadania que só ocorre quando o indivíduo conhece a realidade na qual está inserido, a memória preservada, os acontecimentos atuais, entendendo as transformações e buscando um novo fazer. Despertar a consciência crítica do indivíduo

leva-o assim a reapropriação da memória coletiva e ao direito do exercício da sua cidadania (PRIMO,1999).

Porém, quando o assunto é sexualidade e identidade de gênero, a museologia e seus profissionais ainda seguem determinações hierarquizadas do gênero, possuindo a heterossexualidade como modelo ideológico hegemônico e cuja maioria não incluem a temática por terem sido construídos em contextos fóbicos aos mesmos (BAPTISTA E BOITA, 2014).

Da mesma maneira, as próprias instituições internacionais preocupadas com a salvaguarda do patrimônio imaterial e da diversidade cultural, não incluem em nenhum destes desses documentos a comunidade LGBT, mostrando como a invisibilização e o extermínio deste grupo se torna algo institucionalizado não somente no Brasil, mas em todo o mundo.

O reflexo desta invisibilização faz dos museus espaços de reprodução de um discurso desenvolvido a partir de um olhar normativo, prova disso é a ausência da população LGBT em praticamente todos os documentos e cartas produzidos no campo da museologia, deixando claro que até mesmo uma abordagem social prevalece conservadorista em razão às sexualidades (BAPTISTA E BOITA, 2014).

Para além do preconceito e da invisibilização, soma-se a ausência dos discursos de memória LGBTs nos espaços museológicos a questão da imaterialidade do patrimônio cultural da comunidade, pois historicamente as marcas da presença LGBT tendem a ser apagadas (leia-se destruídas), a exemplo do holocausto e da ditadura militar no Brasil, onde milhares de gays, lésbicas, e travestis foram violentados e mortos por suas condutas desviantes, ou pela própria epidemia de AIDS nos anos 80, quando as obras de artistas gays mortos pela doença passaram a ser desvalorizados ou até mesmo encontrados no lixo (WEIERMAIR, 2008 apud BAPTISTA E BOITA, 2014 p 179.). A territorialidade também se torna um impasse na preservação e difusão de memórias LGBTs, uma vez que elas não se concentram em locais legitimamente LGBTs e disputam determinados espaços com outras camadas de memória<sup>19</sup>.

O empenho em se estabelecer uma nova museologia aliado à força ativista de profissionais LGBTs dentro do campo faz surgir um

---

<sup>19</sup> Espaços como a Praça da República em São Paulo ou a praia da Galheta em Florianópolis são exemplos de lugares que fazem parte das memórias da comunidade LGBT, mas que compartilham o local com outras memórias e representações.

alerta para toda a comunidade museológica sobre o apagamento das memórias LGBTs dos espaços museais e evidencia a necessidade e o desejo de preservá-las dentro destes espaços, independentemente de suas tipologias.

Para Baptista e Boita (2017) uma museologia protagonizada por LGBTs se dá da mesma maneira que os indivíduos LGBTs se desenvolvem; através de novos caminhos, não convencionais, não trilhados pelos demais. Desta forma têm acontecido no Brasil e no mundo, onde nos últimos anos novos projetos e processos museológicos passaram a abordar a temática da sexualidade e da diversidade sexual com maior tenacidade.

Com um discurso que deriva das pautas do próprio movimento LGBT e base teórica proveniente da museologia social, as ações museológicas relacionadas a esta temática tratam primordialmente da discriminação, do preconceito, da exclusão, da violência, do silêncio; situações e sentimentos comuns a maioria dos que se identificam com essa sigla. Mas assim como na vida, provocam uma sensível reflexão sobre o orgulho característico à comunidade.

Baptista e Boita (2014) descrevem a formação desta museologia protagonizada por LGBTs como um movimento questionador da matriz heterossexual como discurso dominante, hegemônico e hierarquizante nos espaços museais, e que atende enquanto público, tanto a comunidade LGBT, carente de espaços de memória e referências históricas fundamentais na valoração de nossas identidades, quanto o público geral, carente de políticas que provoquem sua adequação ao Estado regido pelo princípio de Direitos Humanos e Culturais.

A museologia LGBT não se restringe apenas a profissionais e instituições empáticas à causa, uma vez que pressupõe o uso do pronome “nós” (BAPTISTA E BOITA, 2014) e se solidariza a outras causas sociais onde a perseguição das identidades leva à exclusão social e ao esquecimento. Mesmo sendo fundamental a estabelecimento de espaços específicos de memória e história LGBT, a exemplo brasileiro o Museu da Diversidade Sexual ou o Schwules Museum, na Alemanha, é de extrema importância que a temática se faça presente também em outras instituições museológicas.

Exemplos de instituições que já se abriram para a temática da sexualidade é o Museu do futebol, que realizou em 2019 o “Seminário Futebóis: Pluralidade e Representatividade” com o intuito de promover uma reflexão sobre a exposição de longa duração do museu, visando sua reformulação, de incluir o olhar de diferentes grupos ligados ao esporte, tais como: mulheres torcedoras, representantes de clubes, jogadoras e

jogadores que atuaram em seleção brasileira, times e atletas que levantam a bandeira LGBT e que trouxeram a pauta contra a homofobia no esporte.

A instituição também participou no ano de 2019 da campanha “Sonhar o Mundo”<sup>20</sup> do SISEM-SP a favor dos Direitos humanos e da diversidade, e abordando dentre as atividades à temática de gênero e o preconceito dentro do esporte, ação que promove um novo discurso dentro da narrativa temática da instituição de modo a promover a reflexão e sensibilização de seus públicos.

**Imagem 3 - Bandeira no Museu do Futebol 2019.**



**Fonte:** Instagram da instituição @museudofutebol, 2019

<sup>20</sup> A campanha “Sonhar o Mundo” é uma iniciativa do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP) que promove ações conjuntas de museus paulistas em favor dos Direitos Humanos. A foto do banner foi postada no instagram do Museu do futebol com a seguinte legenda: “Aqui no Museu do Futebol todas e todos são bem-vind@s! Não importa se você é bi, trans, homo ou hétero, jogue do seu jeito: esse será o seu futebol. Diversidade cultural é dar voz àqueles que existem como querem. Vem pro Museu do Futebol, mona, mano e mina!”.

Outro exemplo que pode ser citado é a exposição “Histórias da Sexualidade” realizada pelo Museu de Artes de São Paulo - MASP em 2017. O objetivo da mostra, segundo o museu, era o de discutir sobre sexualidade e suas mais diversas variações e refletir sobre a liberdade de expressão e direitos individuais frente a um período de manifestações violentas e embates públicos contra as artes, como o cancelamento da mostra Queer Museu, em Porto Alegre, e dos ataques à performance La bête, no Museu de Arte Moderna (MAM), em São Paulo. Ao longo do período da exposição o museu organizou diversas oficinas para abordar o tema da diversidade sexual que também já teve espaço em outras exposições do museu, como a exposição “Avenida Paulista” em 2017 e “Tunga: o corpo em obras” de 2018 (MASP, s.d.).

**Imagem 4- imagem de divulgação da exposição “Histórias da sexualidade” realizada em 2017/2018**



# HISTÓRIAS DA SEXUALIDADE

**MASP 20.10.2017-14.2.2018**

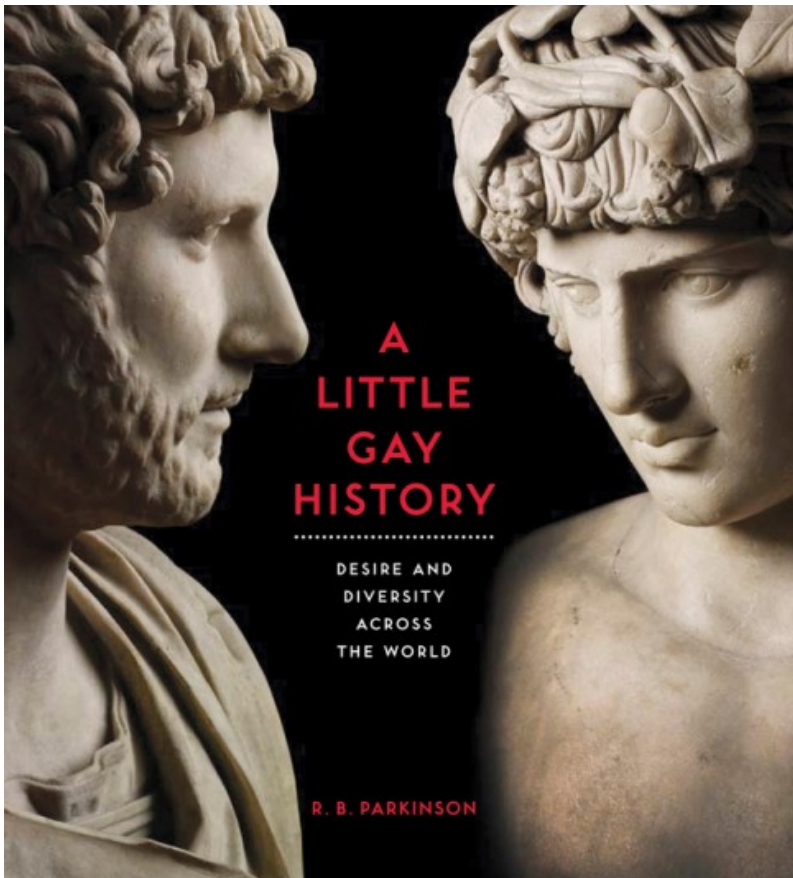
**Fonte:** <https://masp.org.br/exposicoes/historias-da-sexualidade>, 2020

Um terceiro exemplo, desta vez internacional, nos mostra como a temática da sexualidade pode ser abordada em diferentes acervos. Foi o



caso do catálogo “A little gay history: desire and diversity across the world” lançado em 2013 pelo curador Richard B. Parkinson do British Museum. Em um movimento nada convencional, este catálogo foi lançado no mês de visibilidade LGBT juntamente com a Parada do Orgulho Gay de Londres, abordando o tema a partir de um dos acervos mais importantes do mundo

**Imagem 5 - Capa do catálogo publicado em 2013 pelo British Museum.**



Fonte rede mundial de computadores

O museu também dispõe para os visitantes, um percurso intitulado “Desire, Love, Identity” que evidencia 15 objetos

relacionados à temática LGBT dentro da exposição como “The Warren Cup” uma taça romana decorada com duas cenas de amantes do sexo masculino, que não pôde ser exibida publicamente ao longo de quase todo o século XX, pois a homossexualidade era ilegal na Inglaterra e País de Gales até julho de 1967 e também “Ladies of Llangolen” um objeto decorativo pertencente à Lady Eleanor Butler e Sarah Ponsonby que fugiram juntas para a Irlanda em 1778 e desafiaram as convenções da época, vivendo a vida de sua escolha por 50 anos em North Wales (BRITISH MUSEUM, 2019).

**Imagens 6 e 7 - “The Warren Cup” à esquerda e à direita, “Ladies of Llangolen”**



**Fonte:** <https://www.britishmuseum.org/visit/object-trails/desire-love-identity-lgbtq-histories>

O IV Seminário de Política de Acervos, promovido nos dias 04, 05 e 06 de novembro de 2019 pelo Museu Victor Meirelles em Florianópolis/SC, abordou o tema “Memórias e Patrimônio LGBT” a fim de promover o debate sobre identidades e expressões de gênero e sexualidades não normativas e mapear acervos (museus, arquivos e bibliotecas) que sirvam como fontes de pesquisa de estudos sobre a trajetória de vida e de resistência LGBT no Brasil.

Os Seminários fazem parte do calendário da instituição desde 2012, adotando em cada sessão uma perspectiva crítica sobre experiências de gestão de acervos em museus que evidenciam suas posturas políticas afirmando sua função política dentro da sociedade (MUSEU VICTOR MEIRELLES, 2019).

Imagem 8 - imagem de divulgação da IV Seminário de Política de Acervos, sob o tema Memórias e Patrimônio LGBT.

**IV SEMINÁRIO DE  
POLÍTICA DE ACERVOS**

**MEMÓRIAS E PATRIMÔNIOS LGBT**  
Museu Victor Meirelles

**04 a 06  
de novembro  
de 2019**

**LOCAL:** Auditório do Museu  
Victor Meirelles/Ibram  
Rua Victor Meirelles, 58, Centro,  
Florianópolis/SC

**INSCRIÇÕES:** Gratuitas no site  
[www.ibr.gov.br/politica-de-acervos/](http://www.ibr.gov.br/politica-de-acervos/)

**PARCEIROS**

Fonte: <https://museuvictormeirelles.museus.gov.br/ibram-agenda/iv-seminario-de-politica-de-acervos/>

Foi no V Fórum Nacional de Museus, realizado em Petrópolis, em 2012, que diversos representantes da comunidade museológica se reuniram para debater a ausência LGBT nas políticas nacionais de memória e em museus. Das discussões sobre esta problemática nasce a Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil, agremiação que passou a ser uma central crítica de ações e análises sobre a matriz heterossexual da museologia brasileira e que no ano seguinte se desdobra na criação da Revista Memória LGBT, integrante do projeto Memória LGBT que em suas várias edições busca evidenciar o trabalho sobre a memória, patrimônio e história LGBT brasileira (BAPTISTA E BOITA, 2017).

Organizado anualmente desde 1977 pelo ICOM, o Dia Internacional dos Museus busca conscientizar os públicos sobre a importância destes espaços para o intercâmbio cultural e o enriquecimento de culturas. Para o Dia Internacional dos Museus 2020, definiu-se o tema “Museus pela igualdade: diversidade e inclusão” fazendo desta data, um momento de celebração à diversidade das diferentes comunidades museológicas, além de promover ferramentas para identificar e superar preconceitos no que os museus mostram e nas histórias que contam.

Adotando sempre o mesmo tema definido pelo ICOM, o IBRAM promove a Semana Nacional de Museus, que o ocorrerá de 18 a 24 de Maio de 2020 e incentivará milhares de museus brasileiros a produzirem conteúdos e ações através do tema diversidade.

**Imagem 9 - Imagem de divulgação do Dia Internacional de Museus de 2020**

**Fonte:** <http://icom-portugal.org/2019/12/19/dia-internacional-dos-museus-2020-museus-para-a-igualdade-diversidade-e-inclusao/>

Desta maneira, esta nova museologia revela um debate pela democratização da memória e pelo direito à memória garantida na Declaração dos Direitos Humanos através da luta de um grupo deixado a parte das políticas públicas. O enfrentamento do conservadorismo dentro do campo da museologia através da abordagem a partir das sexualidades nos permite refletir sobre estratégias de combate dos preconceitos e fobias que afetam as relações da sociedade na atualidade.

Neste contexto adverso se estabelece a resistência da comunidade LGBT e seus aliados, unidos para o desenvolvimento de práticas museológicas alinhadas com as propostas emergentes de uma museologia social, justa e igualitária e propondo o construção de novas ações e saberes que incluem nos espaços de museus, no patrimônio e na memória coletiva, essa comunidade que sempre esteve presente e que hoje demanda maior representatividade.

### 2.3 Memórias do HIV/AIDS e os museus

*“without HIV/AIDS, the museum would have been radically different, or might not even have come into existence. The urge to collect, to preserve, and to present can be attributed, at least partially, to the onset of the epidemic and ensuing fears of losing the memories of gay culture to the disease and society’s ignorance. HIV/AIDS is now a large and integral part of the museum’s collections, exemplifying, ultimately, how lives shape politics, and politics shape lives.”*<sup>21</sup>

*Texto de abertura do catálogo da exposição HIVstories: Living Politics. Schwules Museum, 2019*

Falar sobre a comunidade LGBT é entender que somadas às dificuldades de ser parte de uma minoria sexual, encontram-se outros fatores de vulnerabilidade que elevam o risco à sua existência. Racismo, discriminação de classe e sorofobia criam bolhas dentro da própria

---

<sup>21</sup> “Sem o HIV / AIDS, o museu teria sido radicalmente diferente ou talvez nem tivesse surgido. O desejo de coletar, preservar e apresentar pode ser atribuído, pelo menos parcialmente, ao início da epidemia e ao medo de perder as memórias da cultura gay para a doença e a ignorância da sociedade. O HIV / AIDS é agora uma parte grande e integral das coleções do museu, exemplificando, em última análise, como as vidas moldam a política e a política molda as vidas.” - Tradução livre do texto de abertura apresentado no catálogo da exposição HIVstories: Políticas vivas do Schwules Museum, 2019.

comunidade, amplificam o preconceito e colocam pessoas em situação de fragilidade exacerbada.

A ausência de políticas públicas que promovem o acesso à saúde e a educação, a violência generalizada contra a população negra, o crescimento do HIV entre os jovens, entre outros fatores, tornam a população LGBT alvo fácil para o extermínio, fazendo de extrema importância o debate amplo sobre o que é ser minoria entre a minoria através da memória e do patrimônio (BAPTISTA E BOITA, 2017).

Contudo, mesmo sendo mínima a presença da memória LGBT nos espaços de museus, a forma como ela é entregue deve ser também analisada, de modo a não reproduzir estereótipos alegóricos de uma homossexualidade caricata, como muito acontece em outros veículos de comunicação e difusão da informação.

De fato, a memória LGBT no Brasil possui uma potência reveladora e instigante quando se percebe o cotidiano LGBT, em suas lutas diárias para sobreviver a um país que insiste em exterminar o seu diferente. O recorte de classe, cor e gênero, são, de fato, os caminhos mais seguros para se construir uma memória nacional LGBT que não seja fantasiosa, folclórica ou decorativa, mas sim, capaz de ser transformadora em relação à cruel realidade a que hoje estamos submetidos no Brasil (BAPTISTA E BOITA, 2017).

O HIV/AIDS torna-se um recorte a ser valorizado dentro dos discursos de memória relativos à comunidade LGBT, tendo em vista que ambas relacionam-se, se complementam e não podem ser dissociadas. O início das pesquisas sobre a doença, os primeiros pacientes, a construção do conceito de grupos de risco e do estigma a eles associado, a midiatização do *boom* da epidemia nos anos 80; a AIDS ganhou fama e notoriedade através da vida de milhares de gays e teve como alicerce a comunidade LGBT da mesma maneira em que os coloca em evidência indesejável, conferindo ao movimento pelos direitos dos gays um alvo preciso (LANDAU, 2011), obrigando uma geração inteira a sair inevitavelmente, de dois armários.

Para Boita (2018) a cultura da AIDS talvez tenha sido locomotora responsável pela necessidade de representação de toda comunidade LGBT, uma vez que antes da epidemia, pouco se tinha registros destas narrativas. Muitos acervos foram montados ou aumentaram suas

coleções devido à epidemia de AIDS<sup>22</sup>, em espaços como o GLBT History Museum fundado em 1985 na cidade de São Francisco, o Schwules Museum fundado no mesmo ano na cidade de Berlim e o Leslie Lohman Museum of Gay and Lesbian Art fundado em 1987 na cidade de Nova Iorque.

Voltados unicamente à pesquisa e difusão de memórias relacionadas à comunidade LGBT, os três museus supracitados acumulam experiências museológicas relacionadas à temática do HIV/AIDS, a exemplo temos:

“Dancers We Lost: Honoring Performers Lost To Hiv/Aids” - De curadoria de Glenne McElhinney a exposição ficou aberta de abril a agosto de 2016 no GLBT History Museum e mostrou através de fotografias e outros documentos um projeto de história da dança que homenageia diferentes bailarinos e dançarinos que morreram devido a complicações do HIV/AIDS (GLBT HISTORY MUSEUM, s.d).

---

<sup>22</sup> Para Boita, a preservação das memórias da comunidade LGBT podem ser divididas em duas “levas”, sendo a primeira anterior à epidemia quando a preocupação de se preservar tais memórias se relacionavam principalmente com a violência e apagamento desta comunidade e a segunda, posterior a AIDS, quando somadas as estas violências e apagamentos, surge também o medo de se perder as memórias devido ao elevado numero de mortes relacionadas à doença, ao estigma e ao preconceito delas gerado.



**Imagem 10 - Fotografia de Christopher Boatwright por Marty Sohl.**



**Fonte:** <https://www.glbthistory.org/dancers>

Outra exposição do GLBT History Museum que merece ser citada por sua intercessão entre a temática da sexualidade, do HIV/AIDS e raça, foi a mostra “Two-spirit Voices: Returning To The Circle” que aconteceu em 2019 em parceria e comemoração do 20º aniversário da *Bay Area American Indian Two-Spirits*, uma organização comprometida com o ativismo e serviço às comunidades LGBT nativo americanas da baía de São Francisco. O termo “dois espíritos” é utilizado entre muitas tribos da região para identificar os indivíduos que possuíam e manifestavam naturalmente qualidades espirituais masculinas e femininas (BAAITS<sup>23</sup>, 2016).

---

<sup>23</sup> Sigla para Bay Area American Indian Two-Spirits.

A mostra de curadoria de Roger Kuhn, Amelia Vigil e Ruth Villaseñor abordou quatro temas: o orgulho gay e “two spirit”, a parada anual “two spirit”, medicina indígena em resposta ao HIV/AIDS e o significado de ser “two spirit” dentro das comunidades indígenas da baía de São Francisco (GLBT HISTORY MUSEUM, s.d).

**Imagem 11 - Imagem de indígena “two spirit”.**



**Fonte:** <https://www.baaitis.org/>

Do Schwules Museum na Alemanha, temos como exemplo a exposição “30 Anos De Experiência Positiva” Realizada de 2 de abril a 17 de maio de 2015 em comemoração do aniversário da Berliner Aids-Hilfe (BAH), organização sem fins lucrativos fundada em 1985 em apoio aos portadores do vírus e seus familiares (BAH, s.d). A mostra buscou narrar a trajetória da epidemia nestes 30 anos na cidade de Berlim, através de fotos, documentos e instalações de áudio (SMU, s.d.).

Outra exposição que aconteceu de 13 de setembro a 11 de novembro de 2019 neste espaço foi a “HIVstories: Living Politics”. Realizada a partir de uma curadoria compartilhada entre países como a Alemanha, Turquia, Croácia e Inglaterra<sup>24</sup> o projeto é um convite a quebrar a narrativa dominante sobre o ativismo de HIV europeu em um mergulho nas histórias às margens da sociedade, a partir de entrevistas, artefatos e obras de arte coletadas ao longo de três anos pela EUROPACH<sup>25</sup>. A exposição ilumina as lutas e histórias pessoais de ativistas de HIV e AIDS que raramente são encontradas nas narrativas contra a epidemia, a exemplo de prisioneiros na Alemanha, usuários de drogas na Polônia e a cena do ativismo no Reino Unido e na Turquia (SMU, 2019) questionando como as histórias passadas ainda influenciam a propagação do vírus atualmente em uma relação de interdependência entre a vida e a política repleto de assincronias e desigualdades (SMU, 2019).

---

<sup>24</sup> Heiner Schulze (Schwules Museum), Friederike Faust e Todd Sekuler (Humboldt-Universität, Berlim), Emily Jay Nicholls (Goldsmith University, Londres), Justyna Struzik e Agata Dziuban (Universidade Jagiellonian, Cracóvia), Zülfukar Çetin Çetin (Universidade de Basel, Turquia), Alper Turan (The Art Project).

<sup>25</sup> Políticas Europeias de HIV / AIDS: Ativismo, Cidadania e Saúde.

Imagem 12 - catálogo da exposição.



Fonte: [https://www.researchgate.net/publication/335834489\\_HIVstories\\_Living\\_Politics](https://www.researchgate.net/publication/335834489_HIVstories_Living_Politics)

Em Nova Iorque, o Leslie Lohan Museum of Art também possui em seu portfólio de exposições, exemplos de projetos que abordam o HIV/AIDS, a exemplo da anual “Art and AIDS”, mostra de arte

realizada em parceria com o Gay Men's Health Crisis<sup>26</sup> (GMHC) com dezenas de trabalhos criados por pessoas vivendo com HIV e AIDS criadas em diferentes mídias por clientes da GMHC em aulas semanais de arte terapêutica executadas no Centro de Voluntariado da instituição (LESLIE LOHAN MUSEUM OF ART, s.d).

**Imagem 13 e 14 - À esquerda: Larry Kramer, retrato de George Towne, Óleo a bordo. À direita: African Pietà (2013) de Clecio Lira, Fotografia digital em acrílico.**



**Fonte:** <https://www.leslielohan.org/project/art-aids-35-years-of-survival> e <https://www.leslielohan.org/project/art-and-aids-amor-y-pasion>

E também, a parceria com o famoso Day with(out) Art, projeto da Visual AIDS que anualmente incentiva artistas e cineastas, museus e outras organizações a criarem eventos promovendo a conscientização sobre o HIV / AIDS e a comemoração aqueles que foram perdido para a doença através das mais variadas artes.

Fundada em 1988, pelo crítico e escritor de arte Robert Atkins e pelos curadores Gary Garrels, Thomas Sokolowski e William Olander a VISUAL AIDS é a única organização de arte contemporânea totalmente comprometida em aumentar a conscientização sobre a AIDS, criando diálogos sobre as questões do HIV, preservando e honrando o trabalho

<sup>26</sup> A GMHC é a primeira organização no mundo de combate ao vírus do HIV. Fundada em 1982, a foi pioneira na luta contra AIDS, atuando desde o auge da epidemia até a atualidade nos EUA.

de artistas com HIV/AIDS, tornando-se referência no que diz respeito ao registro do impacto da pandemia da AIDS na comunidade artística.

Fazendo da arte um catalisador dos conhecimentos em resposta ao vírus, a VISUAL AIDS atua de modo a diminuir o estigma e o preconceito, através de projetos com artistas, exposições, publicações de catálogos de arte, literatura e outros trabalhos que dialoguem com a temática, além de palestras, exibições de filme e outras ações.

A instituição deixou sua marca ao longo de toda a história da epidemia desde a sua fundação, através de renomados projetos como o “Day Without Art”, lançado em 1º de dezembro de 1989, um ano após a Assembléia Geral da ONU e a Organização Mundial de Saúde (OMS) instituírem o dia 1º de dezembro como o Dia Mundial de Luta contra a AIDS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018) como "um dia de ação e luto", no qual milhares de instituições e organizações artísticas se unem para demonstrar o poder da arte de aumentar a conscientização sobre a pandemia de AIDS e que em 1990 também englobou a primeira “Night without Light” quando por quinze minutos, das 19h45 às 20h do dia 1º de dezembro, as luzes de edifícios históricos de Manhattan se apagam, incluindo o Empire State Building, o Rockefeller Center, a Catedral de St. Patrick, entre outros, transformando o horizonte da ilha em um lembrete visual do impacto da AIDS (VISUAL AIDS, s.d).

**Imagem 15 - Horizonte da ilha de Manhattan no Night Without light.**



**Fonte:**<https://visualaids.org/projects/night-without-light>

O (Red) Ribbon Project foi criado em 1991 pelo VISUAL AIDS com o objetivo de estabelecer um símbolo visual de compaixão pelas pessoas que vivem e convivem com HIV/AIDS. A cor vermelha foi escolhida em referência ao sangue e a ideia de paixão e o formato da fita foi selecionado devido a sua facilidade de reprodução. As instruções originais eram "cortar a fita vermelha com 15 cm de comprimento e, em seguida, dobrar na parte superior em formato de 'V' invertido. Use um alfinete de segurança para prender à roupa" (VISUAL AIDS, 2018).

A fita vermelha rapidamente se tornou reconhecida como um símbolo internacional da conscientização sobre a AIDS e foi usada nos

Oscars, Emmys e Grammys por celebridades, músicos, atletas, artistas e políticos, tornando-o um ícone de design.

### Imagem 16 - Documento e notícia sobre o the (red) ribbon



Fonte: <https://visualaids.org/projects/the-red-ribbon-project>

O Red Ribbon foi homenageado pelo Council of Fashion Designers of América (CFDA) em 1992 por seu design e poder icônico. Em 1993, um selo postal da fita vermelha foi emitido pelo Serviço Postal dos Estados Unidos e em 1997, foi incluído na exposição "Design for Life" no Museu Nacional de Design Cooper-Hewitt e na exposição "Humble Masterpieces" no Museu de Arte Moderna (MOMA), entrando em 2015 para coleção permanente da instituição (VISUAL AIDS, 2018).

O "Archive Archive" foi fundado por David Hirsh e Frank Moore em 1994, em resposta a uma crescente preocupação com a perda e destruição do trabalho de artistas que morreram de causas relacionadas à



AIDS. O objetivo do projeto de arquivo era documentar o trabalho de artistas com HIV de modo a garantir o legado produzido ao longo da epidemia, o que acabou se tornando o maior banco de dados e registro de obras de artistas visuais com HIV/AIDS no mundo e um recurso público para educar e inspirar exposições de arte contemporânea, publicações e pesquisas relacionadas à história da arte. Em 2012 O Archive Archive foi lançado online como “Artist + Registry” se transformando em um banco de dados on-line que oferece maior visibilidade a artistas vivendo com HIV (VISUAL AIDS, 2018).

Por último, a abertura em maio de 2014 do World AIDS Museum na cidade de Wilton Manors, Flórida, cuja missão é a de aumentar a conscientização e erradicar o estigma do HIV/AIDS documentando a história, lembrando aqueles que sofreram, educando as pessoas sobre a doença, iluminando o mundo para essa tragédia contínua e fortalecendo seus sobreviventes através de suas exposições artísticas e ações educativas.

O museu surgiu de uma iniciativa do POZitive Attitudes<sup>27</sup> onde Steve Stagon, fundador da instituição, começou a criar exposições sobre HIV/AIDS como tópicos para o grupo. Com o desenvolvimento desta atividade, Steve e outros membros criaram em 20 de setembro de 2011, o World AIDS Museum como uma organização sem fins lucrativos e que mais tarde, em 15 de maio de 2014 abriu suas portas ao público geral (WORLD AIDS MUSEUM, 2019).

---

<sup>27</sup> O grupo grupo POZitive Attitudes é um grupo de apoio a pessoas que vivem e convivem com HIV / AIDS na região de Fort Lauderdale, Flórida.

**Imagem 17 – Logo do World AIDS Museum**



**Fonte:** <https://worldaidsmuseum.org/>

Vemos a partir destes exemplos, que da aliança entre organizações ativistas, conhecidas como ONG/AIDS e instituições museológicas, surgem grandes projetos que além de valorizar a produção artística de pessoas que vivem com HIV/AIDS, difundem informações importantes sobre estas vivências em diferentes contextos e contribuem para o combate ao preconceito e o estigma atrelado à doença, promovendo cidadania e diminuindo as barreiras criadas pela epidemia.

## CAPÍTULO 3 - Reflexões sobre uma Museologia PositHIVA

### 3.1 Estudo de caso: HIV no MDS

Criado através do Decreto 58.075, de 25 de maio de 2012, o Museu da Diversidade Sexual (MDS) surge como primeiro museu latino americano a abordar a temática LGBT como fio condutor da instituição, vinculado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo está sob a administração da ASSOCIAÇÃO PAULISTA DOS AMIGOS DA ARTE (APAA), organização social de cultura que presta serviços ao Governo do Estado de São Paulo desde 2004 e tem por objetivo difundir a produção cultural por meio de festivais e pela administração de aparelhos culturais como o Teatro Sérgio Cardoso e o próprio MDS.

Segundo Artigo 93-B referente ao documento de criação da instituição,

“O Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo tem as seguintes atribuições:

I - garantir a preservação do patrimônio cultural da comunidade LGBT brasileira, através da coleta, organização e disponibilização pública de referenciais materiais e imateriais;

II - pesquisar e divulgar o patrimônio histórico e cultural da comunidade LGBT brasileira e, em especial, paulista;

III - valorizar a importância da diversidade sexual na construção social, econômica e cultural do Estado de São Paulo e do Brasil;

IV - publicar e divulgar documentos e depoimentos referentes à memória e à história política, econômica, social e cultural da comunidade LGBT e sua interface com o Estado de São Paulo.”.

Assim, o MDS se torna um espaço de visibilidade para a comunidade LGBT, que historicamente carrega consigo as marcas do preconceito e da violência, proporcionando um local de difusão para a produção artística, literária, teatral, musical e cinematográfica deste grupo que contribui tão ativamente com a cultura de nosso país e também por meio da pesquisa e salvaguarda destes processos, colaborando para a educação com foco nas diferentes identidades de

gênero, orientações sexuais e expressões de gênero das minorias sexuais e também pela promoção da cidadania e dos direitos humanos através de suas atividades culturais, ações educativas e exposições, estabelecendo um espaço de convivência, de manutenção da memória e potencializando os estudos referentes à temática e sobre a nossa comunidade.

Neste sentido, destaca-se três das 18 exposições já realizadas pela instituição, que abordaram de alguma maneira a temática do HIV, seja devido ao discurso da exposição, como é o caso em “*Devassos no Paraíso*”, seja através de seus protagonistas, como foi o caso das exposições “*Darcy Penteado, o observador do humano*” e “*CAIO mon amour*”.

### **3.1.1 Darcy Penteado, o observador do humano**

Darcy Penteado de Campos nasceu em 30 de abril de 1926 no município de São Roque/SP, onde viveu com sua família até os dez anos de idade, quando se muda para a capital com o objetivo de dar continuidade aos estudos no Colégio Paulistano, no bairro da Liberdade e morar com sua avó, Cezarina Penteado até o ano de 1942.

Destacando-se pelo seu talento com os desenhos, rapidamente passa a trabalhar em agências de publicidade, desenho industrial e em seguida como figurinista de magazines.

Como artista plástico, realizou vinte e sete exposições individuais e cinquenta e seis exposições coletivas, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Bahia e Pernambuco e no exterior, na Alemanha, Argentina, Cuba, França, Itália e Portugal (ENCICLOPLÉDIA ITAU CULTURAL, 2017).

Teve participação ativa ao longo da década de 1950 dentro do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), atuando como figurinista, cenógrafo e após um período afastado, retorna no final dos anos de 1970 ao mundo dos teatros como autor de “A Engrenagem do meio”, de 1978, sob a direção de Odavlas Petti, assumindo abertamente a condição homossexual, que também é abordada em sua produção literária da qual se destaca o livro “A Meta”, lançada em 1979, período onde Darcy já está completamente envolvido na luta pelos direitos LGBTs e contra a discriminação. (ENCICLOPLÉDIA ITAU CULTURAL, 2017).

Sua principal contribuição dentro do ativismo LGBT foi através do jornal “O Lampião da Esquina”, mídia em formato tablóide criada em parceria com outros atuantes da militância LGBT como Aguinaldo

Silva, Antônio Chrysóstomo, João Antônio Mascarenhas e João Silvério Trevisan, que abordaram de maneira inovadora questões referentes às minorias, sobretudo a homossexual, entre os anos de 1979 e 1982.

A criação do primeiro cartaz sobre AIDS divulgando informações sobre sexo seguro para toda sociedade civil paulistana na campanha “Transe numa boa” de 1985, foi de autoria de Darcy Penteadó para o GAPA/SP (GALVÃO, 2000).

**Imagem 18 - Cartaz produzido por Darcy Penteadó para a primeira campanha do GAPA/SP em 1985.**



fonte: <https://aep.lib.rochester.edu/node/46690>

O artista também promoveu o primeiro leilão com o intuito de arrecadar fundos para pesquisas sobre a doença no Brasil e também participou de várias campanhas de conscientização, gravando inclusive uma chamada televisiva. Faleceu na capital paulista, em 2 de dezembro de 1987 e está sepultado em sua cidade natal.

Idealizada por Jan Brasil sob curadoria de Celso Curi, a exposição “Darcy Penteadado, o observador do humano” foi exibida pelo MDS de 29 de Janeiro a 08 de Maio de 2016, evidenciando a vida e obra do artista e sua produção como desenhista, retratista de personalidades brasileiras e internacionais, ilustrador, escritor, figurinista e cenógrafo. A exposição tem como suporte mais de 30 painéis que exibem fragmentos de obras, muitos deles representando vários dos personagens registrados por Darcy em tamanho natural, além de fotos e frases de destaque do artista.

**Imagem 19 - Planta expográfica, vista frontal da exposição Darcy Penteadado, o observador do humano.**



**Fonte:** Museu da Diversidade Sexual, 2016

A parte em branco do espaço expositivo representa o olhar que Darcy Penteadado lançou para o outro em sua carreira. São expostos neste ambiente, fragmentos de obras, dentre elas “Mulher com Bengala, Pássaro e Gato” de 1980, “Grupo de família” de 1981 e “O Arlequim e seu triciclo” de 1985.

Outra obra importante de sua carreira se encontra neste ambiente. Concebida em sua fase denominada *Post Pop Art* pela crítica italiana,

durante o período vivido na Europa, a polêmica obra, intitulada “Proposta para uma nova Via Crucis” carrega em sua criação a crítica social característica da fase militante do artista. Criada em 1966, período delicado da vida política e social brasileira, a sequência de 10 imagens foi exposta inicialmente no Museu de Artes de São Paulo, seguindo depois para Roma e Paris.

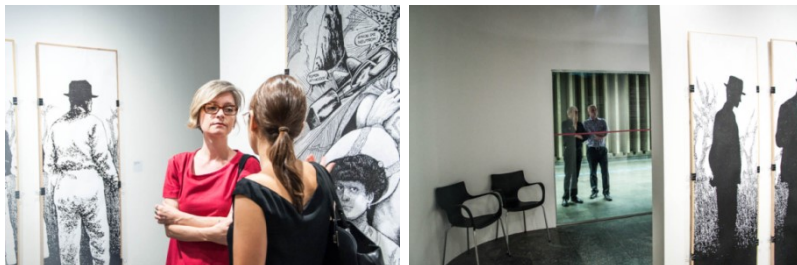
**Imagens 20 e 21 - À esquerda, “Cristo é despojado das vestes” da série “Proposta para uma nova Via Crucis” de 1966. À direita, projeto de apresentação da obra na exposição**



**Fonte:** Enciclopédia Itaú Cultural e Museu da Diversidade Sexual, respectivamente.

De modo a evidenciar os personagens presentes nas obras de Darcy, a proposta de dissociá-los da imagem apresentando-os em tamanho natural é um convite para enxergarmos aquelas pessoas através dos olhos de Darcy. Os painéis foram dispostos pelo salão criando uma multidão de pessoas que transportam os visitantes para o universo do artista, permitindo que circulem com mais facilidade pelo seu mundo.

**Imagens 22 e 23 - Fotos de visitantes em meio às obras na abertura da exposição.**



**Fonte:** Museu da Diversidade Sexual, 2016

Na entrada, o público é recebido com uma foto do artista já em sua fase adulta que acompanha o texto curatorial da exposição. À direita, uma porta para uma sala cor magenta é um convite a entrar. Este espaço, dissociado do restante da expografia branca e sóbria, revela uma sala de estar encenada a partir de duas poltronas voltadas a uma televisão de tubo antiga. Dentro do contexto da casa, a sala é um espaço íntimo, de sociabilidade e foi utilizado neste sentido para abordar o lado da sexualidade e homossexualidade da carreira de Darcy. A arte homoerótica produzida no teatro, na literatura e nas artes plásticas é revelada nesse ambiente intimista que se estabelece expograficamente.

**Imagens 23 e 24 - Fotos das obras no plano expográfico da sala magenta.**



**Fonte:** Museu da Diversidade Sexual, 2016



Nela estavam expostos desenhos e frases de Darcy, incluindo o desenho que acompanhou o ensaio “Homo Eroticus” escrito pelo artista na edição zero do jornal “O Lampião da Esquina” sobre arte erótica brasileira. Nesta mesma edição, encontra-se uma reportagem de João Silvério Trevisan (1978) sobre a perseguição que culminou na demissão de Celso Curi, amigo e curador da exposição, e na época escritor da “Coluna do Meio” do jornal “Última hora” de São Paulo. Outro elemento de convergência entre o curador e o artista se faz presente no cartaz de “A engrenagem do meio”, peça escrita por Darcy onde os dois trabalharam juntos como cenógrafo e coordenador, respectivamente.

O recorte da exposição se detém à produção artística, seja ela como retratista, seja em sua produção homoerótica na literatura e no teatro. Sobre o Darcy militante da causa LGBT e a luta contra AIDS, pouco se explicita, sendo lembrada rapidamente através do corvo, elemento que representa a morte no período final de sua produção artística e que foi inserido no logotipo da exposição e também pelo texto curatorial que recebe os visitantes:

Darcy Penteadado, em todos os campos da arte, sempre manifestou o seu talento através da observação generosa da raça humana. Com a mesma elegância e precisão, ele retratou o seu tempo, sem preconceitos. Personalidades da sociedade brasileira e personagens do universo considerado por muitos como mundano receberam o mesmo tratamento artístico.

Sem medo de perder seu público mais fiel, assumiu sua sexualidade no final dos anos 1970 e foi um batalhador incansável pelos direitos dos homossexuais e da luta pela conscientização sobre a epidemia da AIDS.

A proposta curatorial de fragmentação das obras – e em muitos momentos a sua repetição – surgiu para poder iluminar as várias facetas deste artista tão múltiplo. Darcy Penteadado desenhou e pintou o humano, não apenas nas telas.

Mergulhou na ficção literária e colocou sua própria intimidade a serviço da arte e da incansável batalha pelos Direitos Humanos e contra o preconceito e a intolerância (CURI, 2016).

A sexualidade foi uma das lentes pela qual Darcy retratava as pessoas e sua homossexualidade se tornou parte da potência em seu processo de observador do ser humano. Sua presença em diferentes áreas das artes fez dele um artista renomado dentro e fora do país, marcando uma geração através de seus retratos e sua militância no período pós ditadura.

**Imagem 25- Foto do início da exposição onde se vê uma imagem de Darcy ao lado do texto curatorial e a entrada da sala magenta.**



**Fonte:** <https://www.infoartsp.com.br/agenda/darcy-penteado-o-observador-do-humano/>

Rememorar a obra de Darcy Penteados traz a tona, inevitavelmente, os elementos de sua vida, personalidade e sexualidade, colocando em pauta, mesmo que de maneira discreta e sutil, sua relação com o ativismo pelos direitos humanos e a luta contra a AIDS.

### **3.1.2 Caio Mon Amour: amor e sexualidade na obra de Caio Fernando Abreu**

Caio Fernando Abreu nasceu no dia 12 de setembro de 1948, na cidade de Santiago, Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com a Argentina. Aos seis anos de idade escreveu seus primeiros textos, indícios de uma vida dedicada às letras.

Romancista, jornalista e dramaturgo, Caio se muda para Porto Alegre, em 1963 e neste mesmo ano ainda no colegial, publica seu primeiro conto na revista Cláudia. No ano seguinte inicia o curso de Letras e Arte Dramática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas abandonou ambos para dedicar-se ao jornalismo, colaborando com os jornais Correio do Povo, Zero Hora, Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo e revistas de entretenimento, tais como Nova, Manchete, Veja e Pop. (ENCICLOPLÉDIA ITAU CULTURAL, 2017).

Em 1968 muda-se para São Paulo e no ano seguinte, perseguido pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), refugiou-se no sítio da amiga e escritora Hilda Hilst, em Campinas-SP. Os Anos de ditadura colocam na mira muitos considerados perturbadores da ordem, e Caio foi um deles. Artista, homossexual e fascinado pela contracultura, se exilou na Europa durante um ano, viajando e morando por cidades como Estocolmo e Londres.

O movimento negro, estudantil, os movimentos de libertação sexual como o feminismo e o movimento gay, são as forças que constituem a contracultura em contraponto ao cenário ditatorial que se instala em diversos países, e também do imperialismo norte-americano das décadas de 1960 e 1970. Deste contexto único da história brasileira, Caio Fernando Abreu nutre toda sua produção literária, criando personagens e enredos cujas características refletem este período de tensões, em narrativas que falam de sexo, de medo, de morte e principalmente, da angustiante solidão, revelando uma visão dramática do mundo moderno que culmina no advento da AIDS, assunto presente em seus textos a partir de 1983.

O escritor volta a Porto Alegre em 1974 e passa 20 anos no Brasil, morando períodos no Rio de Janeiro e outros em São Paulo. Em 1994 recebe o convite para sua última ida a Europa, através da Casa dos Escritores Estrangeiros, quando viaja à França e retorna no mesmo ano ao descobrir ser portador do vírus HIV. Morreu em 25 de fevereiro de 1996, no Hospital Mãe de Deus em Porto Alegre. (ENCICLOPLÉDIA ITAU CULTURAL, 2017).

Apontado como um dos expoentes de sua geração, Caio é considerado um dos escritores mais populares e queridos da literatura brasileira, que através de sua linguagem e temática transgressoras fizeram da sua obra, uma literatura atemporal.

A exposição “Caio Mon Amour: amor e sexualidade na obra de Caio Fernando Abreu” ficou aberta ao público de 11 de setembro de 2016 à 28 de janeiro de 2017 e fez parte da “Semana Caio Mon Amour”, evento realizado em parceria com o Teatro Sérgio Cardoso, o Museu da Imagem e do Som (MIS-SP) e as Bibliotecas de São Paulo e Parque Villa-Lobos com programação simultânea sobre o escritor, marcando os 20 anos de sua morte.

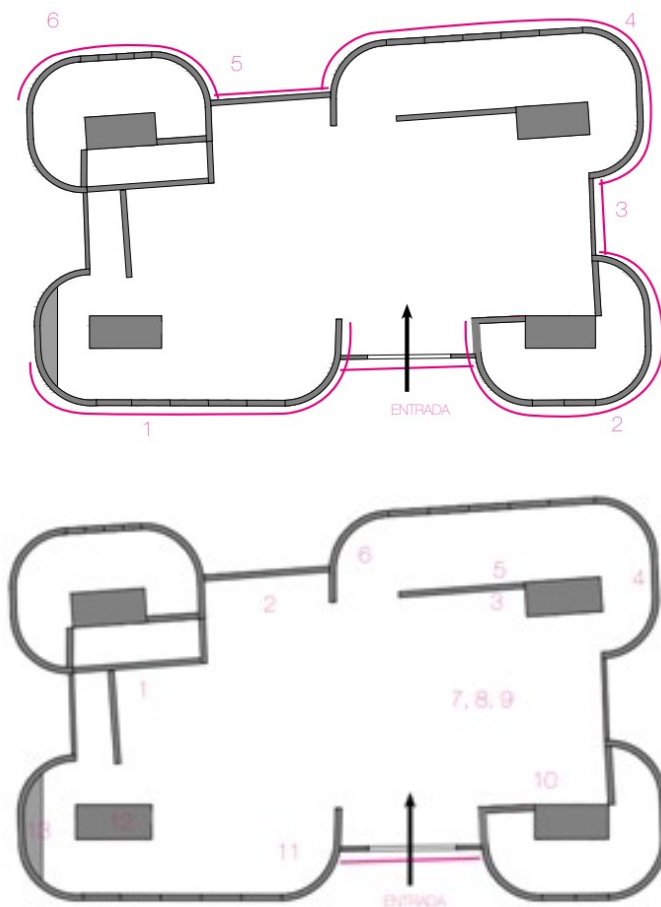
**Imagem 26 - Cartaz de divulgação da semana “Caio mon amour” realizada pela secretaria de cultura do estado de São Paulo.**



**Fonte:** <http://revistaviag.com.br/2016/09/09/caio-fernando-abreu-sera-homenageado-com-semana-caio-mon-amour/>

Com curadoria de Paula Dip e expografia da Zol Design a mostra buscou evidenciar toda essência e extravagância de Caio Fernando dentro e fora do espaço do museu. A aplicação de conteúdo nas paredes externas do MDS pode ser considerada uma tentativa de evidenciar a forma como o escritor encarava a vida: um livro aberto.

**Imagem 27 - Planta expográfica da parte externa e interna da exposição**



**Fonte:** Museu da Diversidade Sexual, 2016

Aos transeuntes da estação República de metrô, estavam a disposição fragmentos de textos célebres do escritor estampados pelas paredes externas do museu (paredes 1, 2, 5, e 6) dentre elas, uma disponibilizava ao passante poemas destacáveis para levar e presentear alguém (parede 2).

**Imagem 28 - Planta expográfica da parte 02 externa e imagem dos poemas destacáveis.**



**Fonte:** Museu da Diversidade Sexual, 2016

Uma das paredes (parede 3) refletia de dentro para fora o filme documental “Para sempre teu Caio F.” de Candé Salles e na parte posterior do museu (parede 4) estampa-se uma linha do tempo com os principais acontecimentos da vida do escritor. É nesta linha do tempo, ainda na parte externa, que encontramos a única abordagem direta do tema HIV sobre Caio. No apurado de informações do ano de 1994, lê-se: “É diagnosticado portador do vírus HIV”.

### Imagem 29- Plotagem das paredes externas 1 e 4 da exposição



Fonte: Museu da Diversidade Sexual, 2016

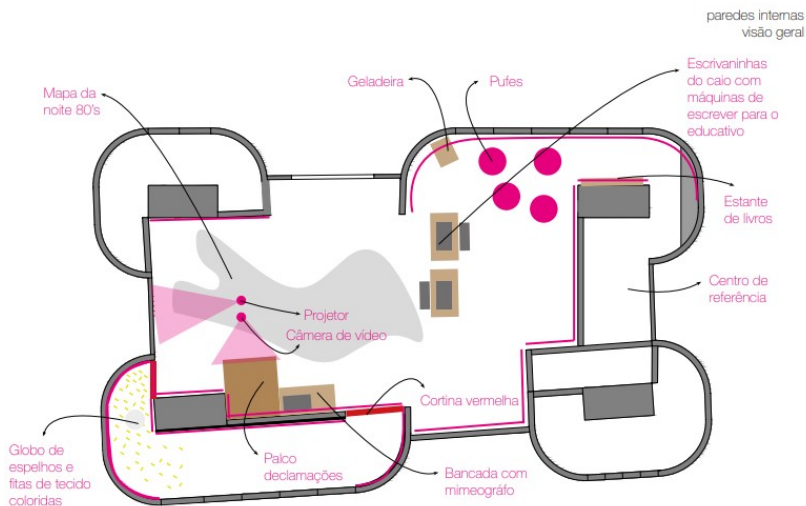
### Imagem 30 - Plotagem da linha do tempo de Caio Fernando Abreu. Em destaque trecho que aborda a temática do HIV.



. Fonte: Museu da Diversidade Sexual, 2016

Uma vez dentro do museu, o visitante emerge no universo de Caio Fernando. Com direito a escrivaninhas com máquina de escrever, mimeógrafo, palco para declamação de poemas e até mesmo uma boate.

### Imagem 31 - Expografia da parte interna da exposição



Fonte: Museu da Diversidade Sexual, 2016

### Imagens 32 e 33 - Fotos do espaço expográfico



Fonte: Museu da Diversidade Sexual, 2016

Dentre muitos fragmentos de textos e imagens do escritor, fica evidente a forma como sua sexualidade foi vivida. A frente do seu tempo, Caio foi o escritor que enfrentou a ditadura com seus textos

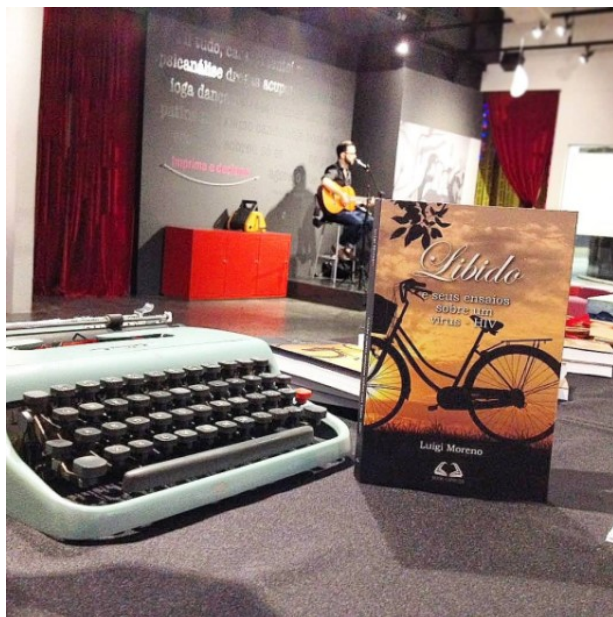


eróticos que evidenciaram as angústias de um jovem homossexual. A exposição busca através de toda a expografia invocar toda a intensidade característica de sua produção literária e de sua vida pessoal, contudo, a presença da temática do HIV/AIDS na produção de Caio Fernando é um dos elementos que o tornam um escritor de seu tempo e a ausência desta abordagem se faz notar neste projeto.

Caio aborda o HIV e a AIDS de maneira transgressora, em um período onde a epidemia rondava a vida de toda uma geração de jovens. Em seu livro “Triângulo das águas” de 1983, onde dedica três novelas aos signos do elemento água, o escritor, em “Pela Noite” aborda a AIDS de maneira clara, sendo este texto considerado o primeiro da literatura brasileira a tratar do tema. Outras produções como “Os dragões não conhecem o paraíso” de 1988 e “Onde andarás Dulce Veiga?” de 1990, também trazem em seus enredos a AIDS, ainda que de maneira metafórica.

Desta maneira, a abordagem do HIV/AIDS permanece implícita no contexto, porém secundarizada, mesmo se tratando da produção artística de um escritor que aborda de maneira tão aberta o tema em sua vida e sua escrita, contudo, a exposição se dispõe ao diálogo e propõe a discussão do tema ao longo de sua exibição, através da sensibilização da equipe de arte educação do museu e de ações que aconteceram durante a mostra, como o lançamento de diversos livros, dentre os quais, “Libido e seus ensaios sobre um vírus - HIV” de Luigi Moreno, trazendo para o espaço do museu uma literatura positiva concatenada com a ideia de produção literária realizada por Caio Fernando Abreu.

### Imagem 34- Lançamento do livros “Libido e seus ensaios sobre um vírus - HIV”



Fonte: Facebook do Museu da Diversidade Sexual

#### 3.1.3 Devassos no paraíso: O Brasil mostra sua cara

Para comemorar os 50 anos da Revolta de Stonewall<sup>28</sup> em 2019, o Museu da Diversidade Sexual organizou uma exposição baseada no livro clássico de João Silvério Trevisan publicado originalmente em 1986, “Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”. Trazendo a historicidade da comunidade LGBT no Brasil, a mostra “Devassos no Paraíso: o Brasil mostra sua cara” ficou aberta ao público de 08 de junho a 23 de setembro de 2019 e narrou a partir de documentos, fotos, matérias de imprensa, depoimentos em vídeo e

<sup>28</sup> Considerado como o evento mais importante que iniciou o movimento de libertação gay e à luta pelos direitos LGBT nos EUA, a rebelião foi uma série de manifestações de membros da comunidade LGBT contra uma invasão policial nova-iorquina, ocorrida em 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn, localizado no bairro de Greenwich Village, Manhattan, Nova Iorque.

ilustrações de Laerte e Paulo Von Poser a construção das sexualidades e expressões de gênero no país (MDS, 2019).

O autor da obra, João Silvério Trevisan é peça elementar na construção do movimento identitário LGBT brasileiro. Nascido em Ribeirão Bonito em 23 de junho de 1944 foi estudante do Seminário Bom Jesus, em Aparecida, São Paulo, formando-se em filosofia. Em 1973, quase uma década após o golpe militar brasileiro, Trevisan viaja para a Califórnia, para uma temporada na universidade de Berkeley, na Califórnia, onde entra contato com o movimento gay organizado e com a mídia especializada nessa temática (ENCICLOPÉDIA ITAÚ, 2020).

Em 1978, dois anos após regressar ao Brasil e já militando no movimento gay, participou da fundação de dois marcos do movimento LGBT brasileiro: a primeira organização gay do país, o SOMOS (Grupo de Afirmação Homossexual), e o jornal Lâmpião da Esquina, que tinha foco nas minorias e fazia oposição ao regime militar (CABETTE, 2018).

Em 1982, atendendo à demanda da editora britânica Gay Men's Press - GMP, inicia a pesquisa para escrever a história da homossexualidade no Brasil, que dá origem ao livro “Devassos no Paraíso”, lançado simultaneamente na Inglaterra e no Brasil em 1986 (TREVISAN, 2019).

A exposição, assim como o livro de João Silvério, inicia sua narrativa nos povos originários e traça uma historiografia da sexualidade e das expressões de gênero no Brasil através de personagens icônicas e fatos importantes ocorridos desde os tempos de colônia até a o século XXI (MDS, 2019).

### Imagem 35 - Cartaz da exposição



Fonte: Museu da Diversidade Sexual, 2019

De caráter altamente informacional, a exposição é carregada de textos e imagens que constroem a narrativa do livro. Tomada por belos desenhos de autoria da cartunista Laerte, as paredes externas no MDS introduziam aos visitantes, pequenos fragmentos de história e apresentações rápidas de personagens pertencentes a esta história.

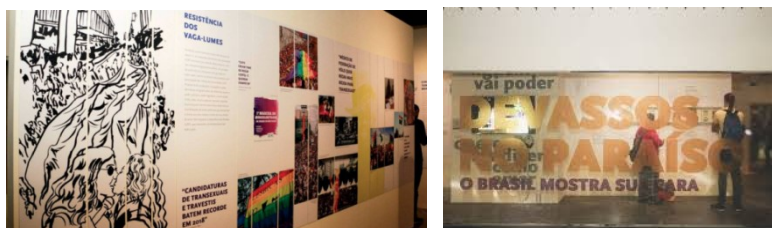
### Imagem 36- Paredes externas da exposição



**Fonte:** Museu da Diversidade Sexual, 2019

Ao adentrar o museu, a expografia divide as paredes em sessões que abordam diferentes momentos e contextos a partir dos títulos: “O estado de vir a ser - brasileiro e homossexual” falando sobre as contradições referentes à sociedade em relação a sexualidade; “O Brasil visto da lua”, que descreve uma imagem do Brasil de uma perspectiva estrangeira e de seus estereótipos; “O Deus punitivo e outros poderes” e “O retorno do Deus punitivo”, dois módulos sequenciais que retratam as relações entre religião e sexualidade e também trazem dados sobre LGBTfobia; “Primeiros tempos de ativismo” onde são relembrados os primeiros anos de visibilidade do final da década de 1970, quando são criados o grupo SOMOS e o jornal O Lâmpião da Esquina. “Resistência dos vagalumes” que discorre sobre como o ativismo se transforma em orgulho através das primeiras paradas LGBTs a também retrata outras conquistas nos âmbitos legislativo e judiciário e “vagalumes se refletem nas telas” que retratam este mesmo orgulho nas telas do cinema brasileiro, assim como os módulos “Arte de ser ambígua” e “Cinema Íris também é Brasil” que abordam a sexualidade nas mais diversas artes como a música, o teatro e a literatura.

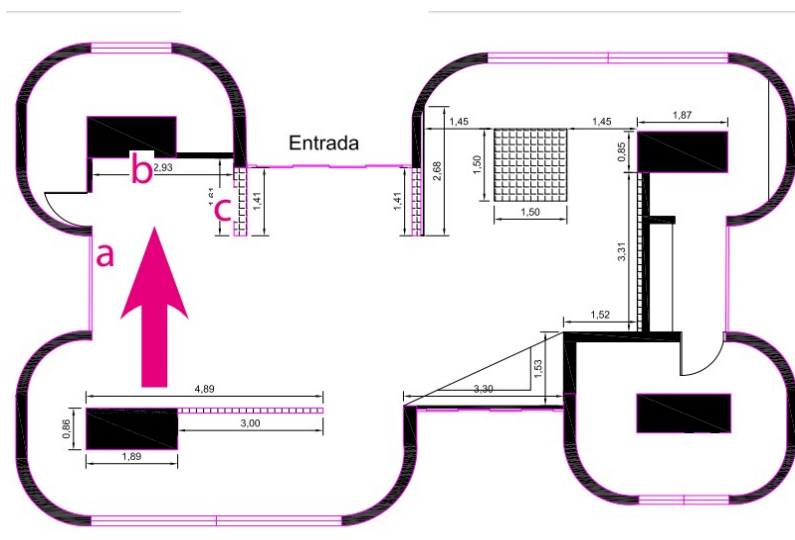
**Imagens 37 e 38 - Módulo “Resistência dos Vaga-lumes” e “vagalumes se refletem nas telas”**



**Fonte:** Rede mundial de computadores, 2019

Por fim, o último módulo “A AIDS e os anos de pânico”, traz um apurado de informações referentes à epidemia no Brasil. Das 17 paredes utilizadas como suporte, 2 se dedicavam a abordar o tema (12% do conteúdo), sendo uma para textos e imagens e outra para conteúdo multimídia (MDS, 2019).

**Imagem39- Planta expositiva da exposição. As paredes relacionadas à temática do HIV são as evidenciadas no esquema por B e C**



**Fonte:** Museu da Diversidade Sexual, 2019

Este módulo traz como conteúdo textual, um resumo bem formulado e sensível sobre a relação mútua entre a Aids e a comunidade LGBT.

Socialmente, a ameaça da Aids tocava o âmago do desejo, cujo lado mais secreto doía. No imaginário popular, ela se instalou como uma doença-metáfora da homossexualidade. Aí então veio à tona o medo: ninguém mais estaria a salvo do desejo proibido. O pânico atingiu também os arautos da moralidade: a metáfora de que a homossexualidade “pega” deixava de ser meramente figurativa. Pegar Aids significaria, no âmbito social, a denúncia de um contato com o desvio. Graças à Aids, o desejo homossexual ficou mais evidente dentro da sociedade. A partir daí, a homossexualidade afirmava-se como uma realidade menos invisível. O desvio veio à tona e, de certo modo, vingou-se, atacando em forma de vírus fulminante (TREVISAN, 2019).

O texto é acompanhado por imagens e manchetes de jornais que remetem ao período da epidemia, permitindo que o visitante estabeleça pontes e reflexões sobre o tema em relação ao conteúdo do restante da exposição.

#### **Imagem40 - Imagem do módulo expositivo relativo a epidemia de Aids.**



**Fonte:** rede mundial de computadores, 2019

“Devassos no Paraíso: O Brasil mostra sua cara” apresenta uma quantidade de conteúdo tão densa quanto a do livro que a origina, contudo, os suportes informacionais dos quais ela se materializa, limita inevitavelmente o aprofundamento de cada temática abordada nos diferentes módulos da exposição. Desta maneira, o módulo referente ao HIV/AIDS, assim como todos os outros que compõem a mostra, buscam de maneira sintetizada evidenciar a existência e a luta de uma grande comunidade ao longo de mais de 500 anos, através das imagens e textos que criam “deixas” para o desenvolvimento do pensamento crítico, trabalhado posteriormente pela equipe do educativo da instituição em suas ações ao longo da mostra.

#### **Imagem41- Personagens criados pela cartunista Laerte para a exposição**



**Fonte:** Museu da Diversidade Sexual, 2019

### **3.2 - Reflexões sobre exposições positHIVas**

A nova museologia pensada desde 1972 na Mesa-Redonda de Santiago coloca os museus a serviço da sociedade com a responsabilidade de contribuir com a formação da consciência de modo a “esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades” (ICOM, 1972).

Baseando-se nesta premissa, é função dos museus na atualidade (não somente àqueles destinados exclusivamente a preservação das memórias LGBTs) trazerem a luz de suas pesquisas e comunicações, as problemáticas da violência, do preconceito, do extermínio, entre tantas outras violências, e também da criatividade, das descobertas científicas e tecnológicas, das grandes produções artísticas, literárias e musicais que dizem respeito a este grupo.

Da mesma maneira, abordar o HIV se torna pauta de todas as instituições museológicas que se propõem a atuar dentro dos parâmetros

desta nova museologia, com o objetivo de fomentar “o desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo em que as associa aos projetos de futuro” (Atelier Internacional de Ecomuseus/Nova Museologia, 1984), já que convivemos desde a década de 1980 com um vírus que não foi vencido e que a todos diz respeito.

Sobre a preservação da memória e sua manutenção, os exemplos de exposições descritas nesta pesquisa, suscitam algumas reflexões. Ao musealizar o trabalho de artistas, ativistas e personalidades do passado que morreram em decorrência de complicações do HIV/AIDS, os museus inevitavelmente as restabelecem como referenciais no contexto da doença, não como vítimas de uma epidemia, mas a partir da relevância de suas produções. Muitas delas aproveitaram a visibilidade de suas carreiras para chamar atenção para uma questão de extrema importância e rememorar este ativismo a partir do olhar sensível dos museus é uma alternativa sensata de abordagem ao tema.

Trazer à luz dos museus a produção artística, assim como a atuação social de pessoas que morreram em decorrência do HIV/AIDS é importante, pois aproxima de maneira não estigmatizada e sem tabus as pessoas que não convivem com o vírus, sensibilizando-as sobre a inerência do vírus a partir de um olhar despido da moral e dos preconceitos, mas atento em relação a sua gravidade. Da mesma forma, evidenciar a produção e os artistas desta nova perspectiva museológica redimensiona toda a luta e as conquistas desde o início da epidemia permitindo tanto com que pessoas que vivem com HIV (principalmente das gerações do século XXI), quanto pessoas que convivem com o HIV (o restante da população) conheçam a trajetória já percorrida e se sintam reconhecidas nesta narrativa.

Sobre a produção de artistas LGBTs e pessoas que atualmente vivem com HIV, destacam-se dois artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos:



Artigo XIX - Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Artigo XXVII - 1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios. 2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor.(ONU, 1948)

Desta maneira, não existem argumentos ou justificativas que expliquem a ausência de representantes LGBTs e/ou soropositivos nas narrativas de museus, que deveriam se atentar a seus processos sob a perspectiva da Declaração de Caracas (1992) que aponta o museu como um canal de comunicação e de reflexão, reforçando a ideia do espaço como agente de transformação social. Fica às diferentes tipologias de museus o desafio e a obrigação de se aproximar das temáticas da sexualidade e do HIV/AIDS através das mais variadas pontes, que estão à disposição não só no campo das artes, mas nos esportes, na filosofia, nas ciências e tecnologias.

Um último aspecto deve ser analisado de modo a evidenciar novas possibilidades de ações referentes aos museus e que se relacionam com a atuação das diversas ONG/AIDS brasileiras.

As organizações civis geradas em detrimento da epidemia de AIDS dos anos 1980 surgem tanto como forma de pressionar o avanço das pesquisas em relação ao vírus, quanto a criação de políticas públicas relacionadas à manutenção da vida de pessoas vivendo com o vírus.

Para além de ações práticas, estas associações se tornam centros de acolhimento e sociabilidade onde pessoas que vivem e convivem com HIV podem se fortalecer não apenas acessando informações referentes à sua condição, mas trocando experiências e vivências relacionadas ao vírus, criando uma rede que extrapola as funções políticas dessas organizações.

Com o passar de quatro décadas, as ONG/AIDS hoje são detentoras de uma parte importante da história materializada em

documentos, fotos, notícias, acervos pessoais, história oral e outros variados suportes que guardam histórias individuais e coletiva da epidemia, fazendo delas, uma rica fonte de informação a quem busca acessar conteúdos relacionados à temática do HIV/AIDS e ao período da epidemia dos anos 1980. Diante desta reflexão, fica evidente a potência gerada da associação entre as ONG/AIDS e os museus no que diz respeito à pesquisa e difusão de conteúdos relativos a estas narrativas.

### **3.3 - O Museu da Diversidade como exemplo de Museologia LGBT**

A partir do desenvolvimento do pensamento museológico delineado nas diversas cartas e declarações escritas século XX que culmina na proposição de uma nova museologia e de uma nova definição de museus, assim como a ampliação sobre o que se entende em relação ao patrimônio, sua imaterialidade e sua diversidade, definidas na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural e na Convenção Para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO, entende-se a importância não apenas de se preservar as memórias e histórias da comunidade LGBT, mas também a proteção desta população, altamente invisibilizada e violentada em todas as esferas da vida.

Segundo artigos I, III e VI da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”, “todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.” e “o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei”. Desta maneira, atentar contra a vida e contra o modo de ser da comunidade LGBT torna-se um ato de violação destes direitos (ONU, 1948).

Refletindo sobre a definição de museu do novo milênio e seu papel dentro da sociedade, o Museu da Diversidade Sexual de São Paulo torna-se um exemplo de instituição museológica em consonância com as prerrogativas determinadas ao longo de mais de 70 anos.

A missão de preservar o patrimônio cultural da comunidade LGBT brasileira ecoa por todas as ações da instituição, na concepção e montagem de suas exposições, no desenvolvimento das ações socioeducativas, na pesquisa e difusão de acervos relacionados à comunidade, no estabelecimento de uma equipe que abraça transexuais, gays, lésbicas, bissexuais e heterossexuais e cujo desempenho é para além da ética, pautado na empatia e na sensibilidade.

Entendendo seu papel transformador dentro da sociedade, o museu contribui para a educação e promoção da cidadania plena e de uma cultura em direitos humanos (MDS, s.d) através de ações e atividades que extrapolam a expografia do espaço e que buscam valorizar a importância da diversidade sexual na construção social, econômica e cultural do país.

Com relação à temática do HIV/AIDS, além de exposições, a instituição adota diferentes linguagem com o objetivo de criar pontes, diminuir as barreiras e propor o diálogo com seus públicos através de performances, rodas de conversa e até mesmo viabilizando um dia de testagem e acolhimento dentro do espaço do museu, o que reafirma o compromisso da instituição com uma museologia do tempo presente, engajada no desenvolvimento de uma sociedade melhor e preocupada em atuar para atenuar os problemas que dela surgem.

**Imagem 42- Posts de divulgação das ações da relacionadas ao dia 01 de Dezembro, O Dia Mundial de Luta Contra a AIDS**



**Fonte:** Instagram do Museu da Diversidade Sexual, 2019

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O importante é saber viver, e para isso é importante reduzir o vírus da AIDS à sua real dimensão: um desafio a ser vencido. É fundamental, portanto, reafirmar que esse vírus não é mortal. Mortal somos todos nós.*

*Betinho*

Não é difícil identificar a homofobia em diferentes esferas e manifestações da cultura em nosso país e do mundo. Ela está nos discursos médico-legais, que consideravam a homossexualidade uma doença; em discursos religiosos, que associavam o ato homossexual como pecado; em visões criminológicas, que tratavam homossexuais como um perigo social; e em valores tradicionais que desqualificam pessoas que não se comportam de acordo com padrões normativos de gênero, caracterizando a homossexualidade como um atentado contra a família (BRASIL, 2015).

O *modus operandi* no qual as arbitrariedades da repressão estatal e a permissividade para a prática de graves violações dos direitos humanos de pessoas LGBT se estabelecem, legitimam a violência direta contra esta comunidade, desde o modo de viver e de socializar até as censuras de ideias e das artes que dão abertura e liberdade às sexualidades. Tratava-se de uma política destinada a eliminar as diferenças e as diversidades.

O poder em legitimar a história e a confiança dada pelos visitantes, que enxergam em suas narrativas as verdades do mundo, faz dos museus espaços de poder. Templo das musas, gabinete de curiosidades, exposições universais, museus nacionais, de história, de ciências naturais, de belas artes; Da necessidade de se exibir os louros da sociedade ocidental triunfante nascem os museus, e deste nascimento as narrativas de uma história branca, sexista, industrial e dogmática.

Ao analisarmos o processo de construção da história, fica clara a dinâmica de evidenciações e apagamentos do que chamamos de memória coletiva. Um passado comum a todos, construído da necessidade de se estabelecer um sentimento nacionalista fundamental para o século XIX, mostra uma narrativa com personagens e heróis escolhidos a dedo da perspectiva burguesa estabelecida na época.

Mas afinal, quais histórias os museus preservam? Qual passado se faz presente nos acervos? Quem essas instituições representam? Se até mesmo a maneira de entendermos e enxergarmos o patrimônio cultural são colonialista, já dizia Hugues de Varine, então nada mais resta a não ser reinventar todo o processo.

A museologia social surge da ânsia por novas representações dentro dos espaços de museu, novas histórias, novas conquistas. Um olhar para o passado a partir de diferentes e múltiplas perspectivas faz emergir o que define Pollak (1989) as memórias subterrâneas, trazendo a luz do presente as narrativas dos excluídos, dos marginalizados, dos invisibilizados, fazendo destes fragmentos de passado um solo fértil para os profissionais e instituições museológicas recontarem a história já escrita.

Não devemos queimar os livros e nem se esquecer da história oficial. Devemos ampliar a visão e enxergar o passado em toda sua complexidade, ou então, como analisa Walter Benjamin (1985), escovar a história a contrapelo para podermos descobrir o que se esconde por debaixo da grande história. Desta forma, o poder de legitimar o passado dado aos museus se amplia, transformando-os em agentes de transformação do presente e do futuro.

Neste processo, surgem diferentes museologias, dentre elas, uma museologia LGBT. Libertária e inclusiva esta nova museologia é para Baptista e Boita (2014) solidária a todas as causas sociais onde a perseguição das identidades levem à exclusão social e ao esquecimento e se estabelece a partir do pronome “nós”.

Isso porque, os membros da comunidade LGBT, no Brasil e no mundo, carregam em sua trajetória as memórias traumáticas do bullying e do preconceito, da exclusão e da violência, que em maior ou menor grau e em diferentes momentos de nossas vidas se fazem presentes. A força necessária para vencer esses momentos nos é comum e nos move pela luta para garantirmos o nosso direito de existir, de amar, de ser livre e sermos quem somos.

Em um cenário onde a homofobia é institucionalizada, os museus tornam-se ferramentas importantíssimas no combate à discriminação e a violência. Por serem considerados espaços consagrados, a abertura ao debate da sexualidade gera estranhamento e revolta, mas se faz necessária (dado os exemplos dos ataques a exposição “Queermuseu”, aberta em 2017 no Santander Cultural em Porto Alegre e encerrada em menos de um mês após pressão do Movimento Brasil Livre e à performance “La bête”, realizada no mesmo ano no Museu de Arte Moderna - MAM, em São Paulo e também atacada pelo MBL).

Lançar sobre a comunidade LGBT o poderoso “raio legitimador” dos museus nos traz à vida, nos dá rostos, nomes, histórias, sentimentos; o que gera desconforto, uma vez que estes espaços estão inseridos, como escrevem Baptista e Boita (2017), em contextos fóbicos à diversidade sexual.

A homofobia não pode nos impedir de ocupar os espaços de memória, afinal, nós existimos; sempre estivemos aqui e por aqui permaneceremos. João Silvério Trevisan (2018) em sua historiografia minuciosa sobre a homossexualidade brasileira nos lembra como a diversidade sexual é algo intrínseco ao ser humano e como a homossexualidade está presente na história do Brasil desde a colônia. Negar este fato é negar parte de nossa história e perde-se com isso a oportunidade de refletirmos sobre muitos problemas que hoje afetam nossa sociedade.

Dentre as inúmeras temáticas possíveis de serem abordadas a partir da sexualidade, uma delas é o HIV/AIDS. Mais polêmico que a própria sexualidade, o HIV/AIDS carrega consigo o peso do estigma originado de convicções éticas, ideológicas, religiosas e políticas criando, inevitavelmente, dificuldades específicas para a ação preventiva.

A delicadeza do tema demanda que sua abordagem seja ajustada a diferentes públicos-alvo, a fim de evitar efeitos não intencionados (POLLAK, 1991 p. 163) e os museus possuem, por suas competências comunicacionais e educativas, a capacidade de estabelecer múltiplas abordagens, tornando-se mais uma ferramenta de combate e prevenção à doença, ao estigma e ao preconceito.

Distanciando-se da “rigidez” do discurso médico utilizado por infectologistas e outros profissionais da área nos centros de testagem, hospitais e consultórios, os museus têm a possibilidade de sensibilizar seus públicos a partir da história, da arte e das memórias imbricadas nesta temática, além de educá-los (uma vez que muitos deles, não se vêem nas populações-chave das quais as campanhas de prevenção da doença se dirigem) sobre o vírus, a partir de informações atualizadas sobre a doença e seu tratamento, desmistificando assim os estereótipos construídos no período da epidemia.

Outro fator de aproximação dos museus à temática é a questão do direito de memória e a cidadania das pessoas que vivem e convivem com o HIV. O medo em relação à doença, que por mais de 30 anos foi sinônimo de atestado de morte, soma-se ao estigma da promiscuidade, da impureza e outros preconceitos que fizeram dela algo indizível, colocando seus portadores em um estágio descrito por Daniel (1989) de

morte civil, decorrente do isolamento e da falta de cidadania que muitos se deparam.

Contudo, a dinâmica em relação ao HIV/AIDS mudou, principalmente com o avanço das pesquisas e do desenvolvimento de um tratamento capaz de controlar o vírus e devolver a seus portadores a possibilidade de ter uma vida normal e pela ampliação nas formas de prevenção<sup>29</sup>. Desta forma, pessoas que vivem com HIV

“[...] reiteram, lutando contra rejeição por causa da AIDS, os combates que travaram para se fazerem reconhecer. Essa política de identidade transforma o caso “privado” de um atributo ocultado e carregado com vergonha em caso “público”, tornando esse atributo dizível, a fim de, num prazo mais longo, torná-lo aceitável.”(POLLAK, 1990, p 127)

Viver com HIV desde então tem sido uma luta, não contra o vírus, mas contra o estigma e o preconceito a ele atrelado e às memórias traumáticas causadas pela devastação de uma epidemia que hoje faz parte do passado.

É importante lembrar que o HIV é apenas um vírus, menor que as pessoas que o carregam. Pessoas como Cazuza, Freddie Mercury, Magic Johnson, Greg Louganis, Wagner Bello, Claudia Magno, Caio Fernando Abreu, Michel Foucaut, Michael Pollak. Artistas, atores, atletas, poetas, filósofos... Seres que para além da doença, eram dotadas de inteligência, criatividade, alegria e talento e por essas e outras razões devem ser celebrados.

Rememorar estas e tantas outras pessoas, evidenciar o trabalho de artistas positivos, promover ações voltadas para essa temática é papel dos museus, pois são práticas que estão de acordo com os preceitos da nova museologia e com a nova definição de museu do século XXI.

Falar sobre HIV/AIDS é fundamental a todos os museus assim como se preocupar e entender sobre a doença deveria ser preocupação

---

<sup>29</sup> Atualmente o Ministério da saúde adota o que é chamado de prevenção combinada, algo similar aos métodos contraceptivos à gravidez. O método mais eficiente para não se engravidar é a utilização da camisinha, porém, outros métodos podem ser combinados para que ela seja evitada como por exemplo, o uso de anticoncepcionais, o DIU, a pílula do dia seguinte, a vasectomia ou a laqueadura. Para o HIV, a dinâmica é a mesma. O método mais eficiente de prevenção é o uso da camisinha, todavia, outros métodos podem ser combinados para que se amplie as formas de proteção evitando novas contaminações, como por exemplo a Profilaxia Pós-Exposição – PEP; e a Profilaxia Pré-Exposição – PrEP, o uso de lubrificante e a testagem regular para o HIV e outras ISTs.

de todos. Michel Pollak (1990 p.64) afirma que se encontra no destino homossexual, seja ele problemático ou tranquilo, a mediação de uma inquietação existencial que se fixa na AIDS, porém tal inquietação é resultado de um processo traumático que marcou toda a comunidade LGBT, mas que devemos estar cientes das influências midiáticas, políticas, religiosas e sociais que corroboram na construção deste trauma.

Desconstruir o monstro da AIDS através da visibilidade da produção e memória soropositiva são meios de combater o estigma, promover a cidadania e garantir o acesso a informações de qualidade a todos os públicos sobre o tema.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Tatianna Meireles Dantas de; NEMES, Maria Ines Battistella; VELLOSO, Marco Aurélio. Transformações da "aids aguda" para a "aids crônica": percepção corporal e intervenções cirúrgicas entre pessoas vivendo com HIV e aids. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 6, p. 1841-1849, Dec. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000600019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000600019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 de Janeiro de 2020.

ALEXANDRA TOPPING (Estados Unidos). Nancy Reagan refused to help dying Rock Hudson get Aids treatment.. *The Guardian*. [s.i.]. 03 fev. 2015. Disponível em:< <https://www.theguardian.com/us-news/2015/feb/03/nancy-reagan-refused-help-dying-rock-hudson-get-aids-treatment>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ALMEIDA, Adriana Mortara. *Museus e harmonia social: convivência na diversidade. O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro : documentos selecionados / organização Maria Cristina Oliveira Bruno*. – São Paulo : Pinacoteca do Estado : Secretaria de Estado da Cultura : Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

AND THE BAND PLAYED ON. Direção de Roger Spottiswoode. HBO, 1993. (141 min.)

ANDRÉ CABETTE FÁBIO. *Nexo Jornal*. O ativismo LGBT na obra clássica de João Silvério Trevisan. 12 de out de 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/10/12/O-ativismo-LGBT-na-obra-cl%C3%A1ssica-de-Jo%C3%A3o-Silv%C3%A9rio-Trevisan>>. Acesso em: 25 jan. 2020

ARAUJO, Marcelo; BRUNO, Cristina. *A declaração do Quebec de 1984. A memória do pensamento museológico contemporâneo – Documentos e Depoimentos*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM; FFLCH/USP, 1995.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. "Nações Unidas". Paris 1948.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS (ABIA). *Sobre Nós*. Disponível em: <<http://abi aids.org.br/sobre-nos>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

BAAITS. *Organizational Description*. Disponível em: <<https://www.baaits.org/about>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

BAPTISTA, Jean ; BOITA, Tony . *Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus*

e iniciativas comunitárias do globo. *CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA*, v. 54, p. 29-56, 2017.

\_\_\_\_\_. Por uma Primavera nos museus LGBT. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 7, p. 252-262, 2018.

\_\_\_\_\_. .. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos do CEOM*, v. 41, p. 175-192, 2014.

\_\_\_\_\_. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC*, v. 5, p. 108-119, 2017.

\_\_\_\_\_. Museologia Comunitária, Comunidades LGBT e Direitos Humanos: estratégias de superação de fobias à diversidade sexual no Brasil. *VENTILANDO ACERVOS*, v. 1, p. 132-146, 2017.

BARATA, G. F. (2006). *A primeira década da aids no Brasil: O Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992)* (dissertação de mestrado). Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

BAUME, Matt. It's Now Been 33 Years Since President Reagan Finally Acknowledged the Existence of HIV/AIDS. [S. l.], 18 set. 2018. Disponível em: <https://hornet.com/stories/ronald-reagan-hiv/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 254p

BERLINER AIDS-HILFE EV. TAREFAS E OBJETIVOS. Disponível em: <<https://www.berlin-aidshilfe.de/%C3%BCber-uns/aufgaben-und-ziele>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

BERNARDES, Alex.ViaG. Caio Fernando Abreu será homenageado com Semana Caio Mon Amour. 2016. Disponível em: <<http://revistaviag.com.br/2016/09/09/caio-fernando-abreu-sera-homenageado-com-semana-caio-mon-amour/>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

BOITA, Tony. *Memória LGBT: Mapeamento e Musealização em* Revista. 2014. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade Federal de Goiás -UFG, Goiânia, 2014.

BRASIL. Comissão da Verdade de São Paulo. Relatório - Tomo I - Parte II - Ditadura e Homossexualidades: Iniciativas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”. Disponível em: <[http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomoi/downloads/I\\_To](http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomoi/downloads/I_To)

mo\_Parte\_2\_D itadura-e-Homossexualidades-Iniciativas-da-Comissao-da-Verdade-do-Estado-deSao-Paulo-Rubens-Paiva.pdf>. Acesso em BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Art. 215 e 216. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. DEPARTAMENTO DE DOENÇAS DE CONDIÇÕES CRÔNICAS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. . Boletim Epidemiológico de HIV/Aids. 2019. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. . O que é população-chave para o HIV? Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/20-o-que-e-populacao-chave-para-o-hiv>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

BRITISH MUSEUM. História do Museu Britânico. 2020. Disponível em: <<https://www.britishmuseum.org/about-us/british-museum-story/history>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

BUREAU INTERNATIONAL DES EXPOSITION. Our History. Disponível em: <<https://www.bie-paris.org/site/en/about-the-bie/our-history>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CAIO Fernando Abreu. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7402/caio-fernando-abreu>>. Acesso em: 24 de Jan. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CARTA DE ATENAS. Cadernos de Sociomuseologia: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.83-89, 15 jun. 2009 Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020

CARTA DE VENEZA. Cadernos de Sociomuseologia: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.105-110, 15 jun. 2009 Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020

CARTA PARA ALÉM DOS MUROS. Direção de André Canto. Canto Produções/Descoloniza filmes, 2019. (93 min.)

CAVALCANTI, Céu; BARBOSA, Roberta Brasilino; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Os tentáculos da tarântula: abjeção e necropolítica nas operações policiais às mulheres trans no Brasil pós-redemocratizado. Psicol. cienc. prof. , Brasília, v. 38, n. spe2, p. 175-191, 2018. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932018000600175&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000600175&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 31 de janeiro de 2020

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social, 2014.

Como surgiu a AIDS. [S. l.]: Redação Mundo Estranho, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-aids/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

CPDOC. FGV. Exposições Universais. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/ExposicoesUniversais>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. FGV. Liga das Nações. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDasNacoes>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

DANIEL, H. & PARKER, R., 1991. Aids - A Terceira Epidemia. São Paulo: Iglu.

DANIEL, H., 1989. Vida Antes da Morte/Life Before Death. Rio de Janeiro: Jaboti.

DARCY Penteadó. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5515/darcy-penteadó>>.

Acesso em: 22 de Jan. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

DECLARAÇÃO DE QUEBEC. Cadernos de Sociomuseologia: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.223-225, 15 jun. 2009

Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: . Acesso em: 05 de Fevereiro de 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DUARTE, Larissa Costa; ROHDEN, Fabiola. As histórias que podem ser contadas: a feminização da epidemia HIV/AIDS e a produção de narrativas científicas. Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em <<https://www.e->

- publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/40840/29777>. Acesso em 10 de março de 2020
- ESCRITÓRIO DE ARTE. Darcy Penteado. Disponível em: <<https://www.escriptoriodearte.com/artista/darcy-penteado>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- ESTATUTOS DO ICOM . Museologia e património: documentos fundamentais. Cadernos de Sociomuseologia: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.31-82, 15 jun. 2009 Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020
- GALVÃO, Jane. AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GORETTI, Tenório. DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA A AIDS: A DOENÇA CHEGOU ÀS AMÉRICAS NA DÉCADA DE 60. [S. l.], 1 dez. 2018. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/dia-mundial-luta-contr-aids-historia-gaetan-dugas.phtml>. Acesso em: 18 dez. 2019.
- GRMEK, Mirko. O enigma do aparecimento da Aids. Estud. av., São Paulo , v. 9, n. 24, p. 229-239, Aug. 1995 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141995000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 16 Jan. 2020.
- GRUPO DE APOIO À VIDA. Medicamentos Anti-HIV. Disponível em: <<http://giv.org.br/HIV-e-AIDS/Medicamentos/index.html>>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- GRUPO DIGNIDADE. Lâmpião da Esquina. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- GRUPO PELA VIDDA (Rio de Janeiro). Quem somos? Disponível em: <<http://www.pelavidda.org.br/site/index.php/quem-somos/>>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo, Vértice, 1990.
- HOOPER, Edward. The river: a journey to the source of HIV and AIDS. Londres: Allen Lane. 1999
- IBRAM. Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos. Brasília 2016.
- ICOM. DECLARAÇÃO DE CARACAS. Cadernos de Sociomuseologia: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.243-265, 15 jun. 2009 Disponível em:

<<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020

ICOM. MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE. Cadernos de Sociomuseologia: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.111-121, 15 jun. 2009 Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020

ICOM. ESTATUTOS DO ICOM. Cadernos de Sociomuseologia: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.31-82, 10 jan. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ICOM PORTUGAL. Sobre a proposta da nova definição de Museu. 2019. Disponível em: <<http://icom-portugal.org/2019/09/10/sobre-a-proposta-da-nova-definicao-de-museu/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

IPHAN (Brasil) (Ed.). O IPHAN. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

JEOLÁS, Leila Sollberger. Risco e prazer: os jovens e o imaginário da AIDS - Londrina: Eduel, 2007

JOÃO SILVÉRIOS TREVISAN. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa104431/joao-silverio-trevisan>>. Acesso em: 05 de Fev. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

LAUDAU, Caroline. A Aids mudou de cara: memória coletiva e novas oportunidades para o ativismo da Aids no Brasil. PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, pp.11-44, 2011

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum., Belém, v.7, n.1, p.31-50, Abril, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-81222012000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 30 Janeiro de 2020

MICHELS, EDUARDO; MOTT, Luiz, et. at. Grupo Gay da Bahia. População LGBT morta no Brasil: Relatório GGB 2018. : ., 2018. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3ri>

o-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Política Nacional de Museus. 16 de maio de 2003. Consultado em 6 de novembro de 2018

MORAES, C; CARRARA, S. Um vírus só não faz doença. Comunicações de Iser, Rio de Janeiro, v. 4, n. 17. 1985b

MOUTINHO, M. (Coord.) Sobre o Conceito de Museologia Social. In: Cadernos de Sociomuseologia, v.1, n.1, 1993.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. Darcy Penteados, o Observador do Humano. Disponível em: <<http://www.mds.org.br/events/darcy-penteados-o-observador-do-humano/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Devassos no Paraíso: o Brasil mostra sua cara. Disponível em: <<http://www.mds.org.br/events/devassos-no-paraíso-o-brasil-mostra-sua-cara/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Devassos no Paraíso: o Brasil mostra sua cara. Disponível em: <<http://www.mds.org.br/events/devassos-no-paraíso-o-brasil-mostra-sua-cara/>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Exposição: CAIO mon amour. Disponível em: <<http://www.mds.org.br/events/caio-mon-amour/>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Quem Somos. Disponível em: <<http://www.mds.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MUSEU DO FUTEBOL. RELATÓRIO 1º TRIMESTRE DE 2019: IDBRASIL CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA. São Paulo, 2019. Disponível em: <[https://www.museudofutebol.org.br/media/files/REL\\_TRI\\_MF\\_1\\_2019.pdf](https://www.museudofutebol.org.br/media/files/REL_TRI_MF_1_2019.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2020.

NASSIF, Luis. Como Reagan ignorou a AIDS. [S. l.], 5 jun. 2011. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/politicas-sociais/saude-politicas-sociais/como-reagan-ignorou-a-aids/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

PEDROSA, J. S. & DIAS, J. L. M., 1997. Sobre Valores e Fatos: A Experiência das ONG que Trabalham com Aids no Brasil. Brasília: Coordenação Nacional de DST e Aids/Ministério da Saúde.

PÉPIN, JACQUES. The origins of AIDS: from patient zero to ground zero. Journal of Epidemiology & Community Health. BMJ Publishing Group Ltd. 2013. Disponível em <<https://jech.bmj.com/content/67/6/473>>. Acesso em 10 de março de 2020.

POLLAK, Michael. Memória esquecimento silêncio. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, v.2 no. 3, 1989, pp3-15.

\_\_\_\_\_. Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia; tradução de Paula Rosas - São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

POZ MAGAZINE STAFF (Estados Unidos). **The POZ Decade-1995**. 2004. Disponível em: <https://www.poz.com/article/The-POZ-Decade-1995-276-7271>. Acesso em: 10 mar. 2020.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. Cadernos de Sociomuseologia, nº 16, p. 5-38; Lisboa: UCHT, 1999.

PRIMO, Judite. Museologia e património: documentos fundamentais. **Cadernos de Sociomuseologia**: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.05-14, 15 jun. 2009 Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

RUFINO, L. (2015). Exu e a pedagogia das encruzilhadas: Sobre conhecimentos, educações e pós-colonialismo. Anais do Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 8.

SCHWULES MUSEUM (Berlim). HIVstories. Política viva. Disponível em: <<https://www.schwulesmuseum.de/ausstellung/hivstories-living-politics/>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. 30 ANOS DE EXPERIÊNCIA POSITIVA - Exposição no aniversário do Berlin Aids Aid. Disponível em: <<https://www.schwulesmuseum.de/ausstellung/30-jahre-positives-erleben-ausstellung-zum-jubilaeum-der-berliner-aids-hilfe/>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

SILVA, Cristina Luci Câmara da. ONGs/Aids, intervenções sociais e novos laços de solidariedade social. Cad. Saúde Pública [online]. 1998, vol.14, suppl.2.

SISEM-SP. ABERTURA DA EXPOSIÇÃO “DARCY PENTEADO – O OBSERVADOR DO HUMANO”. 2016. Disponível em: <<https://www.sisemsp.org.br/abertura-da-exposicao-darcy-penteado-o-observador-do-humano/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SUANO, Marlene. O que é museu. São Paulo: Brasiliense, p. 10-11, 1986.

TAPAJÓS, Ricardo. Do preconceito, ou como eu virei 'o outro'. 2010. Disponível em: <<http://www.isaude.net/pt-BR/noticia/11036/artigo/do-preconceito-ou-como-eu-virei-o-outro>>. Acesso em: 26 dez. 2019.

TOM C. AVENDAÑO. El País. Caio Fernando Abreu é jovem como sempre, relevante como nunca. 2018. Disponível em:



- <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/10/politica/1536537646\\_398336.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/10/politica/1536537646_398336.html)>. Acesso em: 21 jan. 2020.
- TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo e perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi? O Lampião da Esquina. São Paulo, p. 6-8. Abril, 1978. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2020
- UNAIDS. Estatísticas. 2019a. Disponível em: <<https://unaids.org.br/estatisticas/>>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS. 2019b. Disponível em: <<https://unaids.org.br/relatorios-e-publicacoes/>>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- UNESCO. CONVENÇÃO DO PATRIMÓNIO MUNDIAL. Cadernos de Sociomuseologia: Centro de estudos de Sociomuseologia., Portugal, v. 15, n. 15, p.123-145, 15 jun. 2009 Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>>. Acesso em: 10 jan. 2020
- \_\_\_\_\_. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial , reunida em Paris, de 29 de setembro ao dia 17 de outubro de 2003
- VARIVE-BOHAN, H. Entrevista com Hugues de Varine-Bohan. In: Os Museus no Mundo. Rio de Janeiro: SALVAT Editora do Brasil, 1979. 8-21p., 70-81p
- VISUAL AIDS. ART. AIDS. ACTION. Disponível em: <<https://visualaids.org/about-us>>. Acesso em: 01 fev. 2020.
- \_\_\_\_\_. DAY With(out) Art. Night Without Light. Disponível em: <<https://visualaids.org/projects/night-without-light>>. Acesso em: 02 fev. 2020.
- \_\_\_\_\_. The Red Ribbon Project. Disponível em: <<https://visualaids.org/projects/the-red-ribbon-project>>. Acesso em: 02 fev. 2020.
- WORLD AIDS MUSEUM. Sobre. 2019. Disponível em: <<https://worldaidsmuseum.org/about/>>. Acesso em: 09 mar. 2020.
- WOROBAY, M., et al. 1970s and ‘Patient 0’ HIV-1 genomes illuminate early HIV/AIDS history in North America. Nature 539, 98–101 (2016). <https://doi.org/10.1038/nature19827>
- ÇETIN, Zülfukar;DZIUBAN, Agata; FAUS, Friederike; at al. HIVSTORIES: LIVING POLITICS. Berlin: Humboldt-universität Zu Berlin, 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/335834489\\_HIVstories\\_Living\\_Politics](https://www.researchgate.net/publication/335834489_HIVstories_Living_Politics)>. Acesso em: 30 jan. 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como parte dos requisitos necessários para a  
obtenção do Grau de Bacharelado em  
Museologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Thainá Castro Costa  
Figueiredo Lopes.

Florianópolis, 2020